



Lailah Garbero de Aragão

O ESTRANHAMENTO  
CORPORAL NA  
SOCIABILIDADE  
DO CAPITAL:  
**OBSTÁCULOS E CAMINHOS  
PARA A SENSIBILIZAÇÃO  
DO CORPO**



Lailah Garbero de Aragão



# O ESTRANHAMENTO CORPORAL NA SOCIABILIDADE DO CAPITAL:

Obstáculos e caminhos para a  
sensibilização do corpo.

1ª edição  
Juiz de Fora/MG  
2023



©Editora UFJF, 2023

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora.

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es) são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es)



#### UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

##### Reitor

Marcus Vinicius David

##### Vice-Reitoria

Girlene Alves da Silva

##### Logo Serviço Social

Luciano Cardoso de Souza

#### EQUIPE EDITORIAL DO SELO SERVIÇO SOCIAL

##### Diretora Editorial

Profa. Dra. Edneia Alves de Oliveira

##### Editora

Profa. Dra. Carina Berta Moljo

##### Diretor Associado

Prof. Dr. Alexandre Aranha Arbia  
Prof. Dr. Marco José de Oliveira Duarte

##### Conselho Editorial

Alcina Martins  
(Instituto Superior Miguel Torga - Portugal)

Carina Berta Moljo  
(Universidade Federal de Juiz de Fora)

Cláudia Mônica dos Santos  
(Universidade Federal de Juiz de Fora)

Elaine Rossetti Behring  
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

José Paulo Netto  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marco José de Oliveira Duarte  
(Universidade Federal de Juiz de Fora)

Margarita Helena Rozas Pagaza  
(Universidad Nacional de La Plata - Argentina)

Maria Carmelita Yazbek  
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Maria Lúcia Duriguetto  
(Universidade Federal de Juiz de Fora)

Marilda Villela Iamamoto  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro e  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Ana Elizabete Mota  
(Universidade Federal de Pernambuco)

Miguel Ángel Oliver Perelló  
(Universitat Illes Balears - Espanha)

Paula Vidal Molina  
(Universidad de Chile - Chile)

Rodrigo Souza Filho  
(Universidade Federal de Juiz de Fora)

Vassilis Ioakimidis  
(University of Essex - Inglaterra)

**Projeto Gráfico, Editoração e Capa**  
Paolo Malorgio Studio

Aragão, Lailah Garbero de

O estranhamento corporal na sociabilidade do capital: obstáculos e caminhos para a sensibilização do corpo / Lailah Garbero de Aragão . - Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2023.  
Dados eletrônicos (1 arquivo: 3,12mb)

ISBN: 978-85-93128-68-4

1.Serviço social. 2. Sujeito social. 3. Marxismo. 4. Alienação.  
5. Estranhamento. I. Aragão, Lailah Garbero de .II.Título.

CDU: 36.058.95

#### Editora UFJF

Campus Universitário, Rua José Lourenço Kelmer, s/n  
São Pedro, Juiz de Fora - MG, CEP: 36036-900

Telefone (32) 2102-3586

editora@ufjf.edu.br / distribuicao.editora@ufjf.edu.br

www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU



Dedico este livro a meu pai Mauricio Sérgio de Aragão, meu grande amigo, por toda condição material, afetiva e familiar proporcionada desde a escrita da dissertação, defendida em 2019. Além disso, também dedico a meu namorado, Allony Rezende de Carvalho Macedo, por toda a cumplicidade na trajetória acadêmica, as palavras de estímulo frente ao duro exercício intelectual e pelo fundamental suporte afetivo durante a revisão atualizada desse texto para publicação do livro, que ocorreu em um dos piores e mais trágicos momentos desse país.

“O que é haver ser, o que é haver seres, o que é haver coisas. O que é haver vida em plantas e nas gentes, e coisas que a gente constrói. Maravilhosa alegria de coisas e de seres.... Perante a ignorância em que estamos de como isto tudo pode ser.”

Álvaro de Campos

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>PREFÁCIO</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL</b>	<b>17</b>
1.1 A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO EM MARX	17
1.2 A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO EM LUKÁCS	25
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS E SUAS DETERMINANTES</b>	<b>35</b>
2.1 O CORPO COMO MEDIAÇÃO COM A REALIDADE	35
2.2 CONTRIBUIÇÕES DE DAVID LE BRETON PARA PENSAR A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS	36
2.3 CONJUNTURA CONTEMPORÂNEA: O CORPO ÚTIL	40
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>EDUCADORES SOMÁTICOS E SEUS ENTENDIMENTOS</b>	<b>47</b>
3.1 MOSHE FELDENKRAIS	47
3.2 GERDA ALEXANDER	50
3.3 RUDOLF LABAN	53
3.4 KLAUSS VIANNA	54
3.5 ANGEL VIANNA	59
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>ESTUDO DE CAMPO REALIZADO EM AULAS DE DANÇA - RELATO DE EXPERIÊNCIA</b>	<b>62</b>
4.1 LINEAMENTOS SOBRE A RELEVÂNCIA DO ESTUDO PARA O SERVIÇO SOCIAL	62
4.2 TÉCNICA UTILIZADA PELA AUTORA	64

4.3 A TÉCNICA APLICADA AO CORPO BRASILEIRO	70
4.4 METODOLOGIA DE ENSINO - RELATO DE EXPERIÊNCIA	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>95</b>
<b>POSFÁCIO</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>103</b>

# APRESENTAÇÃO

O livro a seguir trata-se de minha dissertação de mestrado, defendida em 06 de setembro de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Estavam presentes na banca de defesa os professores Juarez Torres Duayer – UFF (que assina o prefácio), Marco José de Oliveira Duarte – UFJF e Ronaldo Vielmi Fortes – UFJF que, também, orientou o trabalho.

Assim, realizei a revisão atualizada do texto a partir de aspectos importantes de serem revisitados, ajustados e melhor elaborados para sua publicação, após dois anos desde a defesa. Além disso, com a continuidade das pesquisas sobre o tema na escrita da tese de doutorado, nesse mesmo programa de pós-graduação e, ainda, sob a generosa orientação do Professor Dr. Ronaldo Vielmi Fortes, pude complementar aspectos – hoje, mais amadurecidos – sem afetar a integridade do conteúdo do texto.

Do mesmo modo, também realizei a revisão das fontes bibliográficas, verificando *sites* que não estão mais disponíveis para acesso por meio do domínio fornecido. Trata-se de *sites* sob administração de particulares, tais como *blogs*, que foram importantes para escrita naquele momento. Assim, apesar de considerar importante manter a menção às referências, busquei a complementação do texto com outras fontes situadas em domínios públicos e acadêmicos, de maior segurança para manutenção do acesso.

Além disso, ao revisar os itens referentes à técnica de dança utilizada em meu relato de experiência profissional – após um período de profunda maturação teórica do campo, com o surgimento de redes *on-line* de pesquisadores e profissionais da área durante a pandemia de SARS-Covid-19, por meio de discussões, palestras, fóruns, eventos teóricos e divulgação científica – pude corrigir algumas informações inconsistentes que, à época, eram hegemônicas dentre os profissionais e praticantes do estilo.

Considero que as revisões foram pertinentes à atualização do texto de maneira rigorosa e razoável, dentro dos parâmetros de possibilidades de edição para manter a integridade do trabalho.

Por fim, este trabalho foi selecionado para publicação com recurso proveniente da CAPES por intermédio do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP), destinado à Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).



# PREFÁCIO

Este livro é um convite ao corpo e à dança e seu título sugere, de imediato, que estamos diante de um convite nada trivial. Que corpo é esse, estranhado, e que dança? O corpo disciplinado para e pelo trabalho? O trabalho do qual o trabalhador foge e tem horror? O das imagens emblemáticas que Chaplin nos mostra em *Os Tempos Modernos*? Ou o corpo que pode dançar, pintar, fazer poesia, pescar?

Eu diria que se trata dos dois corpos, o que trabalha e o que dança, mas, também, de todos os corpos. A autora é pesquisadora corporal e professora de dança, estamos, portanto, em muito boa companhia. De fato, não se trata aqui de corpos genéricos que trabalham, dançam ou envolvem-se em outras atividades. É isso também, mas, voltando ao título, o propósito é o de examinar de que modo esses corpos, sujeitos e subjetividades, são afetados por uma forma social - a sociabilidade do capital - determinada em última instância pelo trabalho alienado e estranhado.

Esta é, a meu juízo, a chave de leitura oferecida pela autora: o das determinações que envolvem a totalidade das relações entre corpo, trabalho e subjetividade. Lailah leu outros autores, mas é a partir de Marx e do filósofo húngaro Georg Lukács que constrói, no rés do chão de sua vida cotidiana, em seu trabalho, as investigações sobre dança e estranhamento corporal. Quem escreve este livro não tem horror ao trabalho, muito menos ao seu, mas tem em mente o espectro da frase de Marx sobre o estranhamento - *No lo saben, pero lo hacen*.

O alvo da investigação não é o corpo que, por sua centralidade na mediação teleológica do trabalho, responde pelo processo de hominização e humanização, o corpo que em seu metabolismo ineliminável com a natureza, forjou o gênero humano tornado social. Ao contrário, a pesquisa aponta o dedo para as afetações do corpo e da subjetividade na sociabilidade que tornou o trabalho humano alienado e estranhado. Ao lembrar que, em grego, a etimologia da palavra *soma* significa *corpo*, a autora, por meio da dança, trabalha para a transformação da subjetividade do corpo estranhado em consciência corporal.

Como responsável pela investigação, Lailah sabe que a consciência do trabalho alienado e estranhado é, enquanto possibilidade, a condição incontornável para a superação mesma da sociabilidade que engendrou as formas atuais do estranhamento do ser humano e do corpo. Lukács tratou do devir da possibilidade dessa superação. Em sua *Ontologia do ser social*, ele denominou o processo de emancipação humana enquanto transformação do gênero humano *em si*, em gênero *para si*. Este é o desafio e o espaço da disputa em que se move - *partisan* - a *forma mentis* da pesquisadora, contra

o que qualifica de “corpo útil” do trabalho estranhado, o corpo da *materialidade da sociabilidade dessensibilizada*, em defesa da consciência do “corpo sensível”, antípoda de seu próprio estranhamento.

Creio que há algo de novo no desafio de investigar as pontes possíveis entre a totalidade das formas sócio-fenômênicas do trabalho estranhado e as relações entre corpo, subjetividade, arte e dança.

A importância desta iniciativa pode ser ressaltada evocando, na grande *Estética* de Lukács, as referências à gênese da dança e das manifestações artísticas, a partir das protoformas do trabalho humano. Lembro que embora não tenha dedicado um capítulo específico à peculiaridade estética da dança no reflexo da realidade, como o fez com outras manifestações artísticas, o filósofo, que definiu a arte como “a consciência de si do gênero humano”, dedicou todo um capítulo à luta libertadora da arte e sua missão social de desfetichização do mundo. Não por mero acaso Lukács utilizou em epígrafe, como mote de sua *Estética*, a frase de Marx à qual já me referi acima.

Tratamos aqui de consciência, trabalho, sujeito e objeto, corpo e subjetividade, arte, dança, emancipação humana e da possibilidade de superação da sociabilidade responsável por todas as formas de estranhamentos.

Começamos falando sobre o convite deste livro. Pelas razões aqui expostas nesta breve apresentação, creio que temos razões de sobra para não o recusar.

*Juarez Torres Duayer*  
*Universidade Federal Fluminense (UFF)*

# INTRODUÇÃO

A escolha do tema que intitula esse trabalho, advém, inicialmente, de um “incômodo”. Junto a isso houve, também, uma curiosidade investigativa. O assunto posto em crítica – ainda de maneira não aprofundada – dizia respeito a algumas “ideias comuns” que são formuladas sobre o que é ser “humano”, no que consiste o fenômeno da alienação e como funcionam os processos históricos e sociais em relação com a formação das subjetividades.

Dessa forma, o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, se deu a partir do interesse na apropriação do aporte teórico da tradição marxista para buscar as respostas que motivavam as perguntas iniciais. Tais perguntas, até então, não haviam sido submetidas a respostas suficientemente satisfatórias na formação que percorri em minha prática profissional de professora de dança e em minha graduação como bacharel em direito.

No que diz respeito à trajetória pelos temas jurídicos, a tradição curricular do curso, ao optar pela primazia do estudo e compreensão das leis em face dos sujeitos a quem estas se dirigem, foi determinante para minha aproximação das poucas disciplinas que não seguiam por este viés: Teoria Geral do Estado, Sociologia Jurídica, Antropologia, Direito Constitucional, Direito do Trabalho e Direitos Humanos.

Além disso, em meu primeiro ano de graduação, comecei a trabalhar com aulas de dança em 2011, após anos de formação que iniciou na infância. Nesse sentido, durante minhas práticas profissionais com a técnica *Tribal Fusion*,<sup>1</sup> pude perceber que os estímulos às práticas de sensibilização e habilidades criativas se desdobravam em efeitos que ultrapassavam as questões diretamente relacionadas à dança e, ainda, atingiam meu interesse em compreender as subjetividades: durante a execução de um movimento, muitas vezes, surgiam grandes dificuldades decorrentes de falta de concentração, de tensões localizadas, além das frustrações em não atingirem uma execução impecável frente ao que era proposto. Pude perceber que havia “camadas” para além da técnica que estavam “impressas” e “cristalizadas” em minhas alunas, ainda que não fossem verbalizadas ou percebidas com nitidez, fornecendo mais elementos para aguçar meu intuito em compreender a relação entre os processos sociais objetivos e o desenvolvimento das subjetividades.

---

1 Também chamado de Dança Étnica Contemporânea, Estilo Tribal de Dança do Ventre ou Fusões Tribais.

## INTRODUÇÃO

Assim, fui percebendo aos poucos – com algumas pistas fornecidas pela experiência cotidiana –, que tais “cristalizações” pareciam resultar em uma espécie de “condicionamento” frente às dinâmicas do dia a dia. Tal percepção me conduzia ao empenho de desenvolver ferramentas técnicas que possibilitassem uma sensibilização do corpo, permeado de potências e limites socialmente constituídos ao longo do desenvolvimento da personalidade, e que pudessem, ao menos, proporcionar momentos de consciência diante das inúmeras possibilidades motoras e sensórias ausentes na dinâmica do dia a dia.

A partir daí, com o ingresso no mestrado em Serviço Social, optei por unir a formação teórica adquirida na faculdade com a experiência advinda da prática profissional da dança para desenvolver meu objeto de pesquisa, com o arcabouço teórico que teria contato no programa de pós-graduação. Diante da generosa e disponível orientação que recebi do professor Ronaldo Vielmi Fortes, junto das contribuições dos demais professores que ofereceram disciplinas no curso, pude compreender com maior nitidez uma primeira lição: a simples indignação com a realidade não é capaz de transformar, efetivamente, suas bases. Assim, as inquietações que fundamentavam minha busca por entendimento passaram a ser, então, transformadas em estímulos para produção de conhecimento científico.

Dessa maneira, o desenvolvimento desse trabalho partiu da escolha em compreender a categoria do Estranhamento a partir de Marx em sua obra *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (MARX, 2010) e de Lukács em *Para uma Ontologia do Ser Social II* (LUKÁCS, 2013), considerando a manifestação desse fenômeno no complexo psicofísico – o corpo – dos sujeitos sociais. Tais autores foram decisivos para uma aproximação da complexa dinâmica do processo de subjetivação na sociabilidade do capital, por apresentarem profundas contribuições no que se refere à formação dos sentidos e da personalidade.

Assim, no primeiro capítulo desse trabalho, foi possível realizar uma análise sobre como os autores compreendem a relação entre as determinações sociais e as formações subjetivas dos indivíduos. Por meio do arcabouço teórico em questão, o tratamento acerca dos mecanismos de formação das subjetividades presentes na sociabilidade do capital proporcionou um caminho sóbrio de entendimento que, antes da pesquisa científica, havia sido permeado por confusões e erros conceituais.

Um destaque importante na apreensão da análise do primeiro capítulo diz respeito ao teor de cooptação da vida dos indivíduos ocasionado pelo fenômeno do estranhamento, condicionando um desenvolvimento subjetivo parcial e limitado às finalidades do modo de produção. Nessa direção, também foi importante verificar que o desenvolvimento das forças produtivas humanas são, igualmente, potências do gênero. Contudo, não se relacionam diretamente com o desenvolvimento da sensibilidade e

de outras dimensões da subjetividade que, por sua vez, são constrangidas frente a tal sociabilidade.

Diante disso, e frente à dinâmica em que a vida humana se desenvolve e se constitui no capitalismo, foi possível afirmar que são engendradas personalidades tacanhas e forjadas por determinações sociais que são desconhecidas pelo senso comum. A título de exemplo, podemos verificar essa situação nas explicações que atribuem a processos históricos e sociais uma falsa determinação de “naturalidade” e imanência.

Dessa maneira, e considerando contribuições de outras correntes teóricas que investigam a relação entre corpo e sociedade, na segunda etapa desse trabalho foram buscadas interlocuções advindas do campo das teorias sociais do corpo, responsáveis por desenvolverem materiais robustos acerca das questões específicas das individualidades humanas. Contudo, tais referenciais teóricos, diferentemente dos marxistas, direcionam-se no sentido de outras formas de analisar e interpretar os fenômenos da subjetividade. Deste modo, e diante da ciência de tais diferenças teóricas, houve uma aproximação das contribuições possíveis de enriquecerem a investigação do objeto, mas sem o abandono da perspectiva materialista histórica.

Quanto às diferenças mencionadas em outras correntes teóricas, observo que os estudos da questão do corpo sob o viés das chamadas teorias pós-modernas – além, também, da fenomenologia, o estruturalismo, o pós-estruturalismo, o relativismo, o existencialismo etc. – oferecem uma perspectiva analítica que segue por outros caminhos que não são os escolhidos nesse livro. Autores como Gilles Deleuze, Félix Guatarri, Merleau Ponty, Michel Foucault, Jacques Lacan, Jacques Derrida, Martin Heidegger, Friedrich Nietzsche, são bastante utilizados a partir de suas produções relacionadas ao tema. Compreendo que o complexo teórico deixado por Marx e Lukács possui grandes contribuições e análises que escapam a tais abordagens teóricas.

Apesar de não desenvolver um estudo aprofundado nesse trabalho acerca de tais autores mencionados, selecionei algumas contribuições, em específico, do autor contemporâneo David Le Breton, referência no estudo da antropologia e sociologia do corpo, ao tratar sobre as determinações que permeiam a constituição e desenvolvimento dos sentidos humanos a partir de sua obra *Antropologia dos Sentidos*. Apesar de não se situar no campo marxista, o autor desenvolve uma análise específica acerca dos sentidos que apresentou traços valiosos para a investigação do objeto.

A lacuna presente nas teorias marxistas sobre as especificidades do tema do corpo, também fundamentou o intuito da escrita desse trabalho. Diferentemente da tradição teórica que investigou a temática pelo viés anti-humanista,<sup>2</sup> a intenção nesse trabalho foi a possibilidade de desenvolver uma perspectiva concreta, partindo da relação constante de determinação entre subjetividade e objetividade, afastando

---

2 Quanto à característica anti-humanista das chamadas Teorias Pós-Modernas, ver o prefácio da obra *Pensamento 68* (FERRY, L.; RENAULT, A., 1988, p. 17).

## INTRODUÇÃO

desvios relativistas e irracionalismos que, contraditoriamente, se impõem com peso categórico e de resignação.

O modo de produção capitalista como regente da sociabilidade que se expressa através de relações sociais, depende de mecanismos próprios para atingir a reprodução de tais relações e da própria consciência dos sujeitos sociais. Suas dinâmicas que se relacionam à formação das subjetividades ferem diretamente a manutenção fisiológica “saudável” dos indivíduos, afetando e gerando sérias repercussões sobre a saúde psicofísica humana.

Entendo, aqui, que o capital não é um “ser” ou um ente específico, mas, sim, um modo de produção e reprodução da vida, expresso através de um complexo de complexos dinâmicos, históricos e sociais. Deste modo, a constituição de sujeitos, aptos a travarem relações que sustentem a trama de desenvolvimento desse sistema, é fundamental para que ele exista e se reproduza.

Deste modo, também está presente no segundo capítulo desse livro o entendimento da constituição de um “corpo útil” frente à sociabilidade do capital, de modo a investigar aspectos que possam atuar como potenciais determinantes na formação dos sentidos humanos e na constituição corporal dos sujeitos.

Ao tratar de uma hipótese de modulação corporal que se opera na sociabilidade, busquei demonstrar que tal discussão foi formulada por outros autores que se situam em outras áreas do conhecimento. Como mencionado, o tema recebe bastante atenção, mas seguindo outras abordagens analíticas que se diferenciam daquela escolhida nesse trabalho. Contudo, compreendi ser importante referenciar algumas contribuições específicas para ilustrar o tratamento da questão, realizado por profissionais da dança e educadores somáticos,<sup>3</sup> conforme se desenvolveu o terceiro capítulo.

Apesar de contribuírem de maneira bastante propositiva ao formularem técnicas e metodologias próprias, foi possível perceber que a relação entre a causa dos problemas corporais e o modo de produção da vida apresentou-se de maneira pouco desenvolvida, faltando alguns entendimentos importantes para proporcionar, inclusive, efetividade de suas propostas. A compreensão traçada nesse trabalho se apoia no entendimento de que as abordagens que cogitam a superação individual das alienações, incorrem em profundos equívocos, apesar de partilhar a posição crítica ao capitalismo. Indagamos: como superar pela via individual um fenômeno social que incide na formação da consciência? Consideramos, assim, que incorrem em erros substanciais as correntes que compreendem a superação de tal fenômeno a partir de esforços individuais.

Por outro lado, e compreendendo os limites das possibilidades práticas de sensibilização por si só, considero que há um campo de possíveis interessante a ser

---

3 Área do conhecimento que se relaciona com práticas relacionadas ao alargamento da percepção e apropriação sobre o corpo.

desenvolvido nessa circunscrição: atenção, estados de prontidão, conforto e descanso como aspectos decisivos para a reposição e manutenção da vida no modo de produção, podem perfeitamente serem realizados de maneira lesiva, não consciente e ineficaz, piorando ainda mais a existência dos sujeitos sociais. Contudo, não se pode perder de vista que o desenvolvimento de técnicas que atuam em melhorias qualitativas de reprodução da vida também pode representar uma certa consciência das alienações, oferecendo graus de bem-estar importantes, inclusive, no conhecimento dos processos que as engendram.

Acerca do desenvolvimento de um campo de possíveis, ao longo da escrita desse trabalho, pude ter contato com diversas obras, abordagens práticas e, ainda, com uma formação de dois anos em uma pós-graduação sobre consciência corporal. Essa abordagem deriva da metodologia da educadora corporal Angel Vianna e foi descrita brevemente em suas considerações trazidas no capítulo três, junto a outros teóricos e pesquisadores somáticos. Tal estudo pôde me fornecer as bases para aproximar o que entendo como “corpo útil” a uma perspectiva de “corpo em processo de sensibilização”. Assim, no quarto capítulo desse trabalho, relatei algumas circunstâncias em que pude utilizar as instrumentalidades técnicas aprendidas – aliadas à minha própria abordagem metodológica – e ilustrar um pouco do impacto e da efetividade de tais mecanismos no sentido de um alargamento de possibilidades sensíveis através do movimento e da dança.

Compreendi ao longo da escrita que uma dimensão útil é válida e necessária para o desenvolvimento das forças e capacidades produtivas materiais. Por outro lado, busquei demonstrar a regressão sensível que se procede nos indivíduos quando a finalidade e manejo de suas vidas é forjado na unilateralidade desse desenvolvimento produtivo. Nesse sentido, pude perceber que, durante as práticas com as alunas e as que eu mesma me submeti no curso de consciência pelo movimento da Metodologia Angel Vianna, existem trabalhos e instrumentos muito fundamentados para conduzir a tais estágios de desenvolvimento da sensibilidade, ainda que diante dos limites intransponíveis de emancipação ao tratarmos da circunscrição ao modo de produção capitalista.

Enquanto pesquisadora que entende que as dinâmicas sociais se interpõem de forma lesiva ao corpo, destaco, ao mesmo tempo, a necessidade das técnicas de sensibilização como instrumentalidade que capacite as pessoas a existirem com maior qualidade de reprodução de suas vidas, considerando que a superação do modo de produção não será feita sem relações sociais. Portanto, compreendo que nos apoiarmos nas potências contidas na sensibilização do corpo é postularmos condições subjetivas mínimas para uma efetiva transformação do modo de produção e reprodução da vida.

Assim, buscando produzir um estudo que considere o corpo como um complexo psíquico e físico, pretendi demonstrar que, enquanto seres humanos, ainda

## INTRODUÇÃO

desconhecemos muitos aspectos de nossa existência genérica e, também, dimensões da própria personalidade que desenvolvemos ao longo da vida. A tentativa de verificar tal postulado se desdobrou nesse trabalho, em suas etapas teóricas e práticas.

O caminho trilhado nesse trabalho buscou se afastar de uma espécie de abordagem que se utiliza de Marx de forma aleatória e fragmentada, tal como alguns autores que se aproximam de suas contribuições para tratar sobre corpo já o fizeram. Compreendemos, também, que tal temática representa uma discussão pouco comum campo do marxismo, mas a partir do esforço de rigor com o pensamento marxiano e as contribuições marxistas desenvolvidas por Lukács no século XX, realizamos a edificação de uma análise pautada nos pressupostos da análise da totalidade, do humanismo e do materialismo como um compromisso severo ao longo da escrita.

Finalmente, para dar início ao desenvolvimento da presente análise, destaco que a questão da alienação – e especificamente da categoria do estranhamento – será tratada, reforçada e enfatizada como um fenômeno histórico e social, demonstrando como esse problema afeta o desenvolvimento das potências do gênero no processo de subjetivação através da corporeidade dos indivíduos – forjada a partir do sacrifício da vida em favor da produção.<sup>4</sup>

---

4 (MARX, 2010, p. 90).



# CAPÍTULO I

## Elementos teóricos para a compreensão do estranhamento corporal

Partindo da pretensão investigativa que fundamenta esse trabalho, é necessário delimitar o horizonte teórico que perpassamos para construir a pesquisa. Ao tratar sobre as correlações entre consciência corporal e os processos sociais que revestem esse conceito, deparamo-nos com diversos autores que propõem análises originadas de correntes filosóficas distintas.

Diante dos limites que integram a escrita de um trabalho realizado no decurso temporal de uma pós-graduação *stricto sensu*, destacamos que a seleção bibliográfica se restringiu ao direcionamento que pretendemos traçar ao longo dos capítulos, de modo a demonstrar o problema da consciência como um fato social que se desenvolve de maneira processual e engendrada firmemente no chão social que habitamos. Buscamos afastar, aqui, as concepções que atribuem a alienação enquanto um fator humano, natural do ser, imanente.

Assim, dois autores contribuem consideravelmente para os caminhos que pretendemos percorrer, oferecendo categorias de análise que esteiam a compreensão objetiva acerca de questões que tocam ao campo da subjetividade humana. Autores que retiram a alienação do terreno da responsabilidade individual e a analisam seriamente como um fenômeno histórico e social que se manifesta na formação das subjetividades.

Analisaremos as categorias elaboradas por Karl Marx e, sucessivamente, estudadas e desenvolvidas com maiores desdobramentos por György Lukács. Autores estes que, apesar de não contracenarem a mesma conjuntura histórica, se debruçaram em observar com minúcia e analisar a complexa trama articulada na sociabilidade capitalista, forjada na contramão da emancipação humana.

### **1.1 A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO EM MARX**

Muitas pessoas atribuem uma imagem puramente economicista a Marx, sem abarcar as demais contribuições que o autor desenvolveu no sentido de análises filosóficas

## CAPÍTULO I ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL

sobre aspectos ontológicos da formação social. Neste trabalho, selecionamos uma obra de grande expressão do pensamento marxiano e que somente foi publicada muitos anos após sua morte, em 1932 na União Soviética: os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* de 1844. Essa obra, apesar de ser destacada por alguns pesquisadores como um trabalho de uma fase ainda jovem de Marx, já continha elementos decisivos para o desenvolvimento de seu pensamento maduro, não cabendo tal dicotomia.

Em seus manuscritos, Marx realiza um trabalho de análise que traz à tona a crítica da economia política de seu tempo, – a qual ele se refere como *economia nacional* – tendo em vista que, na época, os respectivos teóricos da área não se debruçavam em compreender as reverberações imediatas da produção sobre a vida dos trabalhadores (MARX, 2010, p. 82). Em Marx, o apontamento das repercussões humanas que estavam sendo articuladas pelo modo de produção é apresentado com uma preocupação evidente ao longo de sua escrita (Idem, p. 79).

Destacamos aqui o capítulo *Trabalho Estranhado e Propriedade Privada* onde o autor inicia a exposição desse cenário, sendo bastante enfático em localizar seu texto na conjuntura presente – no momento de sua análise que ocorreu no século XIX –, sem deslocamentos teóricos a períodos primitivos que obscureciam questões pertinentes e nada explicavam, como aponta que faziam os economistas políticos de sua época. A escrita do autor demonstra a todo momento ser comprometida com a realidade posta no contexto em que se encontrava inserido e suas implicações (Idem, p. 80).

Nesse sentido, Marx inicia sua análise detectando as contradições manifestas na produção das riquezas industriais em face do empobrecimento dos sentidos físicos e espirituais dos sujeitos que as produziam. Conforme disserta, a efetivação do trabalho representava, diretamente, a objetivação e desefetivação do próprio trabalhador, configurando, assim, a sua perda essencial e sua servidão diante da mercadoria produzida. Ou seja, aquele sujeito que despendeu sua energia para criar algo, se objetivou de modo a concretizar parte de sua energia vital para a constituição de um objeto externo, alheio, estranho, não pertencente a si próprio e dotado de um poder quando passaria a se constituir como uma mercadoria (Idem, p. 81).

Para o autor, quanto mais o trabalhador desenvolvia sua força produtiva, objetivada em mercadorias, mais ele tinha diante de si uma impotência quanto à sua própria subjetividade, pois a partir do momento em que sua potência se objetivava em algo externo e estranho a si mesmo, o que lhe restava era modular sua vida para que o restante de suas funções vitais correspondesse e restaurasse sua disponibilidade física e espiritual para exercer sua atividade produtiva.

Em um momento muito importante de sua escrita, Marx compreende que o advento da valorização do mundo das coisas interpunha-se inversamente proporcional à valorização do mundo dos homens. O autor visualizou, assim, a ocorrência de um

*factum econômico* que indicava um efeito da produção incidindo sobre os indivíduos, o qual ele denominou como estranhamento (*Entfremdung*) (Idem, p. 80).

É interessante ressaltar que, para o autor, essa categoria se expressa sob um prisma que reflete, a partir da atividade produtiva, um fenômeno que ocorre na vida dos sujeitos frente aos objetos produzidos por eles próprios, que deve ser desdobrada no tocante aos seus efeitos sobre o complexo da formação da subjetividade. Não se trata, meramente, do trabalhador não ser possuidor da mercadoria que produziu, pois ao se objetivar através dessa transferência de sua vitalidade para “dar vida a uma coisa”, é como se as mercadorias estivessem sendo cada vez mais potencializadas em face dos próprios sujeitos que as criam. Resulta, assim, um cenário que ilustra uma enorme pobreza no “mundo dos homens” e grandes riquezas no “mundo das coisas”.

Nesse sentido, Marx correlaciona esse aspecto de constrangimento da formação da subjetividade a exemplos que não se relacionam diretamente com o trabalho, utilizando a religião para ilustrar seu entendimento. Verifica que, nessas circunstâncias, quanto mais é atribuído à figura de Deus – assim como na objetivação que resulta na mercadoria-, menos atribuições há sobre si próprio:

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto *estranho* estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. É do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra sua vida no objeto; mas agora ele não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quanto maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A *exteriorização* (*Entäußerung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência *externa* (*äussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe *fora dele* (*ausser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (MARX, 2010, p. 81).

Outra maneira que Marx buscou demonstrar a relação de servilismo do trabalhador frente ao objeto de sua produção foi por meio da crítica ao salário, ao perceber que tal remuneração, na verdade, representava uma quantia para que o trabalhador simplesmente fosse capaz de suprir suas carências repositivas, retornando cotidianamente ao seu trabalho com suas forças orgânicas repostas para desempenhar seu trabalho de maneira útil e produtiva, para gerar ainda mais riquezas. Ao fim, tais riquezas não seriam suas e, tampouco, estariam contidas em sua remuneração

salarial. Assim, seria como se o salário representasse, na verdade, apenas uma quantia repositora da mercadoria que o trabalhador estava colocando à venda: sua própria vitalidade, expressa através da sua força de trabalho.

Tal forma de reprodução da existência, dessa forma, estaria atrelada ao desenvolvimento fragmentado das subjetividades, enquanto o ensejo à unilateralidade do desenvolvimento da capacidade produtiva dos trabalhadores, paralelamente, conformava e constringia o desenvolvimento das demais potências humanas.

Adiante, Marx descreve outros efeitos decorrentes da objetivação dos trabalhadores nas mercadorias e desdobra como esse processo se relaciona com outra perda, que se refere à relação dos indivíduos com a natureza. Considerando que o desenvolvimento das forças produtivas humanas parte da atividade de transformação da natureza através do trabalho, no interior da sociabilidade do capital, tal atividade toma formas que pressupõem o próprio desconhecimento destes mecanismos. Ao produzirem para outrem, com ferramentas e condições estranhas a si mesmos – e que sequer lhes pertencem – isso ainda se agrava quando a finalidade produtiva se direciona à própria valorização das mercadorias em face dos trabalhadores.

Ao sacrificar o desenvolvimento do gênero em favor da constituição das mercadorias e das forças produtivas, não há possibilidade de coexistir uma circunstância marcada, também, pelo desenvolvimento humano emancipatório. O trabalho, que em princípio não guarda nenhum requisito que envolva a relação com a condução a estranhamentos, se reveste de mecanismos condutores a perdas subjetivas no capitalismo, que, por sua vez, mediante o trabalho estranhado, se apropria e explora não só a natureza como, também, o ser humano. Nesse sentido:

Quanto mais, portanto, o trabalhador se *apropria* do mundo externo, da natureza sensível, por meio do seu trabalho, tanto mais ele se priva dos *meios de vida* segundo um duplo sentido: primeiro, que sempre mais o mundo exterior sensível deixa de ser um objeto pertencente ao seu trabalho, um *meio de vida* do seu trabalho; segundo, que [o mundo exterior sensível] cessa, cada vez mais, de ser *meio de vida* no sentido imediato, meio para a subsistência física do trabalhador (MARX, 2010, p. 81).

É importante pontuar que a objetividade crítica de Marx não se fundamentava em um apelo moral ou em apontar subversões individualizantes frente à sociabilidade capitalista. Sua crítica direciona-se, de maneira sóbria e analítica, a expor a profunda contradição dialética que esse processo estava gerando nas relações humanas e, propriamente, no desenvolvimento das subjetividades.

Além disso, as análises críticas realizadas pelo autor, relativas à divisão social do trabalho e à propriedade privada, demonstram capacidades de aniquilamento frente a possibilidades de construção de condições materiais para abranger o desenvolvimento da esfera sensível do ser social. Dessa forma, aponta que a vida produtiva figurava

apenas como uma atividade de sanação de carências e manutenção da existência física, minimizando a amplitude do gênero a consciências e comportamentos tacanhos e animalescos.

Quanto a essa comparação, Marx considerava que o modo em que o trabalho era posto pelas leis da produção manifestava-se incapaz de possibilitar um desenvolvimento amplo das subjetividades. Ademais, que ao trabalharem sob essas circunstâncias, apenas nas funções semelhantes aos animais – aspectos primários da sobrevivência – haveria o sentimento de liberdade e atividade. Dessa forma, as especificidades inerentes à individuação enquanto seres humanos não seriam aprofundadas e desenvolvidas. Nesse sentido, o autor menciona:

É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; [no animal,] o seu produto possui imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da species à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer species, e sabe considerar, por toda a parte, a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza (MARX, 2010, p. 85).

Tal recurso metafórico utilizado por Marx, põe aqui uma exposição da situação em que se desenvolve a vida dos trabalhadores quando afastados de seus trabalhos: os reflexos da exploração, do esgotamento e da apropriação do tempo de vida mediante as duras jornadas de trabalho, fortaleciam mecanismos que, além de proporcionarem a esfera de consolidação do estranhamento, conduziam à formação de sujeitos com anseios compulsórios e constituídos a partir de uma atividade usurpadora de modos de vida autênticos e livres. As ações realizadas no curto tempo que lhes sobraria, seriam correspondentes às devidas restaurações orgânicas e de subsistência primária, necessárias para efetivarem apenas a reposição e venda de suas forças de trabalho, novamente, no dia seguinte.

Assim, inaugura-se uma relação de servidão específica do capitalismo, na medida em que o capital produziria o trabalhador e o trabalhador, assim, produziria o capital. Ou seja: o trabalhador torna-se fruto de uma constituição social onde produz a si mesmo como um produto vivo do capital. Tal processualidade representa uma conformação social, reproduzindo uma forma de sociabilidade que incide sobre os próprios sujeitos que a engendram, de maneira compulsória e independente de suas consciências. Assim, emergem indivíduos que se constituem na medida e subordinados à sociabilidade do capital, para sua manutenção e expansão (Idem, p. 91).

## CAPÍTULO I ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL

Nesse sentido, Marx considera que, aos olhos da produção, o ser humano seria apenas uma *besta reduzida às mais estritas necessidades corporais* (Idem, p. 31). Apesar dessas necessidades representarem, também, funções humanas, o autor aponta que, restritos apenas a tais possibilidades, tais funções repositivas básicas representariam o único momento de liberdade dos trabalhadores, conduzindo a um desenvolvimento precário de suas vidas interiores:

O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador (MARX, 2010, p. 82).

Dessa maneira, o ser humano estranha sua própria condição do gênero e, propriamente, sua existência, que se dá de maneira concreta através de seu próprio corpo:

O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 2010, p. 84).

Diante das “condições objetivas de vida” passarem a operar como “condições de sobrevivência”, a conservação da própria existência passaria a repercutir, via de regra, como a manutenção da integridade física. O cotidiano dos trabalhadores estaria reduzido a trabalharem e suprirem necessidades capazes de garantir a continuidade de suas capacidades produtivas. Os sentidos físicos passariam a serem constituídos pelas necessidades advindas da sociabilidade e da demanda repositora interposta pela produção.

Dessa forma, com a consolidação do capitalismo, Marx verifica um contexto de reprodução da vida dos trabalhadores marcado e reduzido por determinações sociais condutoras à manutenção orgânica primária, direcionado a finalidades estranhas ao desenvolvimento da esfera sensível e resultando consciências tacanhas frente às potências do gênero.

A partir dessa análise, Marx expõe um quadro em que verifica a cisão das concepções entre o gênero humano e sujeito social. Havia para o autor uma diferença substancial entre esses dois elementos porque o indivíduo que é constituído pela sociabilidade do capital enquanto sujeito social, recebe determinações socialmente engendradas que não operam em benefício do desenvolvimento do ser humano em sua integralidade.

Aos olhos do autor, as coisas materialmente produzidas pela humanidade, através da divisão social do trabalho, engendraram uma diretriz de desenvolvimento humano subordinado a dar “vida” a tais mercadorias, em sacrifício de suas próprias vitalidades. Nesse sentido, configura-se uma fragmentação na formação do próprio ser humano e sua relação com o mundo, firmada na perda essencial de suas próprias atividades e criações que, para serem desenvolvidas, pressupunham outra forma social de produção.

Diante disso, para forjar tais existências, era necessário um apagamento, inclusive, na atividade que os trabalhadores exerciam, tornando-os estranhos à própria execução da efetivação de suas forças de trabalho. Quanto mais produziam, mais se encontravam alienados de sua natureza. Quanto mais amplificavam o mundo das coisas, menos obtinham em suas dimensões subjetivas. Dessa maneira, Marx compreende que as determinações interpostas pela sociabilidade na constituição das subjetividades, operam em descompasso com o desenvolvimento das capacidades humanas.

Compreender o funcionamento de tais mecanismos nos fornece um parâmetro de entendimento categorial desse processo, verificando a possibilidade de sua manifestação, também, na contemporaneidade, revestido sob outras formas imediatas, mas conservando sua essência.

O estranhamento está presente nos dias atuais como mecanismo de sustentação da reprodução capitalista, consolidando uma base subjetiva necessária para a valorização das mercadorias, afetando diretamente a subjetividade humana na dimensão de suas consciências, comportamentos, formação dos sentidos e, propriamente, em suas corporeidades.

Entretanto, não se trata de uma análise simples de causa e efeito sem a compreensão dos contornos que distorcem a formação dos sujeitos sociais. A categoria do estranhamento afeta os sujeitos no tocante a sua dimensão sensível, tendo em vista que suas vidas são reduzidas a meras funcionalidades úteis à produção e aos fundamentos da divisão social do trabalho. Quanto a essa fragmentação, Marx entende:

O lugar de *todos* os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do *ter*. A esta absoluta miséria tinha de ser reduzida a essência humana, para com isso trazer para fora de si sua riqueza interior (MARX, 2010, p. 108).

Falar sobre essa fragmentação dos sentidos que o autor propõe é referir-se à deformação causada por um fato social, distante de qualquer circunstância natural ou imanente que reduza o ser humano a uma parcela de sua existência. A aptidão e o aprofundamento das qualidades referentes a capacidade de desenvolvimento de suas forças produtivas, que a sociabilidade do capital interpõe, toca apenas em uma dimensão dos sujeitos sociais, aniquilando outras formas de existência que desviem da



## CAPÍTULO I ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL

finalidade da geração de lucro e que, conseqüentemente, esvaziam a esfera sensível e integralizada dos seres humanos.

Diante disso, o decurso do tempo evidenciou a especialização desse processo que chega na contemporaneidade de uma forma remodelada, reconfigurada, mas, ainda assim, tendo como base a manifestação dessa categoria que surge de um fato social com gênese, decurso histórico, formas fixadoras e especialização.

Ainda que os contornos da sociabilidade de hoje sejam distintos da que foi objeto de análise de Marx no século XIX, o aprofundamento do capitalismo operou-se de modo a conservar suas bases, apesar de ter transformado suas formas de manifestação. As contribuições de Marx expõem um processo que engendrou condicionamentos projetados sob o indivíduo, que afetam o campo da subjetividade e que, com o passar dos anos vivendo sob o mesmo sistema cada vez mais aperfeiçoado, apresentam-se remodelados e latentes.

A partir do momento indicado por Marx, foram constituídas relações, tal como “teias”, que iriam atingir vários outros segmentos da existência humana: o campo político, educacional, cultural, religioso, familiar etc. Todas essas outras dimensões que também compõem o ser social não saíram ilesas dessas determinações, tendo em vista que seriam articuladas e estruturadas pelos próprios sujeitos, frutos dessa sociabilidade capaz de fragmentar as subjetividades.

Diante dessa nova maneira de conceber a própria existência, onde a utilidade se impõe em função da especialização, da concorrência com outros sujeitos e na venda de sua força de trabalho em troca de um salário que lhe serviria para reabastecimento básico vital, as conseqüências que incidem sobre a subjetividade humana acabam por resultar um afunilamento restritivo das capacidades de desenvolvimento do gênero.

Com o fenômeno histórico-social do estranhamento foram sendo gestados inúmeros elementos na sociabilidade capazes de repercutirem sérias determinações sobre os indivíduos, reforçados através das relações que iam se estabelecendo de maneira coisificada. Assim, tais elementos foram capazes de incidir, também, na dimensão sensível da constituição de suas subjetividades, amputando a possibilidade de desenvolvimento de peculiaridades – agora sim, imanentes ao gênero humano – que nos diferenciam dos animais.

Tais condicionamentos que passariam a atuar nos sujeitos sociais dizem respeito à formação da corporeidade e seus sentidos, que seriam, então, moldados de maneira reduzida a finalidades alheias aos próprios trabalhadores. Ao passo que as inúmeras dimensões dos sujeitos sociais caminharam no sentido das prioridades atinentes ao modo de produção, vale frisar que os avanços tecnológicos progrediam adiante, sobrepondo o processo de desenvolvimento do gênero.

O resultado gestado durante todo o período da análise de Marx até o momento atual, ilustra o que destacamos aqui como uma dicotomia de um corpo útil em face



de um corpo sensível, capaz de manejar e ter consciência de vislumbrar as inúmeras potências que possa desenvolver e usufruir.

Desenvolvemos máquinas, aparelhos, inúmeros facilitadores que otimizam o tempo, além de diversos instrumentos que diagnosticam os sintomas de um corpo engendrado a partir do rendimento utilitário. Quanto aos demais níveis de desenvolvimento sensível, como, por exemplo, o artístico e cultural, são retroalimentados por esse mesmo cenário. As infinitas potências do gênero, que não se resumem aos pressupostos da utilidade, são estranguladas e desenvolvidas à sombra de tal espectro.

A corporeidade no capitalismo não possui condições objetivas para se desenvolver em sua ampla potência. O corpo que recebe as repercussões da sociabilidade é cotidianamente conduzido a respostas e modulações produtivas. Seu ritmo é atravessado por determinações sociais constituídas ao longo dos anos de distorção da formação dos sentidos. Logo, consideramos possível afirmar que os aspectos e determinações integrantes na formação das subjetividades, atendem às necessidades de produtividade sob condições mínimas de manutenção da vida.

As contribuições de Marx demonstram esclarecimentos decisivos para compreender que o problema das formas de subjetivação possui relação direta com o desenvolvimento das condições objetivas de vida. Mesmo diante de recorrentes afirmações de que as categorias marxianas estão ultrapassadas e não condizem mais com a realidade que vivenciamos, não nos resta dúvida que se transpusermos literalmente as palavras de Marx para analisar a contemporaneidade, iremos justificar com razão tais críticas. Entretanto, o autor não pretendeu codificar uma realidade estratificada. A análise realizada oferece gênese e determinações constitutivas do fenômeno dos estranhamentos, onde podemos observar como foi o curso desse processo por meio das especificidades da história que ainda se encontra em movimento. Dessa forma, esse trabalho busca demonstrar de que maneira essa repercussão se localiza nas expressões contemporâneas e, especificamente, no que se refere à corporeidade dos sujeitos sociais.

## 1.2 A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO EM LUKÁCS

A partir da categoria do estranhamento elaborada por Marx em seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, o filósofo húngaro György Lukács dá continuidade aos aprofundamentos na compreensão desse fenômeno em sua obra *Para uma Ontologia do Ser Social II*. A título de introdução, é importante enfatizar que o desenvolvimento do tema, nas quase trezentas páginas dedicadas à questão do estranhamento, é expresso por uma sofisticada análise filosófica. Seria impossível nos remetermos de maneira rigorosamente detalhada, em apenas algumas páginas, como parte de uma análise específica sobre a questão do estranhamento do corpo. Contudo, a tentativa nesse item, dedicado às contribuições do autor que consideramos pertinentes para

o tratamento do problema em questão, é aproximar alguns elementos de sua análise que representam importantes aspectos para o desenvolvimento do assunto.

Nesse sentido, destacamos a relevância de dois conceitos preliminares à menção de seus lineamentos sobre o estranhamento, presente no capítulo *O ideal e a ideologia*, quando o autor discorre acerca das contradições existentes nos aspectos do desenvolvimento da humanidade, ao tratar das genericidades *em si* e *para si*.

Ao elaborar sobre a relação entre alienação e objetividade, expondo os desafios na demarcação das “linhas divisórias” no momento predominante entre um aspecto e outro nas formações ontologicamente unitárias, Lukács aponta que daí emerge uma “genericidade real no sentido do existente em si e o desdobramento da individualidade humana” (LUKÁCS, 2013, p. 424). Em seguida, referindo-se ao desenvolvimento de uma genericidade *para si*, como um salto daquela forma para esta no autodesdobramento do ser social, o autor aponta esse fenômeno como o início do que poderíamos compreender como uma verdadeira “história da humanidade, na qual a – irrevogável – contraditoriedade entre indivíduo e totalidade social deixa de ter, no âmbito da genericidade, um caráter antagônico” (Idem, p. 426). Compreende:

Assim sendo, o desenvolvimento da humanidade do ser-em-si do gênero para seu ser-para-si constitui um processo que se desenrola nos homens, em última análise, em cada homem singular, como separação interior entre o homem meramente particular e aquele, no qual o ser-para-si do gênero luta pela existência – por mais primitiva, por mais errônea que seja essa luta. (...) (LUKÁCS, 2013, p. 426).

Frente ao exposto, ao tratar sobre o problema do estranhamento no capítulo posterior, Lukács retoma a referência a tais categorias, propondo uma importante reflexão para as questões levantadas nessa pesquisa: o autor compreende que, desde o desenvolvimento do trabalho e de sua divisão social, os efeitos da genericidade *em si* se manifestam, tendo como resultados desse processo a remodelação ininterrupta e imediata da vida sensível dos homens (LUKÁCS, 2013, p. 597). Além disso, em uma passagem anterior, no mesmo capítulo, o autor relaciona certa altura da divisão do trabalho com a constituição da história do estranhamento humano (Idem, p. 586).

Tais menções se fazem importantes na medida que nos fornecem elementos para compreender – sem silogismos – a existência de uma estreita relação entre as condições objetivas, interpostas pela divisão do trabalho com os aspectos decisivos no desenvolvimento do gênero *para si*, enquanto fator de constante de modulação da vida sensível dos homens.

Assim, compreendendo a dissonância inscrita na constituição das humanidades, a partir da divisão do trabalho, retomamos a importância do apontamento realizado pelo autor quanto ao surgimento do estranhamento como fenômeno histórico-social em face de uma suposta e ineliminável “condição humana universal”:

Se quisermos delinear com nitidez e, apreender concretamente o fenômeno do estranhamento, precisamos, antes de tudo, visualizar de modo preciso a sua posição dentro da totalidade do complexo social do ser. Pois se deixarmos de fazer isso – não importa se em consequência de uma compreensão muito ampla ou muito estreita do próprio fenômeno –, a análise inevitavelmente cai dentro de um turbilhão de deformação ideal. Visando evitar isso, deve ser dito logo de início que examinaremos o estranhamento como um fenômeno exclusivamente histórico-social, que emerge em certos picos do desenvolvimento em curso, assumindo a partir daí formas historicamente sempre diferentes, cada vez mais marcantes. A sua constituição, portanto, não tem nada a ver com uma *condition humaine* universal, possuindo menos ainda qualquer universalidade cósmica (LUKÁCS, 2013, p. 577).

Em seguida, ao localizar a relação entre o fenômeno e o desenvolvimento histórico-social a partir de certa altura da divisão do trabalho, Lukács menciona uma importante contribuição de Marx com relação ao estranhamento. Tal menção refere-se à contradição dialética que decorre dessa categoria no que se refere ao desenvolvimento das forças produtivas humanas em prejuízo ao *desenvolvimento da riqueza da natureza humana com o fim em si*. Conforme Marx preleciona e Lukács discorre na *Ontologia*, o processo que engendra as capacidades produtivas nos indivíduos não anula completamente o desenvolvimento do gênero. Entretanto, modula a formação da generidade humana em função das finalidades interpostas pela divisão do trabalho (Idem, p. 580).

De acordo com Lukács, não restam dúvidas que o resultado concreto do desenvolvimento de tais forças produtivas se expressa, efetivamente, em potências humanas convertidas para as finalidades de confirmação da divisão do trabalho. Entretanto – e na direção da menção de Marx nos *Manuscritos*, ao tratar da prevalência do sentido do *ter* sobre os sentidos relacionados ao *ser* – o autor compreende que não se procede o desenvolvimento do que poderia ser compreendido como um desdobramento da potência do gênero humano, em curso diante da situação descrita, principalmente no tocante à personalidade.

Reside nessa fragmentação a crítica apontada por Marx e analisada por Lukács, ao indicarem que as repercussões sociais geradas a partir do modo de produção capitalista constituem parte de um determinado desenvolvimento, mas impossibilitando a efetivação das amplas potências da humanidade:

Desse modo, porém, circunscreveram-se apenas os contornos do ser do nosso fenômeno, do estranhamento. O próprio fenômeno, claramente delineado por Marx nos enunciados citados por nós, pode ser assim formulado: o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas. Contudo – e nesse ponto o problema do estranhamento vem concretamente à luz do dia –, o desenvolvimento das capacidades humanas não acarreta necessariamente um

## CAPÍTULO I ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL

desenvolvimento da personalidade humana. Pelo contrário: justamente por meio do incremento das capacidades singulares ele pode deformar, rebaixar, etc. a personalidade humana (LUKÁCS, 2013, p. 581).

É possível compreender que o autor trata a respeito de uma espécie de “constituição humana parcial” em face da extensa magnitude do que os indivíduos seriam capazes de alcançar como potência do gênero, considerando os mecanismos que agem em curso da consolidação do estranhamento. Nesse sentido, as condições objetivas para o desenvolvimento dos sujeitos conduziram a finalidades que desconsideram a capacidade de amplitude da generidade humana, afetando diretamente a formação das personalidades e reduzindo suas vidas a operarem de acordo com aspectos socialmente determinados para a confirmação do modo de produção sob sacrifício da vida humana.

Lukács aponta: “É muito importante compreender claramente que esse conflito se refere à esfera vital inteira do homem, portanto, também à vida dos seus sentidos” (Idem, p. 593). Consideramos tal afirmação fundamental diante da proposta apresentada neste trabalho. A categoria do estranhamento, ao modular os indivíduos em função de formas de vida parciais e que não possibilitam o desenvolvimento das potências do gênero, acaba por determinar diretamente as esferas sensíveis que integram os sujeitos sociais. Assim, compreendemos que os resultados materiais da categoria do estranhamento interferem diretamente na formação dos sentidos humanos e do estranhamento do próprio corpo, tendo em vista que é nele onde os sentidos se localizam, constituindo-os e sendo constituído por eles.

Destacamos os efeitos do fenômeno no corpo como objeto de análise, deixando em suspenso o entendimento de suas demais formas de manifestação – como, por exemplo, o estranhamento religioso –, para compreender as especificidades desse aspecto à medida que essa categoria foi galgando maiores mecanismos de fixação e aprofundamento.

Compreendemos que os sentidos integram o complexo que determina a constituição das subjetividades e das personalidades. As ações humanas não se originam espontaneamente a partir de características autênticas que se descolam das condições sociais que ocorrem simultaneamente. Nesse sentido, disserta Lukács:

Uma personalidade humana só pode surgir, desdobrar e definir num campo de ação histórico-social e concreto e específico. Por isso não basta voltar a atenção unilateralmente só para a contradição – todavia profundamente embasada – entre desenvolvimento da capacidade e desenvolvimento da personalidade. O desenvolvimento da personalidade também depende de muitas maneiras da formação superior de cada uma das capacidades. (...) (LUKÁCS, 2013, p. 588).

Os efeitos gerados pelo fenômeno do estranhamento também se refletem na esfera vital dos seres humanos, resultando, a partir da divisão do trabalho, progressos inquestionáveis

no campo das forças produtivas, em face da deformação da vida humana a partir dos influxos objetivos que sintetizam as habilidades humanas em realizações tacanhas e uniformizadoras (Idem, p. 589). Assim, a partir das elaborações de Lukács, podemos considerar a personalidade enquanto uma categoria socialmente constituída, que decorre das perguntas e respostas elaboradas pelos indivíduos frente aos fatores interpostos pela sociabilidade.

Conforme se desenvolve a dimensão vital no papel da formação da personalidade, essa também se modula aos pressupostos socialmente determinados. Assim, retomamos a menção de Lukács a Marx com relação à análise sobre uma espécie de “animalização dos indivíduos” diante dos efeitos do estranhamento. Diante da metáfora em questão, é possível compreender que Lukács demonstra e entende a expressão “animalesco” enquanto ações reativas frente ao “mundo exterior”, que condicionam formas parciais de existência do ser social:

Nessa passagem, a metáfora bastante drástica do “animalesco” não é nem usada em sentido meramente retórico, nem pode ser tomada meramente no sentido literal. Corretamente entendida, ela designa, muito antes, com bastante exatidão a condição que certos estranhamentos do homem provocam nele: sua exclusão do complexo do ser do homem, que se tornou possível para ele por meio do gênero (do ser social, do ser personalidade), que é fundamentalmente possibilitado pelo estado da respectiva civilização – incluindo naturalmente o desenvolvimento das capacidades enquanto seu fundamento. O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho, que forçosamente se efetua, cujas consequências foram aqui repetidamente definidas no sentido de que o tempo de trabalho socialmente necessário à reprodução do homem enquanto ser vivo diminui constantemente, tem como consequência, pela mediação do campo de ação do consumo economicamente possível em cada caso, que o peso econômico dos atos necessários à reprodução imediata da vida física perde o seu papel de início absolutamente dominante, que surgem necessidades e possibilidades para a sua satisfação que assumem uma posição cada vez mais distante da reprodução imediata da mera vida (LUKÁCS, 2013, p. 595).

Diante disso, compreendemos que a categoria do estranhamento opera como um dos pilares que determinam as contradições entre a sociabilidade e o desenvolvimento do gênero, engendrando sua constituição de maneira fragmentada – generidade *em si*. Assim, e tendo em vista que o estranhamento se projeta sobre a subjetividade humana, Lukács discorre que para compreender de maneira adequada esse fenômeno é necessário entender que sua menção no singular – o estranhamento – representaria apenas um conceito teórico puramente abstrato. Para o autor, a adequada penetração no entendimento do fenômeno se localiza na compreensão de sua manifestação pluralista e seus aspectos dinâmicos e qualitativamente distintos (Idem, p. 607).

Ao se referir à manifestação plural dos estranhamentos o autor também desenvolve lineamentos sobre as formas de superação desse fenômeno. Lukács

considera a possibilidade de existirem reações sociais que conduzem a sua superação ou submissão de maneira simultânea. Para o autor, é possível a coexistência de algumas formas de estranhamento em face da percepção e da ação ativa para a transformação de outras. O exemplo que utiliza para ilustrar tal circunstância é dos trabalhadores integrantes de movimentos que buscavam combater os efeitos do estranhamento no trabalho, mas que, conforme afirma Lukács, *na vida familiar causam um estranhamento tirânico a suas mulheres* (Idem, p. 608).

Além disso, na análise do desvelamento dos estranhamentos, outra questão fundamental é a conversão destes “à moda antiga” para estranhamentos “à moda atual” (Idem, p. 612). Um exemplo interessante abordado pelo autor refere-se ao tema do tempo de trabalho e suas modificações ao longo da história. Para realizar essa análise, Lukács se apoia no texto *Salário, Preço e Lucro* de Marx, onde novamente a metáfora da animalização é trazida à tona, demonstrando como a vida dos trabalhadores, tolhida de tempo livre para o desenvolvimento humano, os reduziria a *menos que um animal de carga* ao possibilitar, somente, suas atividades orgânicas repositivas. A partir desse exemplo, Lukács analisa que tal forma de “cooptação da vida interior” não estava restrita apenas ao contexto exemplificado do final do século XIX, aludindo a manipulação das organizações megacapitalistas através do consumo e da prestação de serviços para fixar os “novos estranhamentos”:

Nesse tocante, está claro que quanto mais intensamente o estranhamento se apoderar de toda a vida interior do trabalhador, tanto mais desimpedidamente poderá funcionar a dominação do grande capital. Portanto, quanto mais desenvolvido for o aparato ideológico do capitalismo, tanto maior será a sua disposição de fixar mais firmemente tais formas de estranhamento nos homens singulares, ao passo que, para o movimento revolucionário dos trabalhadores, para o despertar, a promoção e a maior organização possível do fator subjetivo, desmascarar o estranhamento enquanto estranhamento, a luta consciente contra ele, constitui um momento importante (todavia: apesar disso, apenas um momento) da preparação para a revolução (LUKÁCS, 2013, p. 625).

Tais análises demonstram que o estranhamento como categoria não é apenas dinâmico no sentido histórico, mas, também, nas reverberações que se operam no presente, explicitando um grau de complexidade que afasta simplificações para se pensar a questão dos efeitos decorrentes desse fenômeno.

Lukács cita Wright Mills para ilustrar essa situação, valendo-se da temática específica da moral:

O mal-estar moral do nosso tempo tem sua causa no fato de que os homens e as mulheres que vivem numa época de instituições superpoderosas não se sentem mais comprometidos com os antigos valores e modelos. Por outro lado, porém, os antigos valores e modelos não foram substituídos por valores e modelos novos, que pudessem conferir importância e sentido morais à rotina

à qual os homens do mundo moderno estão sujeitos (MILLS apud LUKÁCS, 2013, p. 581).

Em outro momento, o autor também faz referência a Adam Ferguson, demonstrando a submissão ao estranhamento como instrumento eficaz no desenvolvimento da manufatura, salientando que as qualidades espirituais humanas figuram como empecilhos na produção:

Muitas atividades produtivas de fato não exigem nenhuma capacitação espiritual. Elas são mais bem-sucedidas quando se reprime totalmente o sentimento ou a razão, e a insciência é a mãe tanto da operosidade como da superstição. [...] Correspondentemente as manufaturas prosperam mais onde menos se consulta o espírito e onde a oficina pode ser encarada, sem sujeitar a fantasia a grandes esforços, como uma máquina, cujas partes singulares são homens (FERGUSON apud LUKÁCS, 2013, p. 582).

Dessa forma, enquanto uma categoria que não se estratifica e, ainda, tendo a capacidade de se ajustar e se manifestar sob diversas maneiras diferentes e especializadas, Lukács analisa que tal fenômeno conta com as chamadas “armas ideológicas” que conferem garantia a sua reprodução e assimilação na vida humana, de modo a operarem como veículos condutores ao estranhamento (Idem, p. 609).

Conforme entende o autor, as referidas armas ideológicas são, por exemplo, princípios ordenadores da vida social como o direito, a moral e os costumes, que por serem constituídos como portadores do progresso social, tendem a conduzem às consolidações de princípios e regramentos que engendram a generidade *em si*, mesmo havendo a possibilidade de articularem generidades *para si* (Idem, p. 609).

Assim, trata-se de uma das tarefas para a superação da sociabilidade do capital o exercício de consciência e despertar para tais formas de estranhamento, sucedidos de uma combatividade consciente frente a elas. Todavia, tais exercícios de conscientização não podem ser compreendidos como objetivo final, considerando seus limites frente aos obstáculos objetivos relativos às ações de cunho individual para dirimir problemas socialmente constituídos. Frente à questão do estranhamento, como um fenômeno que deriva de uma realidade concreta e que sua superação não se daria apenas pela via individual, Lukács escreve:

O estranhamento é uma abstração científica, todavia indispensável à teoria, portanto uma abstração razoável. Nesse tocante, está claro que todas as formas de estranhamento que se tornam atuantes num determinado período estão fundadas, em última análise, na mesma estrutura econômica da sociedade. Portanto, a sua superação objetiva pode - mas não deve - ser implementada mediante a transição para uma nova formação ou mediante um novo período estruturalmente distinto da mesma formação. Por isso, certamente não é nenhum acaso que, em toda crítica radical, revolucionária, a um estado da



## CAPÍTULO I ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL

sociedade, que tenha em mira reais revoluções ou pelo menos uma reforma profunda, existem tendências de derivar teoricamente de sua raiz social comum os diferentes modos de estranhamento, visando arrancá-los com essa raiz (LUKÁCS, 2013, p. 633).

Contudo, o autor não desconsidera a importância das ações individuais, tendo em vista o caráter de *fenômeno ideológico* do estranhamento, de característica deformadora das subjetividades. Assim, ao desenvolver tal compreensão, Lukács fornece o entendimento da categoria da reificação como um aspecto importante para compreender a condução aos estranhamentos. Para adentrar à explicação dessa categoria, que recebe contornos específicos de destaque em sua escrita, é preciso conceituar e, também, diferenciar seu duplo aspecto que se distingue em reificações inocentes e aquelas propriamente ditas.

Tal categoria se expressa a partir das reações aos processos sociais, realizados de maneira condicionada, irrefletida, sem consciência e espontaneamente – comportamentos que chamamos comumente de “automatismos”. Nesse sentido, as reificações são manifestadas tanto em ações simples do cotidiano, como exemplificado por Lukács na situação de ligar ou desligar uma lâmpada independentemente do processo elétrico necessário envolvido nessa ação (Idem, p. 663), quanto em situações mais possíveis de imputar um processo de consolidação de distorções ideológicas, como ocorre no exemplo que Lukács expõe da utilização da linguagem nas informações da imprensa (Idem, p. 664).

Reside aí a distinção entre as formas de reificações inocentes e as reificações propriamente ditas. Ambas constituem momentos em que há a ausência de consciência diante de determinada ação, entretanto, as reificações inocentes representam automatismos muitas vezes necessários ao fluxo dos acontecimentos cotidianos que dão ritmo a existência, como foi exemplificado na situação da lâmpada. Quanto às reificações propriamente ditas, há um caráter de condução direta aos estranhamentos e que, conseqüentemente, acabam se valendo das reificações inocentes para fortalecerem suas consolidações:

(...) por um lado, do ponto de vista do estranhamento em si, quando certos tipos de comportamento social “inocentes” penetram profundamente na vida cotidiana, eles reforçam a eficácia dos que já estão agindo diretamente nesse sentido; por outro lado, os homens singulares se tornam tanto mais facilmente suscetíveis a tendências de estranhamento – poderíamos dizer: se inclinam tanto mais espontaneamente para elas e são tanto mais incapazes de oferecer-lhes resistência – quanto mais as suas relações de vida foram abstrativamente coisificadas e quanto mais deixarem de ser percebidas como processos concretos e espontâneos (LUKÁCS, 2013, p. 664).



O que o autor deixa claro nesse momento é que as situações de vida coisificadas, inocentemente ou não, contribuem para uma adaptabilidade dos fatos sociais como “naturais” sem uma resistência por parte dos sujeitos que se constituem nesse cenário. O processo de naturalização dos fatos sociais a partir das reificações constitui parte dos mecanismos que engendram a categoria do estranhamento, atuando diretamente na consciência dos indivíduos. Seus efeitos repercutem não só no desconhecimento de fatos aparentemente desnecessários, mas, também, da não percepção de ações que atuam diretamente na fragmentação de suas próprias subjetividades (Idem, p. 664).

Esse espectro oculto, e imperceptível socialmente, possibilita um campo para permanência, fixação e, até mesmo, desenvolvimento de reificações mais aprofundadas, dinâmicas, incrementadas e abrangentes em sociedades onde o capitalismo já esteja em estágios avançados. Tal naturalização é capaz de atingir graus de sutileza e tomar contornos especializados em entranhá-las nos sujeitos sociais. Assim, enquanto o progresso econômico se opera e o desenvolvimento genérico humano se processa em função dessa finalidade, as reificações e os estranhamentos se intensificam e chegam a se manifestar, inclusive, sob a forma de autoestranhamentos e autorreificações (Idem, p. 669).

Dessa maneira, voltemos a pensar acerca da formação da personalidade dos sujeitos sociais e o desenvolvimento do gênero *para si*: a modulação dos sentidos humanos – consequentemente, estamos nos referindo a alterações que repercutem no corpo –, obscurecidos dos processos constitutivos da vida social, não resulta, necessariamente, no retrocesso do desenvolvimento produtivo. Pelo contrário: ao restringir a reprodução da vida à mera capacidade produtiva, nutrida pela manutenção animalizada das forças orgânicas, o avanço do *mundo das coisas* se alastra em relação ao *mundo dos homens*, como compreendeu Marx em seus manuscritos de 44. Assim, descreve Lukács:

Na prática, o trabalhador tem de tratar cada coisa como coisa, cada processo como processo, para que o produto do trabalho realize adequadamente o objetivo teleológico. Essa absolutidade das funções do processo de trabalho que corrigem e controlam a consciência, contudo, refere-se exclusivamente às objetivações para as quais está diretamente direcionado o pôr teleológico daquele respectivo trabalho (LUKÁCS, 2013, p. 667).

A partir disso, toda a vida dos indivíduos acaba por se configurar nos limites do desenvolvimento de características e aptidões que se refiram a essa esteira condutora que se interpõe como única forma de vida possível.

Como o autor menciona, o trabalho, por si só, configura a mediação do homem com a natureza. Não há necessariamente uma relação direta e necessária entre trabalho e estranhamento ou reificações. Entretanto, como a “via de passagem” para o alcance da finalidade que fundamenta a sociabilidade do capital se encontra diretamente

## **CAPÍTULO I**

### **ELEMENTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO ESTRANHAMENTO CORPORAL**

a partir do trabalho, há uma complexa trama de complexos que se articulam para sustentar sua preponderância frente a outras dimensões que compõem elementos da totalidade de potências humanas dos indivíduos (Idem, p. 666).

A partir das modulações que se estruturam em decorrência da finalidade do modo de produção capitalista, percebemos que há efeitos que se imputam diretamente no próprio corpo humano. Partindo daí, buscaremos desenvolver nos capítulos seguintes a fundamental importância em compreender a dinâmica dos processos de estranhamento inscritos nas corporeidades, como parte integrante do funcionamento dessa categoria, afastando uma equivocada interpretação do tema como uma espécie de “recorte” que ocorre em paralelo nas diversas teias que enredam a sociabilidade.

O capitalismo é um sistema dinâmico e “tentacular”, capaz de se espalhar por todas as esferas da vida dos indivíduos. Sendo o lucro o fundamento central da sociabilidade, todas as esferas da vida acabam por serem ajustadas nas conformidades desse horizonte. A política, educação, religião, relações sociais, a relação com a natureza e, também, as emoções, são elementos que refletem as determinações sociais constituídas a partir dos mecanismos de confirmação do modo de produção. Ademais, tais relações sociais são travadas por seres humanos que, mediante a ação direta das categorias do estranhamento e reificação, se concretizam nas subjetividades por meio de cristalizações que repercutem na unidade vital humana – o corpo.

Pensar a consciência sem considerar o “local” onde ela se processa é partir de uma análise que dissocia corpo e mente, como iremos discorrer no próximo capítulo. Nesse sentido, verificamos que as contribuições de Marx e Lukács nos fornecem ainda mais instrumentos para viabilizar a compreensão da problemática da consciência e sua relação com o corpo no modo de produção capitalista, tendo em vista que tais autores contêm em seus estudos elementos substanciais para desenvolver uma análise capaz de enfrentar determinações decisivas do problema do estranhamento corporal.

## 2.1 O CORPO COMO MEDIAÇÃO COM A REALIDADE

O estranhamento se manifesta sob diversas dimensões em detrimento do desenvolvimento da personalidade dos sujeitos sociais. A cada período histórico, sua maneira de se expressar sobre a conjuntura se apresenta de formas distintas, mas sempre mantendo o caráter essencial que o perpetua ao longo da trajetória da vida na sociabilidade do capital.

Apesar das elaborações teóricas não tratarem especificamente sobre a questão do estranhamento sobre a corporeidade, Marx, ao discorrer sobre os cinco sentidos e como eles se relacionam com esse fenômeno, oferece uma perspectiva possível de se pensar a questão do corpo recebendo e sendo constituído pelas determinações diretas da categoria.

Compreendemos que podemos partir, como pressuposto, da afirmação de que o corpo e os sentidos representam um complexo vital inteiro, como afirmou Lukács (2013, p. 593). Além disso, tal complexo, ainda que determine a objetividade, é conjuntamente determinado por ela em uma relação dialética.

Como mencionado anteriormente, Marx e Lukács oferecem perspectivas substanciais para o desenvolvimento de um estudo específico a respeito da complexidade do corpo. Ao desenvolverem elaborações acerca da corporeidade, mesmo não se tratando de um tema isolado na obra dos autores, deixam muitas referências importantes que, ao serem estudadas especificamente, vão ganhando maiores complexidades que elucidam o problema em questão.

Dessa maneira, e de modo a ilustrar outras contribuições importantes acerca do tema para enriquecer seu estudo, este capítulo irá aludir, também, algumas contribuições de David Le Breton consideradas pertinentes para a investigação. Ainda que o autor tenha realizado tal tarefa a partir de outras áreas de produção do conhecimento, com aspectos muito diferentes daqueles que fundamentam a análise deste trabalho, é

importante considerar elementos interessantes advindos de um o autor que se apoiou especificamente no estudo antropologia dos sentidos.

## **2.2 CONTRIBUIÇÕES DE DAVID LE BRETON PARA PENSAR A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS**

Um autor contemporâneo de relevante repercussão para os estudos das corporeidades é David Le Breton. Algumas de suas contribuições foram aludidas aqui, especificamente no desenvolvimento do primeiro capítulo de sua obra *Antropologia dos Sentidos*, que contém o mesmo nome. Devido aos limites da análise aqui proposta, serão ventilados alguns lineamentos que o autor formulou, considerados interessantes para pensar o tema.

A título de introdução, Le Breton transmite algumas reflexões que dizem respeito ao mundo material e sua relação com a constituição sensorial dos sujeitos sociais e dos conceitos que vão delineando a existência humana:

A condição humana é corporal. O mundo só se dá sob a forma do sensível. Não há nada no espírito que em primeiro lugar não se tenha hospedado nos sentidos. “Meu corpo é a mesma carne do mundo”, diz Merleau-Ponty<sup>5</sup> (1964: 153). As percepções sensoriais arremessam fisicamente o homem no mundo, e do mesmo modo no âmago de um mundo de significações; elas não o limitam, o suscitam (LE BRETON, 2016, p. 24).

As contribuições do autor também traduzem a compreensão dos limites que a sociabilidade engendra os aspectos que constituem as subjetividades dos indivíduos, buscando fornecer maneiras de compreender a distorção de elementos biológicos em face de determinações sociais como, por exemplo, a cultura (Idem, p. 25).

Le Breton compreende que as ações sobre o cenário que é vivido e interpretado pelos sujeitos sociais – a partir da sensorialidade – são expressas não apenas sob a influência da cultura, mas, também, diante dos limites mediados pela educação ou pelo hábito, demonstrando que as ferramentas ensinadas aos seres humanos são demasiadamente restritivas e que, também, ao ocultarem outros caminhos de expressão, sufocam as subjetividades na medida do que dispõem como forma de ser e agir humano.

O autor menciona que *não é o real que os homens percebem, mas imediatamente um mundo de significações* (Idem, p. 26). Apesar de tal afirmação ser eivada de repercussões contrárias aos pressupostos dessa escrita – como, por exemplo, uma absoluta semiologização da realidade que nos inviabilize de apreendê-la – podemos compreender seu intuito crítico ao apontar que os significados engendrados por anos

---

5 Filósofo que também fornece grandes contribuições acerca da temática em questão, mas que não buscamos aprofundar nesse trabalho.

de interpretação distorcida da vida material, representaria, assim, uma modulação frente às significações da realidade.

O entendimento de Le Breton nos oferece uma consonância com os aspectos aludidos até o presente momento no que se refere à compreensão do corpo se constituir a partir de determinações forjadas pela sociabilidade, verificando os contornos das constituições biológicas sendo moduladas pelas influências postas através das dinâmicas sociais, derivadas de fatores externos que contradizem a justificação da imanência do estado de alienação do ser humano.

Através das análises fornecidas pelo autor acerca da inter-relação entre sujeito e “meio externo” e das restrições ao desenvolvimento dos sujeitos sociais em prejuízo de um horizonte amplo em possibilidades e que integre as inúmeras dimensões do ser, fornecem uma possibilidade para se pensar a respeito do desfazimento do desenvolvimento integral dos aspectos sensíveis dos sujeitos, sendo transformadas e reduzidas ao sentido do “ter”, como Marx apontou em seus manuscritos.

A inauguração de uma nova perspectiva de desenvolvimento parcial do ser humano, que advém do cenário exposto por Marx, mediante a divisão social do trabalho, não ficou restrita somente ao seu contexto histórico de análise. Tal conjuntura, apesar de não marcar a gênese da relação entre o ser social e sua dimensão subjetiva, representa um ponto de acirramento e interposição das manifestações do que se tornariam os comportamentos e consciências estranhados que repercutem, de maneira mais imbricada na sociabilidade, até os dias de hoje.

Diante disso, apesar das reflexões trazidas por Le Breton não terem a intenção de analisar somente o período trazido nas reflexões de Marx, oferecem perspectivas que, ao se articularem com o arranjo da sociabilidade do capital, fornecem elementos para possibilitar o enfrentamento do problema da fragmentação dos sentidos humanos.

Le Breton trata, também, do entendimento de uma *hegemonia ocidental da visão* e cita diversos filósofos que considerou contribuir para a formulação de tal concepção. O autor faz menção a Kant que considera este o sentido mais nobre (Idem, p. 49). Também cita Hegel, que em sua obra *Esthétique* (Estética) desconsideraria o valor dos sentidos do tato, do olfato e do paladar por considerá-los inaptos para fundar uma obra de arte, comparando-os a sentidos animais diante da visão e da audição (Idem, p. 48). Aristóteles é citado por Le Breton por destacar a visão como o sentido que nos permite maior conhecimento diante dos demais (Idem, p. 42). Também cita René Descartes, autor da frase “penso logo existo” que sedimentou uma compreensão pautada na divisão entre corpo e mente e, conforme afirma o Le Breton, enfocou ainda mais a hegemonia do sentido da visão, considerando-o um sentido universal e o mais nobre dentre os demais (Idem, p. 49).

Situa, também, o advento da tipografia como um dos fatores que auxiliou no destronamento da audição como sentido primário – dando vez a visão – e, também, a

## CAPÍTULO II A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS E SUAS DETERMINANTES

medicina contribuindo para esse processo, uma vez que a especialização dos aparelhos tecnológicos de diagnóstico por imagem tomou lugar dos antigos métodos de anamnese humana que consideravam outras possibilidades sensoriais para além da detecção visual. (Idem, p. 47).

Diante de tais reflexões aludidas pelo autor, entendemos que, ao longo dos anos, o constrangimento do desenvolvimento da capacidade tátil refletiu-se, também, na dessensibilização de si no aspecto “do pescoço para baixo”. Comumente, não se percebe uma postura anti-anatômica, não se observa a maneira com que os pés tocam o chão, a temperatura corporal em diversos segmentos, o achatamento dos órgãos internos em decorrência de uma postura tensionadora, o excesso de tensão acumulada nos músculos, a falta de utilização das dobras articulares etc. Tais perdas sensoriais, contudo, não impedem que o corpo continue a funcionar como um complexo que sofre tais determinações.

Conforme Lukács discorre – como foi desenvolvido no capítulo anterior – as reificações ingênuas permitem a fluência cotidiana, onde o afastamento da percepção se apresenta como via de continuidade de outras situações que se interpõem aos sujeitos sociais. Entretanto, frisamos que há uma diferenciação entre o sentir por mera observação proprioceptiva<sup>6</sup> e a capacidade sensorial como um instrumento de identificação dos sintomas que a condição corporal oferece diante dos desgastes, bloqueios e anestesiamientos que modulamos para atender a um paradigma de funcionamento corporal parcial e tolhido do desenvolvimento de capacidades integralizadoras de outras dimensões que se refiram ao ser.

Diante da sociabilidade do capital, os sujeitos sociais se desenvolvem em suas capacidades produtivas que são úteis à produção de valor. Por outro lado, desconhecem as potências referentes a outros aspectos do desenvolvimento humano que não sejam apenas compreendidos como úteis a produção. Ainda que não se desenvolvam características relacionadas a outros aspectos da subjetividade e, principalmente, diante da ampla gama de sintomas não conscientes que denunciam uma sobrecarga decorrente da relação cotidiana com o próprio corpo, a atividade orgânica reguladora que possibilita os ajustes e compensações sensoriais – como o descanso ou a fruição pela diversão em face de momentos desgastantes – vai se tornando cada vez mais nebulosa e desconhecida.

Ao ressaltarmos que o corpo “se ajusta para buscar formas de expressão”, compreendemos que não se trata de uma simples metáfora, mas, sim, que o funcionamento orgânico depende de uma dinâmica complexa e integral, onde ao longo

---

6 Propriocepção é um termo utilizado para referir-se à capacidade sensorial dos esquemas corporais para a constituição da imagem corporal. Faz referência ao Sistema Proprioceptivo, de natureza neurológica. ANTUNHA, Elsa, L.G.; SAMPAIO, Paulo. *Propriocepção: Um conceito de vanguarda na área diagnóstica e terapêutica*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v28n2/v28n2a15.pdf>. Acesso em: maio, 2019.

dos anos tem havido um desgaste corporal condensado em sintomas que se revestem sob a forma de dores e desconfortos como aspectos residuais de sensibilidade, como forma de corresponder de maneira útil e eficiente à sociabilidade.

Destacamos esse ponto para refletir que, mesmo diante de condicionamentos que parcializam os sujeitos e que impossibilitam o desenvolvimento das capacidades sensoriais, a estrutura corporal expressa uma espécie de “média” de funcionamento que resulta um modelo de corpo que expressa esses descompassos trazidos pelas condições objetivas de reprodução da sociabilidade. Assim, a totalidade da atividade dos sentidos continua em atividade, ainda que não ocorra de forma consciente e direcionada a rumos emancipatórios.

Dessa forma, mesmo diante desses condicionamentos imputados que afetam a constituição dos sujeitos sociais, o desenvolvimento humano continuou acontecendo, resultando um mundo marcado por grandes inovações tecnológicas e outras inúmeras formas de expressão de desenvolvimentos produtivos que constituem todo o cenário que compõe o chão social do modo de produção capitalista. Entretanto, nesse sentido, relembramos os ensinamentos de Lukács que compreende que o desenvolvimento humano das forças produtivas não corresponde, diretamente, ao desenvolvimento do que é próprio do gênero e das especificidades relativas às personalidades dos indivíduos.

Ao objetivar suas forças produtivas na produção das mercadorias, o ser humano teve seus sentidos marcados pela demanda compulsória de atendimento às finalidades do capital. Contudo, ao serem satisfeitas, tais finalidades só se operam às custas da desefetivação da própria personalidade humana. Como Marx preleciona, e Lukács enfatiza, o sujeito aliena-se no mundo das coisas e se afasta de sua dimensão individual, que constitui um ponto fundamental para o desenvolvimento de suas características específicas enquanto gênero.

Assim, na interação com a vida cotidiana situa-se um sujeito fragmentado que se insere na sociabilidade com seus sentidos afetados por tais determinações deformadoras. Diante da realidade que é posta e construída cotidianamente, a apreensão subjetiva irá interpretá-la, continuar a construí-la, vivenciá-la e, ao mesmo tempo, ser, também, determinado por ela cotidianamente.

Ademais, apesar de considerarmos que os determinantes sociais na formação dos sentidos, condicionando-os a parâmetros nos limites da sociabilidade, não comungamos com a afirmação de Le Breton de que não seria o “real” que os sujeitos percebem. Esta análise se desenvolve a partir de abstrações razoáveis que se diferenciam perspectivas categoricamente relativistas, capazes de levar o tratamento do tema a extremos irracionalistas. Apesar de haver determinações socialmente constituídas, tais aspectos também demonstram processos materiais, mesmo expressando formas deformadoras.



Dessa maneira, chamamos atenção, aqui, para a complexidade que existe nesse processo de apreensão, visualização e nitidez da realidade a partir de sujeitos submetidos a determinantes subjetivos decisivos e cristalizados com o decurso histórico e social, especificamente, em sua unidade vital que é o corpo.

Tal elemento pontuado nos chama atenção para um problema de tomada de consciência, que nos coloca diante de um questionamento importante: quais as instrumentalidades possíveis para compreender a complexidade da realidade? Além disso, quais os mecanismos que interferem nos rumos de tal caminho, nos reconduzindo a comportamentos e pensamentos acríticos sobre a sociabilidade do capital?

### **2.3 CONJUNTURA CONTEMPORÂNEA: O CORPO ÚTIL**

No embalo do ritmo do cotidiano, um “corpo útil” se constitui engendrando novas formas de compreender o sentido de aspectos importantes da atividade vital, como tempo, atenção, lazer, produtividade, descanso, criatividade, emoções, fruição, relações afetivas etc. O efeito de tais determinações sociais sobre as manutenção e o desenvolvimento das peculiaridades vitais tem se manifestado, por exemplo, sob a forma de *stress*, sedentarismo, crises de ansiedade, insônia, agressividade e, inclusive, depressão (IMBASSAÍ, 2008, p. 49).

No capítulo anterior quando expusemos as reflexões de Marx a respeito da efetivação do trabalho em face da desefetivação do trabalhador, foi possível localizar um dos pontos de grande importância para a compreensão dos efeitos gerados por esse fenômeno, através divisão social do trabalho.

Cada vez mais o desenvolvimento das forças produtivas e a diretriz do lucro como finalidade do modo de produção condicionam aspectos de existência e reprodução da própria vida que resultam em configurações corporais que se refletem de maneira utilitária às custas da própria vitalidade, dicotomizando o desenvolvimento subjetivo em sua dimensão integral em face de uma espécie de “amoldamento” para sobrevivência.

Não seria correto afirmar, por outro lado, que o corpo que recebe os influxos da sociabilidade do capital é um corpo que não “sente”. Todas as repercussões geradas por essa dinâmica são processadas e sentidas de maneira específica. Entretanto, há uma extrema redução das possibilidades sensoriais a partir do momento em que o metabolismo capitalista condiciona apenas algumas possibilidades reduzidas de manifestação de nossas potências humanas, considerando aquelas que sejam voltadas para o exercício da atividade de trabalho, afastando uma integralidade de desenvolvimento e aprofundamento da personalidade. Diante de tais modulações restritivas, surge o que denominamos aqui como uma necessidade de constituição de um corpo útil.

Tal conceito parte de uma verificação das características sintomáticas que engendram as constituições corporais dos sujeitos sociais, manifestando-se a todo



tempo tensionado, induzido por engrenagens de competitividade e concorrência e permeado de automatismos condutores de estranhamentos – reificações propriamente ditas. Apesar dessa discussão ser capaz de ensejar julgamentos de caráter moral, o levantamento dessa análise também é feito, substancialmente, de maneira a expor as características que compõem a manifestação do gênero humano moldado pela realidade e como tal modo de produção também diz respeito à produção da vida humana de maneira deformadora.

Os parâmetros de reprodução da vida social impostas pelo modo de produção capitalista são pautados em elementos capazes de afetar a formação das subjetividades de maneira profundamente lesiva ao próprio gênero humano. Um corpo útil para o capital só é capaz de dar “vida” e riqueza às forças produtivas sob a condição de miserabilidade da vida interior dos sujeitos que as produzem

É de fundamental importância discutir as adjetivações que incidem sobre os comportamentos e padrões corporais, como mencionadas anteriormente: eficiência, rendimento, aperfeiçoamento, disputa e, principalmente, perfeição, são conceitos que propomos serem minuciosamente analisados para auxiliar como chaves de entendimento que permeiam o corpo útil. Essa análise representa uma tentativa de demonstrar que as engrenagens que dão ritmo e as estruturas que sustentam o metabolismo do modo de produção capitalista se refletem, inclusive, nos pressupostos teleológicos para que a existência possa se efetivar.

Um exemplo introdutório se reflete ao sentido de “perfeição”. Tal conceito recebe e determina contornos sociais, criando assimilações que operam como verdadeiros paradigmas: o que é perfeito para o capital distancia-se do que seria “perfeito” ou, melhor dizendo, adequado para o corpo humano. Quando falamos, por exemplo, em um corpo com deficiência física, automaticamente, parte-se da prerrogativa de que esse não seria um corpo útil aos fins do modo de produção. Trata-se de um corpo que não se localiza nas categorias de funcionalidade e utilidade demandadas pela sociabilidade.

Ao partir da impossibilidade de um tratamento isonômico fundamentado nas bases sociais que realizam uma espécie de “triagem excludente”, podemos enunciar outros exemplos: um indivíduo diagnosticado com qualquer particularidade física ou psicológica que o impeça de efetivar a venda satisfatória de sua força de trabalho, será submetido, categoricamente, à exclusão social.

Contudo, o aperfeiçoamento dos modos de cooptação da força de trabalho pode se revestir de pretensas ações de “boa vontade” e “benevolência” por parte de empresas. Um exemplo são as vagas reservadas a indivíduos que possuem alguma condição que dificulte a inserção no mercado de trabalho, como no caso de muitos supermercados que adotam políticas de contratação de pessoas com deficiência

## CAPÍTULO II A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS E SUAS DETERMINANTES

auditiva, por exemplo, e as atribuem funções não adaptadas às suas particularidades físicas, submetendo-as a condições precárias de trabalho.

Os aspectos que circundam as determinações do corpo útil resultam em uma interpretação onde as diferenças postas entre os conceitos de “normalidade” e “deficiência” figuram enquanto pesos na determinação de funcionalidade à geração de valor. Contudo, esse é apenas um dos problemas relacionados a questões constitutivas desse fenômeno.

Ao determinar um parâmetro de “utilidade corporal” a partir do que um sujeito consegue produzir para a sociedade, sua personalidade, conseqüentemente, é condicionada a se constituir apenas sob esse aspecto em face da totalidade de outras dimensões que residem em cada subjetividade. Nesse sentido, as diversas nuances que particularizam e lapidam o substrato subjetivo dos sujeitos vão sendo ocultadas e preteridas em face das dimensões que respondem às demandas advindas da produção.

No estudo específico das questões acerca da corporeidade existem várias elaborações teóricas que buscam pensar a causalidade do cenário exposto nos parágrafos anteriores: alguns autores irão recorrer à justificativa da repressão religiosa em face de aspectos relacionados à sexualidade, outros irão buscar elementos no pensamento desenvolvido por filósofos que originaram as discussões que fragmentam “corpo e mente” e há, também, autores que relacionam as repressões corporais com o elemento da política analisada por si só, em suas expressões de controle, poder e autoritarismo.

Tais elaborações, em suas contribuições específicas, aludem formas de compreender a alienação corporal a partir de partes fragmentadas e extraídas de um só todo. Compreendemos que a totalidade que determina o desenvolvimento de tal categoria possui aspectos tentaculares e que repercutem em todos os aspectos das relações sociais. Contudo, as elaborações parciais mencionadas são passíveis de conexões com este trabalho e contém aspectos importantes, ainda que incompletos. As denúncias e análises específicas são etapas relevantes no processo científico, mas insuficientes quando colocadas como perspectiva final.

Nesse sentido, é sabido que antes do modo de produção capitalista já havia práticas advindas de segmentos sociais como a religião e os próprios costumes que influenciavam diretamente na relação dos sujeitos sociais com seus próprios corpos. O capitalismo não inaugura o problema dos condicionamentos corporais. Entretanto, apontamos que as reverberações específicas selecionadas para o estudo desse trabalho, que delineiam características e implicações pela expectativa de um corpo útil e estranhado de suas potências sensíveis, são marcadas pela gênese que se constitui no advento da divisão social do trabalho e, mais especificamente, com as repercussões da consolidação do modo de produção capitalista.

O trabalho representa a condição de existência e sobrevivência da classe trabalhadora na sociabilidade do capital, considerando que os trabalhadores, enquanto despossuídos dos meios de produção e da propriedade privada, só possuem sua própria força de trabalho para colocar à venda. O ser social trabalha para viver e, ao mesmo tempo, vive para trabalhar (MARX, 2010, p. 81).

Dessa forma, os sujeitos, impelidos em ter que se inserirem no mercado de trabalho para adquirirem suas subsistências, se defrontam com costumes, concepções e maneiras próprias do modo de produção capitalista em estruturar um trabalho: não são consideradas as peculiaridades fisiológicas, psicológicas, tempo relativo de trabalho para cada indivíduo e nem, tampouco, as potencialidades corporais e criativas<sup>7</sup> dos seres humanos. Nesse sentido, há algumas contribuições interessantes de autores de outras áreas, que são relevantes de serem mencionados. O autor Don Johnson, por exemplo, em sua obra *Corpo* ilustra tal problemática da seguinte maneira:

Os operários de uma linha de montagem e as secretárias nos escritórios, que desempenham apenas um tipo de atividade durante todo o dia, passam a sentir seus corpos como se fossem máquinas com uma estreita margem de movimento e quase nenhum sentimento. A redução do potencial do corpo aos limites específicos exigidos pelo trabalho mecânico diminui proporcionalmente o campo de percepção da pessoa (JOHNSON, 1990, p. 94).

O autor trata, também, sobre os condicionamentos corporais que foram muito marcantes nos períodos iniciais de industrialização, de modo a adequar as posturas e os gestos às funções realizadas pelos trabalhadores, buscando garantir maior eficiência e lucro. Além disso, em uma passagem específica que trata sobre a “docilização dos corpos”<sup>8</sup> na escola, relaciona a influência do ambiente escolar no sentido de reforço do setor produtivo:

A indústria é um dos setores que mais se beneficiam com estas disciplinas corporais. As escolas treinam as pessoas para assumirem padrões corporais que a maioria dos empregos exige. Os ritmos orgânicos do corpo são ajustados de modo a responder às necessidades de um dia de trabalho normal, começando e terminando numa determinada hora, com intervalos cuidadosamente especificados para se comer, ir ao banheiro e descansar. Tanto para os trabalhadores das fábricas quanto para os dos escritórios, o movimento do corpo ocorre dentro de limites cuidadosamente definidos por engenheiros

---

7 Quando mencionamos o elemento da criatividade, em seu sentido etimológico, nos referimos a capacidade de criação e inovação humana.

8 A utilização do conceito de “corpo dócil” advém da referência ao autor Michel Foucault que, apesar de não apontarmos em nenhum momento do trabalho, compreendemos representar um pesquisador de manifesta importância para o tema. Ainda que tenha cunhado análises muito distintas e dissonantes dos fundamentos teóricos adotados nesse livro, o estudo específico de suas obras é um pressuposto importante para tecer críticas de rigor – caminho que não optamos por trilhar aqui.

## CAPÍTULO II A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS E SUAS DETERMINANTES

industriais para maximizar a eficiência. Um manual típico traz o seguinte: “Só há um meio de o chefe do escritório poder exercer um controle científico que é padronizado... O chefe do escritório deve, portanto, continuamente dirigir seus esforços no sentido de ter todas as operações... executadas exatamente de acordo com a maneira como determinou” (JOHNSON, 1990, p. 49).

Em uma linha de argumentação bem próxima a essa, Rudolf Laban, autor húngaro do século XIX, também visualizou a industrialização como ponto nevrálgico da relação entre corpo, automatismo e ausência de consciência do movimento. Laban focaliza que no período do advento da consolidação industrial, o foco sobre o estudo do corpo foi central, mas não através da finalidade de humanizar e potencializar os trabalhadores. Ao contrário: os movimentos pensados e levados à prática dos trabalhadores era com o fim de atender às novas necessidades da produção, tendo a constante diretriz do lucro. Laban em *Dança Educativa Moderna* discorre:

Sabemos hoje que os hábitos dos trabalhadores modernos criam, com frequência, estados mentais prejudiciais, que nossa civilização está inevitavelmente destinada a sofrer, sem encontrar nenhuma forma de compensação. As compensações mais evidentes são, certamente, aqueles movimentos capazes de equilibrar a desastrosa influência dos hábitos dos movimentos desequilibrados que se originam nos métodos contemporâneos de trabalho (LABAN, 1990, p. 13).

Contudo, e retornando aos referencial dos autores que buscamos fundamentar a análise, tais aspectos parcelares representam, na verdade, aspectos de um todo que se insere no modo de produção e reprodução da vida no capitalismo, onde o trabalho, em si, não produziria somente as mercadorias, mas, os próprios sujeitos sociais e suas respectivas individualidades.

À medida em que o trabalhador se objetivava num trabalho, o estranhamento perante as qualidades relacionadas a si mesmo e ao seu próprio gênero já começariam a operar. Assim, na ocorrência de sua própria objetivação em algo externo e alheio à sua vontade e ao seu espírito, o não desenvolvimento da personalidade se agrava:

Este fato nada mais exprime, senão: o objeto (*Gegenstand*) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*, como um poder *independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa (*salich*), é a *objetivação* (*Vergegenständlichkeit*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional – econômico como *desejetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto e servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como *alienação* (*Entäusserung*) (MARX, 2010, p. 80).

É importante destacar que o contexto em questão indica o gérmen de desenvolvimento do processo de consolidação do capitalismo industrial, com aspectos do trabalho distintos das relações nos dias de hoje. Apesar de ser possível verificar fenômenos muito peculiares – como, por exemplo, alguns trabalhadores que são capazes de se identificarem e gostarem do trabalho que desenvolvem – as metamorfoses do trabalho ainda contém precarizações hodiernas específicas. No contexto de análise aludidos nas contribuições de Marx e Lukács, havia uma intensa superexploração de mulheres, crianças, jornadas de trabalho extremamente densas e em condições muito precárias para se realizarem que, dependendo da localidade tratada, coexistem ainda nos dias de hoje – principalmente nos países periféricos onde há superexploração da força de trabalho.

Assim, é importante compreender que as formas de expressão do estranhamento e a especialização de seus mecanismos, ao longo dos anos, foram estabelecendo um cenário de desfazimento do desenvolvimento de aspectos tocantes a personalidade dos sujeitos sociais e, por outro lado, desenvolvendo suas aptidões utilitárias aos fundamentos da sociabilidade.

Diante desse processo, é possível visualizar como a constituição do ser social a partir da divisão social do trabalho possibilitou moldar um ser humano unilateralizado, com características voltadas unicamente a sua utilidade produtiva e ao seu valor enquanto mercadoria posta a venda. Com o ser humano estranhado de suas particularidades enquanto gênero, tais reverberações foram se espalhando sobre os sujeitos não apenas em sua dimensão individual, mas, também, enquanto seres sociais.

A partir daí, foram forjadas relações e teias que iriam atingir vários outros segmentos da existência humana: o campo político, educacional, cultural, religioso, familiar etc. Todas essas outras dimensões, que também compõem a sociabilidade, não saíram ilesas desse metabolismo, onde sua utilidade se procede em função de sua especialização, da concorrência e da venda de sua força de trabalho como uma mercadoria em si, resultando em subjetividades amputadas de dimensões sensíveis.

Com o fenômeno histórico e social do estranhamento, foram sendo gestadas inúmeras “regras” de sociabilidade que encontravam combustíveis nas relações de coisificação a que os sujeitos estavam sendo condicionados, incidindo sobre elementos que dizem respeito à sensibilidade, personalidade e à própria constituição das subjetividades, representando peculiaridades efetivamente imanentes ao gênero humano e que nos diferenciam dos animais e, também, das demais mercadorias “não-humanas”.

Assim, a partir do momento em que o desenvolvimento das capacidades produtivas sobrepõem o desenvolvimento das subjetividades, os sintomas dessa circunstância recaem diretamente sobre a própria capacidade de interação dos seres humanos com o mundo e que se dá através de sua unidade vital material – o corpo.

## **CAPÍTULO II**

### **A FRAGMENTAÇÃO DOS SENTIDOS E SUAS DETERMINANTES**

É possível compreender, dessa forma, que mesmo que não estejamos nos referindo ao período analisado por Marx e Lukács e, ainda que façamos um exercício de abstração com sujeitos que não se relacionem à base de um processo de produção, a atual conjuntura contemporânea resulta da formação histórico-social moldada a partir da gênese localizada na divisão social do trabalho. No cenário contemporâneo, o estranhamento não deixa de existir, mas com roupagens distintas e de acordo com as novas formas de manifestações sociais. Enquanto categoria, a todo momento se reformula e o desenvolvimento das forças produtivas, da maneira que se impõe, impede o advento da consciência sobre tal categoria e o desfazimento desse estado de não desenvolvimento da personalidade, reduzindo a genericidade humana a sua dimensão útil.

Selecionamos alguns referenciais importantes na área da educação somática, que desenvolveram pesquisas com grandes contribuições no que se refere ao estudo do corpo. Além de suas elaborações teóricas, também puderam oferecer instrumentos práticos de intervenção frente à questão da consciência corporal.

São muitos os nomes que contribuíram nesse panorama de estudos, porém, foram selecionados alguns que possuem forte expressão na maneira de compreenderem o corpo como potência de transformação e que, junto a esse raciocínio, concebem de forma crítica as condições materiais a que estão submetidos os seres humanos cotidianamente.

Optamos por não descrever minuciosamente suas práticas técnicas porque o que nos interessa aqui é, principalmente, a compreensão da perspectiva crítica que enseja a criação e proposição de suas técnicas e, em que medida, há aspectos que representem consonância com a perspectiva adotada aqui.

### 3.1 MOSHE FELDENKRAIS

Nascido em 1904 na Rússia, Feldenkrais era formado em física com doutorado em ciências naturais e especialização em biomecânica. Escreveu a obra *Consciência Pelo Movimento*, onde desdobra seus entendimentos e métodos para melhoramento da postura, visão, imaginação e percepção de si mesmo (TEIXEIRA, 1998, p. 47).

Para o autor, o ser humano age de acordo com sua auto-imagem. Ao longo de sua vida, seu processo de conscientização está diretamente interligado com a integração do corpo com essa auto-imagem. Esta, por sua vez, seria condicionada por três fatores: hereditariedade, educação e auto-educação. Para ele, diante dos três fatores, a auto-educação é o único componente em que o ser humano possui alguma margem de escolha e autonomia, tendo em vista que nos primeiros anos ela não é inteiramente volitiva (FELDENKRAIS, 1977, p. 21).

Seus posicionamentos são bastante contundentes no que se refere a uma criticidade do que está posto para o ser humano enquanto educação e o quanto é um exercício árduo a auto-educação sob a forma de força ativa da individualidade. Para Feldenkrais, enquanto a educação busca uma uniformização, as individualidades são sufocadas e a auto-educação enfrenta um processo cada vez mais difícil de se operar.

Assim, o autor reflete bastante acerca da dimensão abordada no item anterior desse capítulo no que se refere à dimensão utilitária dos sujeitos sociais:

Se, entretanto, nós por um momento negligenciarmos o conceito de sociedade e voltarmos para o homem em si mesmo, veremos que a sociedade não é meramente a soma das pessoas que a constituem; do ponto de vista do indivíduo ela tem um significado diferente. Ela importa para o indivíduo, em primeiro lugar, como o campo no qual ele deve avançar no sentido de ser aceito como um membro de valor; seu valor é, a seus olhos, influenciado pela sua posição na sociedade. É importante também para ele, como um campo no qual pode exercitar suas qualidades individuais, desenvolver e dar expressão a inclinações pessoais particulares vitais para a sua personalidade. Traços instintivos derivam de sua hereditariedade biológica e sua expressão é essencial para o máximo funcionamento do organismo. Como a tendência à uniformidade em nossa sociedade cria inumeráveis conflitos com as características individuais, se realiza ajustamento ou pela supressão das necessidades vitais do indivíduo ou pela identificação do indivíduo com as necessidades da sociedade (de um modo que não lhe aparece imposto), a ponto de fazê-lo sentir-se corrompido quando não se comporta de acordo com os valores sociais (FELDENKRAIS, 1977, p. 22).

Diante disso, Feldenkrais entende que esse amoldamento, além de representar um problema em buscar uma uniformização dos indivíduos em face do desenvolvimento de suas particularidades, promove um desvio das necessidades vitais dos seres humanos, tendo em vista que tais necessidades, como mencionamos, não se resumem àquelas que, também, traduzem necessidades vitais animais como comer, dormir e procriar.

O problema da auto-imagem sendo constituída a partir do que é imposto pela sociabilidade é uma preocupação recorrente na obra do autor, e tais alterações que se iniciam em nível psicológico, se imprimem corporalmente:

A diferença entre imagem e realidade pode ser de 300% ou mais. Pessoas que normalmente seguram o peito como se o ar tivesse sido expelido dos pulmões exageradamente, com o peito mais chato do que deveria e chato demais para servi-los eficientemente, estão prontas a indicar a profundidade do peito como muitas vezes maior do que é, quando a percebem de olhos fechados. Isto é, o excessivo achatamento do peito lhes parece correto, pois que cada inflação do peito para expandir os pulmões, lhes aparece como um esforço demonstravelmente exagerado. Uma expansão normal do peito é sentida por eles como uma explosão (FELDENKRAIS, 1977, p. 41).



Assim, o autor menciona em sua obra o aprimoramento da auto-imagem, propondo maneiras de realizar auto-correções. É bem interessante pois ao longo de sua escrita, seu entendimento não se pauta em repelir defeitos em face de lapidar um corpo perfeito. Sua perspectiva parte de uma ótica de harmonização como em um exemplo que dá ao comparar o corpo com a afinação de um piano (Idem, p. 42).

Para Feldenkrais, todo seu método de conscientização é realizado a partir do movimento, entendendo ser esse a base da consciência. Sua análise possui um grande destaque na relação entre músculos e sistema nervoso, expressando que o motivo das ações humanas, a habilidade de seus movimentos, suas habituações e, inclusive suas emoções são processados a partir daí:

A maior parte do que vai dentro de nós, permanece embotado ou escondido de nós, até que atinge os músculos. Sabemos o que está acontecendo dentro de nós, logo que os músculos da face, coração ou do aparelho respiratório, se organizam em padrões, conhecidos por nós como medo, ansiedade, riso ou qualquer outro sentimento. Mesmo quando apenas um tempo muito pequeno é requerido para organizar a expressão muscular da resposta ou sentimento internos, todos nós sabemos que é possível conter o próprio riso, antes que se torne notado pelos outros. Similarmente, nós podemos entrar e mostrar medo ou outros sentimentos (FELDENKRAIS, 1977, p. 56).

Ainda nesse sentido, a contribuição do autor para compreender as emoções atreladas diretamente às estruturas musculares, se dá, também, quando diz:

Não podemos tornar-nos conscientes do que está acontecendo em nosso sistema nervoso central, até que nos conscientizemos das mudanças em nossa posição, estabilidade e atitude, porque estas mudanças são mais facilmente sentidas do que as que ocorreram nos próprios músculos. Somos capazes de evitar expressões musculares plenas, porque os processos naquela parte do cérebro que se relacionam com funções peculiares ao Homem, são muito mais vagarosas que os processos das que são relacionadas ao que é comum ao Homem e ao animal (FELDENKRAIS, 1977, p. 57).

Assim, ao destacar a relação direta entre musculatura e comportamento, Feldenkrais abre caminho para demonstrar o quanto os hábitos podem ser sustentados por nossas estruturas musculares, cristalizando padrões de conservação de comportamentos que dão continuidade ao segundo elemento formador da auto-imagem que é a educação.

A continuidade de fatores que uniformizam e impedem o desenvolvimento da personalidade são estruturados e conservados por meio de fatores externos mas, ademais, dentro da própria estrutura corporal humana. Dessa forma, relacionando os comportamentos a complexos musculares mobilizados através de sensações, sentimentos e pensamentos, aponta:

Uma mudança fundamental na base motora, dentro de cada padrão simples de integração, quebrará a coesão do todo e, desse modo, o pensamento e o sentimento perdem sua sustentação nas rotinas estabelecidas. Nestas condições, é muito mais fácil efetuar mudanças no pensamento e nos sentimentos, porque o componente muscular, através do qual o pensamento e o sentimento alcançam a nossa consciência, mudou e não mais exprime os padrões familiares preexistentes. O hábito perdeu seu maior suporte – o dos músculos – e se tornou mais acessível à mudança (FELDENKRAIS, 1977, p. 60).

O autor entende, ainda, que a consciência é um estágio da evolução humana que diferencia-se dos animais, principalmente no sentido fisiológico, partindo do ponto em que esta é processada no sistema supralímbico, onde aponta ser muito mais desenvolvido nos seres humanos. Assim, descreve que a particularidade da consciência humana nos diferencia de outros seres da natureza e que, mesmo que a consciência não seja essencial à vida, é ela quem particulariza o ser humano, possibilitando o reconhecimento das necessidades vitais e a seleção de meios para sua satisfação (Idem, p. 69).

Assim, Feldenkrais diferencia os significados de percepção e consciência, compreendendo que pode haver uma ação plenamente consciente sem que seja percebida. Isto é, para o autor, a percepção se procede quando a consciência atrela-se à noção do que está acontecendo em determinadas situações. O autor realiza tal diferenciação para apontar que os processos de conscientização que ocorrem em seu método, à partir de desenvolvimentos acurados de percepção (Idem, p. 72-73).

Assim, as contribuições de Feldenkrais indicam que seu entendimento se pauta no fato de que é através do trabalho corporal que a relação do ser e de sua consciência podem se estabelecer de forma harmonizada, promovendo a integração entre auto imagem e impulso vital, como categorias fundamentais em suas percepções analíticas e que representam elementos de grande importância no desenvolvimento de seu trabalho que volta-se, finalmente, para o afloramento e desenvolvimento da personalidade humana, a despeito das engrenagens socio-metabólicas.

### **3.2 GERDA ALEXANDER**

A pesquisadora Alemã nasceu no ano de 1908 e iniciou sua trajetória por intermédio do estudo musical pelo Método Dalcroze, onde a aprendizagem musical se faz a partir de práticas corporais. Também se aproximou da dança expressionista de Mary Wigman, ampliando ainda mais seu contato com o campo artístico do conhecimento. Entretanto, aos vinte anos foi diagnosticada com uma doença cardíaca onde teve que buscar maneiras de realizar ações sem esforço desnecessário, tendo em vista que os médicos lhe garantiam apenas seis meses de vida. Gerda viveu até os 86 anos e foi criadora do método que transformou a relação com o tônus do próprio corpo e os desgastes vitais: a Eutonia (TEIXEIRA, 1998, p. 49).

Derivada do grego *eu* = bom, justo, harmonioso, e *tonos* = tônus, tensão, a Eutonia é uma abordagem que busca propor ferramentas para que a pessoa em contato com essa técnica possa buscar uma harmonização tônica que se adapte constantemente a cada nuance de seu cotidiano e atividade do momento (ALEXANDER, 1983, p. 9).

A partir de atividades que propõem uma capacidade de observação e pesquisa profunda sobre o próprio corpo, dependendo de tempo e disponibilidade para a efetividade desta prática, a técnica elaborada por Gerda Alexander não direcionava-se somente ao relaxamento muscular em face dos tensionamentos, mas sim, uma adaptabilidade tônica tanto diante de situações de repouso, quanto de demais atividades que demandassem esforço no cotidiano, buscando sempre a harmonização do tônus com a função em que ele está sendo utilizado (Idem, p. 10).

Seguindo uma linha bastante semelhante a Feldenkrais ao conceber a relação entre músculos e consciência, Gerda compreendia que:

O tônus postural, próprio dos músculos clônicos, assim como o sistema neurovegetativo e o conjunto das regulagens fisiológicas estão em inter-relação estreita com nosso psiquismo. Assim, por essas diferentes vias, manifestam-se em nosso corpo a parte inconsciente e a parte consciente da nossa personalidade. Cada mudança de consciência atua sobre o conjunto das tensões. Toda perturbação modifica não apenas o estado corporal, mas também o comportamento e o estado de consciência da pessoa (ALEXANDER, 1983, p. 10).

Entretanto, ainda que considerasse a íntima relação das emoções com o tônus das musculaturas, Gerda propunha que essa auto regulação acontecesse para que as pessoas não estivessem suscetíveis a uma força da qual não pudessem ter o mínimo de relação ativa:

As crianças pequenas e os animais são particularmente sensíveis a essas transferências tônicas. Também as experimentamos quando assistimos a uma partida de futebol, a um espetáculo ou a um concerto, quando nos deixamos entusiasmar, quando nos comunicamos, estremecemos ou nos tranquilizamos. Embora essas emoções sejam fonte de enriquecimento pessoal, é importante que o indivíduo saiba permanecer dono de seu tônus para poder resistir às influências que julgue nocivas a seu próprio equilíbrio (ALEXANDER, 1983, p. 13).

Nesse sentido, a capacidade de sensibilização física se situa em seu trabalho como um elemento determinante em busca da autonomia tônica. Para Gerda por meio de testes sobre a auto-imagem era possível detectar em que nível estava essa capacidade de sensibilidade, tendo em vista que para o desenvolvimento da abordagem eutônica é necessário lapidar esse estado de sensibilização através de uma capacidade de observação profunda. Além disso, a educadora afirma que o chamado “estado de presença” em sua abordagem diferencia-se das técnicas orientais como a *Yoga*

e as técnicas *Zen*, onde afirma haver uma disponibilidade para uma auto-percepção investigativa sem esperar um determinado resultado (Idem, p. 10).

A pesquisadora Letícia Teixeira, em sua obra *Conscientização do Movimento*, oferece uma perspectiva importante para este trabalho ao compreender a relação dos estímulos de sensibilização física na eutonia para diferenciar corpo e consciência como dois elementos que compõem uma integralidade, mas que se diferenciam:

O mundo sensível é um mundo de matéria e o físico traz sempre consigo uma forma, um volume, uma textura, uma dimensão, uma temperatura, uma consistência, um peso, um espaço, etc. E a eutonia consegue despertar a sensibilidade através dessa atenção mais precisa para a qualidade de relações dos corpos; seja corpo físico com superfícies, incluindo-se todos os objetos, desde as roupas de uso diário, seja com outros corpos físicos. A percepção vai sendo despertada gradativamente, porque o corpo não é a consciência, ele precisa dela para fazer aflorar suas sensações e percepções conhecidas (TEIXEIRA, 1998, p. 52).

Para Gerda, constituir os pressupostos do instrumental utilizado na Eutonia passava pelos elementos já mencionados no que se referem a sermos *donos do próprio tônus* (1983, p. 13), entretanto, na introdução de sua obra, onde define o que é a eutonia, traz uma definição que levanta essa técnica como uma possibilidade de integralização de um ser humano fragmentado entre o que entende como corpo e espírito. Em suas palavras:

A eutonia propõe uma busca, adaptada ao mundo ocidental, para ajudar o homem de nosso tempo a alcançar uma consciência mais profunda de sua realidade corporal e espiritual, como uma verdadeira unidade. Convida-o a aprofundar essa descoberta de si mesmo sem se retirar do mundo, mas ampliando sua consciência cotidiana, permitindo-lhe liberar suas forças criadoras, possibilitando-lhe um melhor ajustamento a todas as situações de vida e um enriquecimento permanente de sua personalidade e de sua realidade social (ALEXANDER, 1983, p. 9).

Finalmente, conforme menciona Alfons Rosenberg no Prólogo da obra de Gerda em que situa *O lugar da eutonia no espírito da época*, a expressão da pesquisadora diante do cenário em que estava inserida era um somatório de forças junto a outros pesquisadores que buscavam trazer um outro paradigma de corpo, diferente daquele fragmentado pelas revoluções industriais do século XIX, mas sim, um corpo que reintegrava o ser humano em uma totalidade indivisível em sua unidade psicofísica através de seus esforços individuais (Idem, p. 2).

### 3.3 RUDOLF LABAN

Laban nasceu em 1879 na Bratislava, região que hoje é capital da Eslováquia mas, à época, pertencia à Hungria. Com desenvolvimento de estudos e atuação profissional principalmente no campo da dança, o autor também se envolveu com o teatro em busca de extrair uma autenticidade do corpo cênico, buscando promover uma real interação entre movimentos físicos e aspectos psíquicos para realizarem uma movimentação, ainda que em nível de performance (LABAN, 1978, p. 9).

Acreditava no movimento e toda sua pluralidade como maneiras de estimular essa individuação e como uma maneira de libertação do indivíduo frente às *desastrosas influências dos hábitos cotidianos* (1990, p. 13). Para Laban, os movimentos seriam maneiras de evocar uma espontaneidade singular que por vezes não encontrava vazão no ritmo moderno de trabalho a que os sujeitos estavam inseridos.

Em seus estudos, suas críticas à “sociedade industrial” de sua época são constantes, se destacando como um pesquisador que não desatrelava a análise motora do corpo da própria realidade material que constituía esses sujeitos:

Sabemos hoje que os hábitos dos trabalhadores modernos criam, com frequência, estados mentais prejudiciais, que nossa civilização está inevitavelmente destinada a sofrer, sem encontrar nenhuma forma de compensação. As compensações mais evidentes são, certamente, aqueles movimentos capazes de equilibrar a desastrosa influência dos hábitos dos movimentos desequilibrados que se originam nos métodos contemporâneos de trabalho (LABAN, 1990, p. 13).

Nesse sentido, o autor destaca a influência das pesquisas de movimento para rendimento da força de trabalho dos sujeitos sociais realizada por Frederick W. Taylor, pontuando-o como responsável por fundar uma nova perspectiva de movimento em sua época. Contudo, enfatiza que, ao contrário de suas perspectivas pessoais, o objetivo de Taylor era o aumento de eficácia dos trabalhadores que manejavam máquinas (Idem, p. 12).

Laban realiza um comparativo entre os trabalhadores nos momentos pré-industriais, onde aponta que cada sujeito era organizador de seu próprio ofício – refere-se a artesãos e camponeses, especificamente – e a diferença do trabalhador de seu tempo que constitui sua vida em função de uma determinada atividade:

O trabalhador da atualidade não só se especializou em uma dessas tarefas como numa determinada função dessa tarefa e frequentemente tem de realizar de manhã à tarde, ao longo de toda a sua vida, uma sucessão de movimentos relativamente simples. Tem de pensar, mas dentro de uma restrita esfera de interesses. Dedicar horas de ócio a prazeres inadequados pois carecem daquela integração de exaltação mental e corporal que em épocas anteriores emanava do orgulho pela independência no trabalho organizado. Incidentalmente, o

orgulho pelo trabalho encontrava sua expressão nas danças festivas. Durante os anos escolares as crianças de nosso tempo não aprendem a apreciar o movimento. Apenas sabem o quanto de sua felicidade futura depende de uma vida de movimento intenso (LABAN, 1990, p. 14).

A partir daí, Laban postula a possibilidade da execução dos movimentos como uma alternativa de integração do corpo moldado pelo trabalho e sem contornos de individualidade e autenticidade. Desenvolve sua pesquisa partindo de quatro pressupostos que constituem diferentes qualidades de esforço que se alinham a atitudes interiores (conscientes ou inconscientes), os quais denomina como fatores de movimento que são *Peso, Espaço, Tempo e Fluência* (1978, p. 36).

É importante destacar que tais fatores de movimentos são fundamentais na distinção realizada pelo autor que separa os esforços humanos dos animais, direcionando o entendimento para uma particular especificidade que se relaciona com elementos que são próprios do gênero humano, destacando como *esforço humanitário* aquele realizado no sentido de resistir a influência de capacidades herdadas ou adquiridas (Idem, p. 39).

Assim, o desenvolvimento de seus estudos sobre o movimento, que resultaram, inclusive, em uma notação capaz de registrar os tipos de movimentos corporais – a *Labanotation* ou *Kinetography Laban* – se deu diante da prerrogativa de autenticidade do ser humano, trazendo à tona a perspectiva de que: “cada fase do movimento, cada mínima transferência de peso, cada simples gesto de qualquer parte do corpo revela um aspecto de nossa vida interior” (Idem, p. 49).

### **3.4 KLAUSS VIANNA**

Klaus Vianna nasceu em Belo Horizonte (MG) no ano de 1928, e foi um professor de dança e bailarino brasileiro precursor na dança moderna no Brasil (MILLER, 2016, p. 34). Escreveu o livro *A Dança* onde descreve sua maneira de trabalhar com o corpo e, também, suas opiniões a respeito dessa prática. Ao longo de sua escrita narrando suas experiências profissionais, suas opiniões e suas abordagens pedagógicas em sala de aula, é bastante perceptível seu impulso por denunciar um cenário de automatismos e ausência de consciência.

Ao iniciar seus relatos acerca do começo de sua carreira no Ballet Clássico, é possível perceber suas primeiras pontuações críticas: o autor ultrapassou meros relatos procedimentais acerca da técnica da dança, conectando, a todo momento, seus apontamentos ao cenário público em que o (a) bailarino (a) habita, situando-o como sujeito social.

É de conhecimento comum que o *Ballet* Clássico se moldou, ao longo dos anos, como um estilo de dança marcado majoritariamente por um conceito bastante ortodoxo de disciplina, perfeccionismo técnico-motor e aulas pautadas em repetições

mecânicas para o refinamento do desempenho do (a) bailarino (a). Mesmo entendendo que se trate uma técnica que possibilita revelar a potência de um corpo na rotação da musculatura no sentido máximo que ela pode atingir, o autor traz à tona alguns questionamentos e ponderações que ousam desvelar esse cenário e demonstrar o quanto é possível repetir padrões de condicionamento e desatenção cotidianos na própria sala de aula (VIANNA, 2005, p. 30).

Uma das primeiras críticas a serem pontuadas por Klauss Vianna, por exemplo, foi sobre o critério de disciplina adotado nessas salas de aula de *ballet* que se assemelhavam, segundo ele, a regimentos militares que não cabiam questionamentos, conduzindo a tradição do estilo a um mecanicismo pautado em repetições de forma. O autor ainda menciona:

Essa desatenção passa para o aluno que, em vez de estar presente e ouvir a música, inicia um processo de auto hipnose e, em pouco tempo, não está mais na sala de aula: está nas nuvens, no espelho, nas notas do piano, mas não consigo mesmo. A sala de aula, dessa forma, torna-se uma arena para competição de egos, onde ninguém se interessa por ninguém a não ser como parâmetro para a comparação (VIANNA, 2005, p. 32).

Nesse mesmo sentido, Vianna estende essa desatenção às próprias relações estabelecidas entre alunos e alunas, ao dizer que é possível verificar a sala de aula enquanto uma arena de disputas e competições, dando continuidade a reproduções sociais que nos condicionam a perceber as pessoas ao nosso entorno a partir de parâmetros para comparações (Idem, p. 32). O autor compreende em sua crítica que até nosso olhar para outro ser humano está sujeito a ser socialmente moldado para visualizar elementos sobrepostos às concepções essenciais e humanas, que, ao fim, não temos condições objetivas e estruturais de enxergamos, nem mesmo, em nossa própria subjetividade.

Klauss Vianna detectou que os estados de “ausência corporal” se relacionam com um aspecto constante de desatenção e automatização dos sentidos, relatando suas experiências com seus alunos e suas percepções acerca das práticas em aula. Segundo ele, a ausência de consciência seria como uma espécie de sono, do qual, por meio da dança, é possível acordar:

E seria difícil fugir desse sono: para começar, ficam sempre nos mesmos lugares, ouvem sempre a mesma música, o mesmo som diário da voz do professor, que corrige diariamente as mesmas coisas nas mesmíssimas pessoas. Pronto: com cinco minutos de aula todo mundo está em transe, ninguém mais está ali. Se um elefante passar pelo meio da sala ninguém nota (VIANNA, 2005, p. 34).

Em outra passagem, comenta:

Em geral, mantemos o corpo adormecido. Somos criados dentro de certos padrões e ficamos acomodados naquilo. Por isso digo que é preciso desestruturar o corpo; sem essa desestruturação não surge nada de novo (VIANNA, 2005, p. 77).

O autor menciona que o acordar passa por despertar os sentidos e deixá-los em alerta:

Acostumados a introjetar a ordem à nossa volta, habituamo-nos a não olhar, não ouvir, não sentir intensamente e desprezar a importância dos fatos e acontecimentos menores, quase imperceptíveis – embora fundamentais. Quando trabalhamos o corpo é que percebemos melhor esses pequenos espaços internos, que passam a se manifestar por meio da dilatação. Só então esses espaços respiram (VIANNA, 2005, p. 70).

O autor coloca, assim, a importância dos estados de alerta e atenção, emergindo a concepção de dança – e de corpo – em um horizonte que considere o estudo e desenvolvimento dos sentidos humanos. O autor enfatiza que caso os sentidos não estejam em estados de atenção e alerta, a dança se torna pura ginástica e, a partir daí, é possível verificarmos que Vianna fornece elementos para a compreensão e a diferenciação entre consciência corporal e uma espécie de aptidão para reprodução motora (Idem, p. 36).

Klauss Vianna conecta o elemento da desatenção à palavra “inconsciência”. Para ele, é através dessa inconsciência que se manifestam a falta de interesse do (a) bailarino (a) pelo sindicato, pela luta pelos direitos e defesa de sua classe, os individualismos exacerbados e, também, a alienação, havendo a condução a uma crença de que a entidade “bailarino” não se faz enquanto sujeito social.

Ao pensar no (a) bailarino (a) como sujeito social, Klauss Vianna destaca a importância de se ter dimensão, também, do chão territorial em que se está inserido, trazendo sua discussão para a valorização de elementos regionais e chegando a discutir, inclusive, a formação de um *ballet* nacional. Nesse sentido, menciona que as técnicas eram reproduzidas a partir da expectativa de corpos que não eram os que se encontravam nas salas de aula, pois os métodos estrangeiros foram desenvolvidos para corpos que expressavam uma anatomia decorrente de uma sociabilidade própria desses sujeitos sociais. Tal reflexão está presente em seu livro quando ele direciona seus questionamentos ao aspecto territorial do desenvolvimento das técnicas de *ballet*:

(...). Não adianta colocar uma criança de sete anos em um Royal Ballet: este é um método desenvolvido para menininha inglesa, que tem perna comprida e bunda fina, enquanto a brasileira tem perna curta e bunda grande. Essas meninas, coitadas, têm de se adaptar a um método que não serve para elas.



O pior é que tudo vira moda no Brasil, em pouco tempo: dá *status* ter um diploma do Royal Ballet. Como ter um pinguim em cima da geladeira (VIANNA, 2005, p. 46).

Ainda nessa discussão, o autor se refere à construção de uma técnica como incorporação dos valores espirituais de uma determinada sociedade. Não se trata somente de uma análise anatômica para a formação de uma expressão corporal. A técnica, muitas vezes, surge de movimentos espontâneos e, assim, vai se desenvolvendo e se remodelando com o decorrer do tempo. Esses movimentos corporais que surgem no seio de uma expressão popular expressam a dimensão humana dos sujeitos sociais, cotidianamente tolhidos em face dos condicionamentos da formação de sentidos produtivos e utilitários à produção:

Ora, além dos valores culturais estrangeiros assimilados pelo artista, assim mesmo sob a refração regional, existem outros puramente regionais – de ordem psicológica ou ambiente – que são os participantes mais profundos dessa formação. Isso é sabido, e é por essa razão que o artista, embora possa sentir a seu modo a obra-de-arte estrangeira, não poderá enquadrar a própria criação nos moldes espirituais que originaram aquela. Quando assim pretende fazer, não consegue senão enfraquecer o seu ímpeto inicial, pela distorção que se verifica, empobrecendo a obra e tornando-a um meio-termo sem originalidade e sem expressão (VIANNA, 2005, p. 88).

Não se trata, assim, de visualizar uma técnica de dança somente enquanto um agrupamento de movimentos provenientes de uma determinada região, mas de compreendê-la em sua dimensão originária, como reflexo de uma complexidade unitária entre aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais, refletindo, pela linguagem do movimento, a própria realidade.

Dessa forma, após falar de conceitos referentes ao espaço e ao território, Klaus Vianna chega, também, à discussão do conceito de tempo. Em um trecho de seu livro, menciona:

O problema é que não se pode dar saltos em arte. Existe o dia, a noite, a semana, o mês, o ano, você não tem como suprimir o tempo. Não posso pular uma noite, não posso ir contra a natureza, a natureza do meu corpo. Não posso lutar contra algo que é muito maior que eu. O Aprendizado exige um tempo e esse tempo precisa ser consciente. É claro, no entanto, que existem as individualidades – e o professor existe para reconhecê-las – e, esse tempo varia em cada um (VIANNA, 2005, p. 51).

Dessa maneira, o autor traz à luz um elemento fundamental dentro da sociabilidade que nos engendra comportamentos: a pressa. E, junto a isso, a ansiedade, o controle e o exacerbamento de mais um elemento – bastante problemático, sob o ponto de vista do risco em recair em irracionalismos – do pensamento racional como

uma distorção capaz de tomar lugar do desenvolvimento das capacidades sensíveis e espirituais humanas.

Nessa linha, Klauss Vianna ressalta, inúmeras vezes em seu livro, a importância de contextualizar o bailarino como sujeito habitante de um chão social permeado de leis comportamentais (sociabilidade) que se desenvolvem nessa dimensão de espaço e tempo. O autor enfatiza a importância em romper as barreiras que separam a sala de aula do mundo externo e respeitar os chamados “ritmos corporais” (Idem, p. 75).

Para o autor, existe um ritmo interno (subjetivo e corporal) e um colocado pelo cotidiano (objetivo e social):

Obviamente, a todo instante somos submetidos a uma série de condicionamentos sociais e culturais. De acordo com a lógica e a disciplina de um mundo orientado para o trabalho, somos levados à mais completa imobilidade e a desempenhar uma forma mecânica de gestos. O universo da produção é hoje um universo de trabalho alienado, no qual também o corpo é submetido a um conjunto de práticas de domesticação social (VIANNA, 2005, p. 126).

Assim, ao nos adaptarmos ao ritmo cotidiano, o corpo com seu ritmo próprio responde a essa contradição através de tensões que se manifestam na própria corporeidade:

Em nossa civilização, caracterizada pelo estresse, o indivíduo tende a manter com o próprio corpo uma relação cada dia pior. O acúmulo de tensões é uma constante no cotidiano. Para justificá-lo, as pessoas costumam dizer que a velhice está chegando, que estão com reumatismo, problema na coluna ou qualquer outra mazela. Quase sempre, porém, nada disso é muito verdadeiro, pois o que se procura é apenas uma desculpa diante de tensões que acabam comprometendo seriamente os movimentos mais simples e inibindo a sensibilidade e a percepção corporal (VIANNA, 2005, p. 107).

Tal reflexão possibilita pensar que na sociabilidade que configura a relação entre sujeitos sociais e corpo é cercada de concepções construídas a partir de costumes, falsas premissas e de uma reprodução desatenta sobre os fluxos e demandas orgânicas dos seres humanos.

Para Vianna, a dança figura como um instrumento com possibilidades de ruptura desse fluxo de ausência e de condução a estágios de consciência:

Quando uma técnica artística não tem um sentido utilitário, se não me amadurece nem me faz crescer, se não me livra de todos os falsos conceitos que me são jogados desde a infância, se não facilita meu caminho em direção ao autoconhecimento, então não faço arte, mas apenas um arremedo de arte. Não sou um bailarino, mas um mímico, o pior tipo de mímico. Conheço apenas a forma, que é fria, estática e repetitiva, e nunca me aventuro na grande

viagem do movimento, que é vida e sempre tenta nos tirar do ciclo neurótico da repetição (VIANNA, 2005, p. 73).

A leitura do livro *A Dança* representa, assim, extrema importância na ilustração da análise desse trabalho. Comandos, técnicas, exercícios para atingir a atenção e a consciência do momento presente se colocam para Vianna não somente como mecanismos para potencializar o campo individual e subjetivo dos sujeitos sociais, mas para situar o ser enquanto parte de um todo e na utilização do caminho da linguagem do corpo na dança enquanto um instrumento que consideramos aqui como forte potência de sensibilização corporal dos sujeitos sociais.

Apesar de ter sido conhecido principalmente por sua obra *A Dança* e seus trabalhos como professor, Klauss Vianna terminou seus dias de vida trabalhando com a preparação corporal de atores no teatro, tendo sua técnica aprofundada e sistematizada por seu filho Rainer Vianna – já falecido –, e sua nora Neide Neves, que até os dias de hoje trabalha com a Técnica Klauss Vianna, através da formação de profissionais no curso de pós-graduação em São Paulo (MILLER, 2016, p. 15).

### 3.5 ANGEL VIANNA

Nascida no Brasil, também em Belo Horizonte e no ano de 1928 (MILLER, 2016, p. 41), a bailarina e pesquisadora Angel Vianna despertou uma nova forma de pensar o corpo em movimento no Brasil, ao lado de seu marido Klauss Vianna. Foram casados, trabalharam juntos e tiveram um filho chamado Rainer Vianna, que também seguiu os passos dos pais no trabalho corporal. Hoje, aos 93 anos, Angel ainda dirige sua escola de dança que, na verdade, se tornou Faculdade Angel Vianna, onde oferece cursos livres, graduação em dança e pós-graduações.

Mesmo seguindo pelo caminho da criticidade tal como Klauss, Angel construiu sua trajetória com elementos bem próprios de sua personalidade, desenvolvendo pontos que Klauss não se debruçou em pesquisar com a mesma intensidade que ela. Enquanto ele se preocupava em estimular uma genuína expressão tanto na dança, quanto no teatro, buscando performances artísticas e coreografias essencialmente elaboradas a partir de estados de consciência, presença e atenção corporal, Angel sempre manifestou um interesse particular nas potências individuais enquanto únicas e especiais em cada sujeito social.

Em uma entrevista concedida para o *site* Idança, Angel declara:

(...) e essa pergunta que 'ce' fez, por que é que me chamam de mestra... eu nem sabia muito bem por que, mas com os anos, com o tempo, eu comecei a observar o que é que eu mais gosto na vida: é de gente. E o que é que eu fiz na vida? Observar gente. E observando é que cheguei à conclusão que eu gostava de cuidar de gente (IDANÇANET, 2012, 00:00' até 00:40').

Nesse movimento, a característica do cuidado em seu trabalho, colocou sua metodologia fundada em um desenvolvimento sobre o acolhimento e a preservação do corpo humano. Sua abordagem e pesquisa com corpos deficientes é uma característica bem singular de seu trabalho. Angel, na defesa de sua escolha interventiva, afirma que todos os corpos possuem potência e possibilidades de se expressarem através da dança. Como descreve Enamar Ramos, Angel buscava novos caminhos ao corpo. Estimulava movimentos desprendidos dos condicionamentos sociais, orgânicos e próprios de cada individualidade. Buscava a conscientização e a sensibilização do corpo (RAMOS, 2007, p. 17).

Diferentemente de Klauss, Angel não escreveu um livro sobre suas considerações metodológicas, mas, até hoje, contribui de várias maneiras para a profusão de conhecimentos que tratem sobre consciência corporal. Tal trabalho se realiza por meio de sua Faculdade e, também, nas diversas entrevistas, aulas e declarações que emite ao tratar sobre o tema. Ainda em entrevista ao site Idança, Angel menciona:

(...) é uma das coisas que eu faço em primeiro lugar: fazer o aluno perceber que ele é uma pessoa especial, porque primeiro dá a noção de quem é a pessoa. Ele é uma pessoa, é um ser que tem que se sentir ser, que a maioria não se sente. A gente que... você não sabe que tá ali, porque não tem presença, não existe... não precisa ser bonito, não precisa ser feio, não precisa ser nada... precisa ser gente. Então a primeira coisa que eu coloco é que ele é uma pessoa única, especial, que vive num meio, numa comunidade que é a família, que é a cidade, o estado, o país, o mundo. Então, se ele não se sente feliz, ele que tem que se tratar, e se tratar em todo o ponto de vista, e se ele veio pra cá ele tem de ter bem o conhecimento do que é o instrumento dele. E o instrumento é o corpo. O corpo precisa ser tratado, precisa ser observado. Seja na dança, seja na terapia, seja na consciência, seja no trabalho mais profundo, mas ele tem de ter atenção com ele. Ele não pode ser qualquer coisa, não pode. Ele tem de ser cuidado. Cuidado não quer dizer que não pode experimentar... pode, e deve, mas tem realmente de saber se ele começa a trabalhar com a percepção do que ele tá fazendo, e com sentimento, com sensibilidade, com atenção e que o professor, também (IDANÇANET, 2002, em 1:17:20').

Nesse sentido, Angel desenvolveu sua metodologia da conscientização através do movimento, buscando desenvolver um trabalho que proporcione consciência e sensibilização, de modo a oferecer instrumentos para que cada um se identificasse enquanto “mestre de si mesmo” (RAMOS, 2007, p. 25).

Em artigo sobre a Metodologia da Conscientização através do Movimento de Angel Vianna, a autora e professora da faculdade de Dança da UFRJ Letícia Teixeira – que também já lecionou na FAV<sup>9</sup> – elucida que a técnica corporal não deve representar

---

9 Faculdade Angel Vianna.

um fim em si mesma, mas, sim, enquanto instrumento de ativação e aprimoramento do corpo (TEIXEIRA, 2008, p. 71).

É possível perceber, deste modo, que as técnicas utilizadas enquanto recurso para promoção de consciência corporal não representam meramente um conjunto de aprendizados que se bastam ao serem adquiridos. Trata-se de meios para subsidiar a busca por um fim que é, na verdade, o refinamento da consciência:

A linguagem, ou melhor, o modo de atuar da Conscientização do Movimento deve possibilitar ao corpo a capacidade de reflexão, para que possa refletir não as regras estipuladas para serem obedecidas, mas a compreensão de suas relações e de como elas se processam na dinâmica da vida. Só assim cada um poderá bastar-se a si mesmo e refletir as possibilidades da própria existência por meio da consciência e da percepção, dois focos essenciais para o entendimento dessa modalidade corporal (TEIXEIRA, 2008, p. 71).

Tanto Angel quanto Klauss Vianna trazem contribuições de extrema importância no que se refere em focalizar o caráter emancipatório de suas técnicas, enquanto instrumentos capazes de conduzir os seres humanos a uma apropriação de suas próprias subjetividades e presenças objetivas no cenário que habitam. Ramos elucidada, inclusive, que para o trabalho de Angel, há uma importância significativa na busca pela espontaneidade, perdida durante a vida, de modo a oferecer mecanismos para nos depararmos com movimentos esquecidos e a descoberta de novos (2007, p. 34).

Klauss e Angel cumpriram com êxito o que se propunham a desenvolver: uma investigação acerca do corpo, do movimento, das potências humanas, da ampliação das dimensões dos sentidos. Estudaram anatomia, fisiologia, cinesiologia, elaboraram atividades práticas, criativas, fundaram escolas, desenvolveram metodologias, somaram no aspecto da criticidade em um cenário pouco expressivo no que tange à consciência corporal e, até hoje, a expressão de seus esforços reverbera de maneira intensa por meio de seus alunos, professores, teóricos, pesquisadores e, inclusive, da própria Angel Vianna que continua atuando enquanto professora, pesquisadora, preparadora corporal, bailarina, artista e atriz com 93 anos de idade.

#### 4.1 LINEAMENTOS SOBRE A RELEVÂNCIA DO ESTUDO PARA O SERVIÇO SOCIAL

As discussões específicas a respeito da área da dança, dos debates acerca das técnicas e suas respectivas finalidades, é um campo bastante desenvolvido que não será abrangido nesta pesquisa. Contudo, algumas observações serão ventiladas ao longo do relato de experiência desenvolvido nas aulas de dança que pude ministrar durante a escrita desse trabalho. Nessa oportunidade, busquei desenvolver alguns mecanismos práticos como hipótese de instrumentos criativos para a sensibilização do corpo neste modelo de sociabilidade.

Além disso, a relevância dessa investigação para a área que está sendo desenvolvida – Serviço Social – pode se destacar pela tentativa de oferecimento de mecanismos práticos e interventivos por intermédio da arte. Tal debate já existe na área e sua pertinência se faz presente, também, nessa pesquisa.

Nesse sentido, menciono algumas pesquisas e trabalhos que versaram sobre o tema, começando por Patrícia Krieger Grossi e Eliane Moreira de Almeida que, ao tratarem sobre a importância social da arte ao escreverem *Serviço Social e Arte: possibilidades e desafios da intervenção profissional*, entendem:

E, a arte pode ser um instrumento facilitador dessa transformação, sendo fiel à sua função de mostrar o real em todas as suas camadas e facetas, mas também “mostrar o mundo como passível de ser mudado e ajudar a muda-lo” (FISCHER, 1971, p. 58). Constitui-se como uma forma de se opor aos processos de alienação e fragmentação provocados pelo modo de produção do sistema capitalista (ALMEIDA; GROSSI, 2019, p. 5).

Ao considerarem o movimento real do metabolismo da sociabilidade capitalista e os novos desafios interpostos pela questão social, as autoras compreendem a relevância contida na reflexão sobre a utilização de recursos artísticos

como instrumentos do processo de trabalho do assistente social (ALMEIDA; GROSSI, 2019, p. 8).

Nesse sentido, na dissertação *A Instrumentalidade do Serviço Social – A arte como Intervenção Social Emancipatória e Instrumento Inovador para o Trabalho da(o) Assistente Social*, Priscilla Rodrigues de Oliveira pôde analisar a arte como um instrumento de trabalho inovador para o Serviço Social, compreendendo que:

As (os) assistentes sociais podem utilizar a arte na elaboração de projetos e programas desenvolvidos com as comunidades, afim de atingir não somente a auto-estima dos sujeitos, mas de propiciar as quebras nos ciclos de violência e pobreza, potencializar a consciência crítica para que aqueles sejam sujeitos ativos em suas comunidades e na sociedade como um todo. Através da criatividade e de propostas alternativas, as (os) assistentes sociais podem ampliar sua cadeia de mediações indo na maré da contra-hegemonia, fortalecendo o projeto ético-político da profissão e criando novas formas de debater conteúdos presentes na formação profissional (OLIVEIRA, 2011, p. 47).

Já no artigo intitulado *O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social*, Débora Guimarães da Conceição menciona entrevistas com assistentes sociais realizadas por Silva (2000) para analisar a percepção destes quanto à utilização da arte e sua potencialidade nos projetos de intervenção profissional. Alguns pontos de destaque dessas entrevistas foram (1) a capacidade estimuladora da arte no que se refere a criatividade e criticidade, (2) a importância da criação de mecanismos para proporcionar o acesso da população a múltiplas formas de arte, (3) o aspecto humanizador da arte, (4) a operacionalização de acesso e ampliação de direitos por meio da arte (SILVA apud CONCEIÇÃO, 2010, p. 61).

Desta maneira, essa pesquisa também se alinha no sentido propositivo da arte, como mecanismo instrumental para o enfrentamento da questão social e suas expressões agudizadas no aspecto da desumanização refletida na consciência do próprio corpo dos sujeitos sociais.

Assim, buscando adentrar às especificidades da escolha artística proposta nessa investigação – a dança – é importante introduzir que, ao tratar sobre qualquer aspecto da vida social no capitalismo, não há qualquer exceção que não contenha suas determinações. É preciso frisar, nesse sentido, que a sala de aula de dança, assim como outros espaços de desenvolvimento de instrumentos artísticos e culturais, contém, em si, elementos que constituem suas características nos limites do modo de produção capitalista. Nesse sentido, ainda que idealmente a dança seja um instrumento artístico e criativo interessante para intervenções profissionais, é importante analisar a realidade conjuntural dessa área na sociabilidade capitalista.

É possível verificar que o cenário da dança atualmente se configura de uma maneira muito semelhante ao que Klaus Vianna descreveu criticamente em sua obra:

diversas situações que expressam a ausência de presença e consciência durante as práticas, competições e limitações advindas da vida cotidiana dos alunos e profissionais. É de adesão comum a concepção que situa o perfeccionismo técnico como a finalidade central das aulas de dança, esvaziando aspectos expressivo e evocadores de emoções da prática. Quanto ao entendimento que esse trabalho se alinha e busca enfatizar como caminho potencializador, ainda não possui relevante expressão nas contradições do cotidiano das salas de aula.

Não nos surpreende que tal atividade seja, também, afetada e transformada pelo modo de produção. Contudo, e considerando as dificuldades inerentes à realidade que se desenvolve no capitalismo, o interesse desta investigação é destacar a técnica como importante recurso quando direcionada a mecanismos potencializadores dos indivíduos e suas subjetividades.

Dessa maneira, de modo a dar prosseguimento aos resultados da investigação, esse item será introduzido pela explicação da técnica utilizada no estudo de campo – sua história e desenvolvimento –, procedida pelo relato de experiência. Assim, finalizamos os lineamentos preliminares afirmando a compreensão de que a técnica não figura somente em sua dimensão negativa, mas, também, representa um possível arsenal de mecanismos que proporcionem expressões subjetivas, a conscientização de alguns estranhamentos relacionados à corporeidade e de que maneira seria possível atuar em direção a um mínimo de sensibilização do corpo no modo de produção capitalista.

## 4.2 TÉCNICA UTILIZADA PELA AUTORA

Em contato com o estudo da dança desde o período da infância, atuo<sup>10</sup> desde o ano de 2011 como professora. Fui responsável por desenvolver e consolidar a modalidade *Tribal Fusion* na cidade de Juiz de Fora (MG), onde também resido. Além disso, possuo uma pós-graduação em conscientização através do movimento e jogos corporais pela Faculdade Angel Vianna (RJ).

Atuando com um estilo de dança – *Tribal Fusion* – surgido há pouco menos de trinta anos e, ainda, em desenvolvimento, verifico entendimentos preliminares, por vezes, pouco claros e muitos posicionamentos distintos entre os profissionais que o constituem. Por outro lado, também verifico que há profissionais que buscam se especializar, investigar seus pressupostos, fundamentos histórico-sociais e estabelecerem redes para fomentar a produção de conhecimento sobre a modalidade.

Contudo, não foi uma opção dessa investigação produzir dados empíricos ou realizar alguma pesquisa específica sobre o estilo técnico em destaque. É importante situar que este trabalho se desenvolveu em um programa de pós-graduação em Serviço Social, onde há uma discussão determinante acerca da categoria do estranhamento,

---

10 Optei por modificar a redação nesse item para a escrita em primeira pessoa do singular, devido ao tema do item referir-se à minha abordagem metodológica.



que busco aproveitar para correlacionar com a questão da corporeidade. O interesse em relacionar a pesquisa com a temática da dança se destaca pelas contribuições valiosas que o instrumental interventivo artístico pode ser capaz de oferecer no cotidiano capitalista.

Buscando contextualizar os desdobramentos realizados nas práticas corporais das aulas de dança, iniciarei tratando sobre os fundamentos históricos e sociais que constituem o *Tribal Fusion* para, em seguida, contextualizá-lo frente à conjuntura atual de sua aplicação. Após traçar esse quadro, demonstrarei a relação dos elementos trazidos pela técnica com a hipótese de que essa linguagem artística representa um instrumento interessante nas elaborações acerca da sensibilização do corpo. Finalizo ilustrando com o relato de uma das aulas que desenvolvo, descrevendo os recursos técnicos utilizados.

#### 4.2.1 HISTÓRICO DA TÉCNICA

Inicialmente é importante salientar que, por se tratar de uma técnica com pouco tempo de surgimento, há pouco material científico acerca do tema, apesar de haver muitos conteúdos sobre os estilos que constituem as bases do *Tribal Fusion* – dança do ventre, folclores árabes, flamenco e dança clássica indiana. As contribuições acerca da consolidação do estilo foram realizadas no Brasil por muitos profissionais que desenvolveram textos em *sites* e *blogs*, havendo, ainda, uma escassez significativa de fontes bibliográficas acadêmicas<sup>11</sup> sobre o estilo, com maiores produções textuais acerca do *Tribal Fusion* em meios digitais.

Assim, alguns sites de destaque no contexto do desenvolvimento da técnica foram utilizados nesse trabalho, representando uma relevância expressiva no contexto brasileiro de formação do estilo como o *Blog Campo das Tribos*, *Blog Aerith Tribal Fusion*<sup>12</sup> e o *site* do Congresso Tribal – além de outros.

Conforme tais referências, junto ao aprendizado adquirido na prática profissional, inicio tratando a respeito de seu surgimento que ocorre na cidade de São Francisco no estado da Califórnia (EUA) nos anos 90, em um momento precedido por diversos fatores que constituíram seu processo de formação.

Uma das personalidades fundamentais no histórico do *Tribal Fusion* foi uma professora de dança do ventre chamada Jamila Salimpour, cujo pai trabalhou na marinha e em países como Egito, Tunísia e Síria. Teve a oportunidade de vê-lo reproduzir alguns movimentos de dança que aprendeu nessas regiões e, além disso, também teve contato com a senhoria de sua residência que era da Armênia. Diante das habilidades e interesse de Jamila, a senhoria levou-a para dançar em festas e eventos. Passou a se

---

11 A “escassez” mencionada não reflete completa ausência de trabalhos sobre a temática. Contudo, são poucos e, por vezes, relacionados a abordagens distintas das almejadas nessa investigação.

12 Após a revisão do texto para a publicação desse livro (2022), foi verificado que o domínio “Aerith Tribal Fusion” foi excluído da web, sendo substituído hoje pelo *blog* Coletivo Tribal.

apresentar em um local chamado *Cabareth Bagdá* da *Broadway*, onde teve contato com muitos imigrantes orientais que puderam compartilhar com ela seus conhecimentos (CONGRESSO TRIBAL, 2018).

Desta maneira, Jamila foi desenvolvendo uma grande proximidade de aspectos artísticos e culturais da dança do ventre e de algumas danças folclóricas, tendo formado, também, um grupo chamado *Bal Anat*. Através dele, se apresentava com seus alunos e alunas na chamada *Renaissance Fair*. Nessa feira, Jamila apresentou-se com seu grupo e trouxe diversos elementos teatrais e circenses junto da dança, de modo a compor a apresentação cênica com sua outra experiência artística que foi vivenciada em sua juventude aos dezesseis anos, quando trabalhou no famoso *Ringling Brothers Circus* (CONGRESSO TRIBAL, 2018).

Jamila incluiu nas performances muitos passos folclóricos de diversas regiões árabes e, também, introduziu espadas, máscaras e cobras nas performances. Além disso, contava com a participação de números de mágica, acrobacias e de seus alunos e alunas. A utilização de música gravada nesse evento não era permitida, sendo requisito de participação o som ao vivo, momento em que introduziu a participação de músicos no palco junto às danças (CONGRESSO TRIBAL, 2018).

Assim, Jamila foi constituindo uma faceta à dança do ventre muito particular da interpretação de uma norte-americana diante de expressões artísticas e culturais orientais.<sup>13</sup> Nesse sentido, uma de suas alunas chamada Masha Archer optou por seguir os passos de sua professora e também lecionar Dança do Ventre. Todavia, seus interesses eram diferentes e buscou atuar de uma maneira que considerasse “crítica” em favor da valorização da dançarina enquanto artista e mulher. Tal posicionamento estava em relação direta com o momento histórico das pautas feministas nos Estados Unidos dos anos 70 (BLOG CAMPO DAS TRIBOS, 2013).

Objetivamente, Masha fez algumas alterações na maneira como a dança era realizada, com a finalidade de enaltecer a execução artística e desviar as tendências de rebaixamento da dançarina a formas de erotização. Naquele momento, muitas dançarinas eram submetidas a tal julgamento diante de um mercado que demandava entretenimento e exotismo. As mudanças aplicadas por Masha refletiram nos figurinos e também na dinâmica dos movimentos, como, por exemplo, a utilização de calça debaixo das saias – para que o corpo da dançarina não fosse exposto em movimentações como de giros –, introduziu turbantes orientais, aplicou o uso do *choli* – um “bustiê” mais coberto de influência estética da dança indiana – e retirou movimentações que ocorriam no chão para evitar olhares “superiores” perante as dançarinas. Tais aspectos

---

13 A respeito da discussão de apropriação cultural, este trabalho não adentrou na especificidade do tema que ganhou bastante repercussão a partir do ano de 2020 com os eventos online em decorrência da pandemia de covid-19.

e outros, Masha pôde desenvolver em seu grupo de dança chamado *San Francisco Classic Dance* (BLOG CAMPO DAS TRIBOS, 2013).

Desta forma, Masha Archer realizou muitas modificações que repercutiram naquele momento contextual, vivendo, inclusive, situações de conflito com os imigrantes árabes residentes nos Estados Unidos. Nesse sentido, escreve Rebeca Piñeiro:

Masha era muito consciente de que estava tomando liberdades extremas com sua dança e suas raízes culturais, mas sentiu fortemente que a dança era tão especial e tão merecedora de respeito que “não importava o que ela fazia com a dança, dançar sempre seria lindo” e esse foi o último legado transmitido para suas alunas antes de parar de dançar (BLOG CAMPO DAS TRIBOS, 2013).

É possível dizer que Masha estava convencida de que mesmo que a dança do ventre derivasse de outra cultura e costumes, ela estaria realizando importantes ações de modo a valorizar o corpo das mulheres que dançassem tal estilo nos Estados Unidos da América.

Em seguida, uma de suas alunas, chamada Carolena Nericcio, resolve dar continuidade e aprofundar esse processo de discussão, formulação de transformações e críticas sobre tal “dança do ventre” – até então – que estava sendo realizada. Diferentemente de sua professora, Carolena resolve organizar uma metodologia e fundar um estilo com um nome próprio, com influências, também, das danças folclóricas do oriente médio, do Flamenco e da Dança Clássica Indiana. Sistematiza uma técnica de dança em grupo, batizada pela pesquisadora Moroco como *American Tribal Style* (BLOG CAMPO DAS TRIBOS, 2013).

O ATS<sup>14</sup>, que buscou marcar em seu próprio nome uma certa “legitimidade territorial” que fosse capaz de afastar acusações de “intervenções” em uma cultura alheia, marcou, também, que a técnica estava sendo desenvolvida na América – especificamente na região norte-americana. Além disso, a palavra *tribal* foi trazida para marcar a dança em grupo. Por fim, a palavra *style* marca a fundação de um estilo novo que, inclusive, foi registrado por Carolena, que detém todos os direitos reservados até hoje.

A partir do momento em que Carolena regulamenta o que seria essa nova técnica, uma nova estruturação corporal também se transmite. Várias incorporações estilísticas são trazidas para esse estilo, como mencionado anteriormente, sob a forma de uma dança que deve ocorrer em grupo a partir de uma improvisação coordenada.

A técnica de improviso coordenado conta com senhas, mediante movimentos que funcionam como sinais em que o grupo que dança, onde as dançarinas conhecem quais são os significados que identificam quais passos serão desencadeados. Tais sinais são capazes de colocar pessoas para dançarem em grupo mesmo sem se conhecerem,

---

14 Abreviatura utilizada para referir ao estilo.

o que proporciona uma conotação bastante interessante de “linguagem através de movimentos”.

O ATS surge oficialmente no ano de 1987 quando Carolena Nericcio fundou seu grupo de dança denominado *Fat Chance Belly Dance*. Traduzindo para a língua portuguesa, *fat chance* é uma expressão idiomática que poderia ser comparada a algo como “sem chance”, “de jeito nenhum”. Junto a *Belly Dance*, o nome era uma resposta no sentido de dizer “sem chance que vou fazer uma dança particular para você”, conservando os aspectos das pautas feministas que fundamentam o histórico desse processo (AERITH ASGARD, 2013).

Diante do surgimento desse novo estilo e o desenvolvimento de sua trajetória em São Francisco, novas expressões começaram a surgir, junto da vontade de solistas se apresentarem. Uma dançarina que foi aluna de Carolena, chamada Jill Parker, saiu do grupo de sua professora e cria uma companhia de dança chamada *Ultra Gypsy*, onde vários passos de ATS passariam a ser incorporados com outras possibilidades estilísticas como o *cabaret* e a dança burlesca (AERITH ASGARD, 2013).

Assim, diversas dançarinas que tomaram contato com essa nova perspectiva, resolveram desenvolver os seus estilos pessoais, recebendo os influxos da técnica do ATS como uma base motora e transmitindo a partir do que os seus conteúdos subjetivos achassem interessante de imprimir conjuntamente. Uma nova possibilidade de desenvolvimento de uma expressão artística individual começava a surgir.

Rachel Brice, dançarina que foi aluna de Jill Parker e, também, dançou na companhia *Ultra Gypsy*, teve grande expressão nesse novo caminhar da dança em São Francisco por diversos aspectos. O primeiro deles diz respeito a uma hipótese narrada nos espaços da dança acerca da escolha do nome do estilo: em uma conversa com Carolena Nericcio, ambas tratavam sobre essa inovação a partir de fusões que não eram puramente dança do ventre nem tampouco ATS, tendo em vista toda a “desconfiguração” que estava sendo impressa no contexto da performance, dos movimentos e, também, dos figurinos. Assim, ambas chegam a um acordo e a nomenclatura *Tribal Fusion*<sup>15</sup> vem à tona, definindo o que viria a se tornar a fusão entre o ATS e qualquer outro elemento que a dançarina quisesse trazer junto com sua performance.

O segundo aspecto acerca da importância de Rachel Brice na constituição do *Tribal Fusion* foi a grande difusão mundial que promoveu desse novo estilo por intermédio de um grupo que integrava chamado *Belly Dance Superstars*, mundialmente conhecido por apresentar performances de dança do ventre – já conhecidas por muitas pessoas – e a novidade do *Tribal Fusion* que, apesar de se assemelhar, guardava diferenças determinantes (FERREIRA, 2015).

---

15 Importante destacar que não foi possível localizar fontes bibliográficas acerca das informações localizadas nesse parágrafo. Assim como muitas danças, o *Tribal Fusion* possui elementos transmitidos através da oralidade, nas salas de aula, nos espaços de performance e nas relações entre praticantes do estilo e profissionais.

Diante disso, a propagação do estilo ultrapassou as fronteiras da Califórnia e chegou a diversos países onde foi desenvolvido, tendo a raiz norte-americana como fundadora.

#### 4.2.2 CONJUNTURA ATUAL DA TÉCNICA

No Brasil, o *Tribal Fusion* – que também é chamado de dança étnica contemporânea, fusões tribais ou dança do ventre tribal – chegou no início dos anos 2000 a partir de vídeos, DVDs didáticos e por meio de dançarinas que tiveram a oportunidade de viajar e estudar diretamente com as professoras da Califórnia.

O estilo foi sendo conhecido aos poucos mediante muitos esforços das praticantes em difundir a técnica. Contudo, bem diferente da realidade norte americana, as dificuldades específicas da realidade brasileira conduziram a maioria das profissionais a se profissionalizarem em face de ter tal dança como um mero entretenimento. Nesse sentido, e com uma lacuna imensa de trabalhos que investiguem a trajetória precária do artista-docente da modalidade, a “cena” foi se constituindo entre muitas dificuldades e reflexos da sociabilidade.

Acerca de minha trajetória pessoal no ensino do estilo, optei por atuar com uma abordagem que se pautava em muitas dinâmicas para proporcionar ferramentas de consciência corporal, primeiramente. Isto porque, além das difíceis questões relacionadas ao mercado da dança, há alguns problemas sérios que se relacionam, também, à própria “incorporação” e execução dos movimentos dessa técnica no corpo brasileiro.

Ao longo dos anos de sala de aula, sempre foi muito perceptível uma grande dificuldade das alunas na execução das posturas ativas de influência flamenca, nos movimentos sinuosos de quadril e, principalmente, uma “expressão autêntica” nas performances. Junto a isso, um sintoma de frustração também era muito recorrente, diante das ansiedades e da falta de paciência como um pressuposto necessário ao aprendizado. Além disso, diversas escolas trabalham a partir de níveis técnicos para nomear as turmas que a cada ano avançam uma etapa (ex.: iniciante, básico, intermediário, avançado e profissional). Entretanto, percebia que tais critérios eram muito relativos e não se efetivavam nas particularidades de cada aluna.

Diante disso e da experiência acadêmica advinda das ciências sociais aplicadas, pude perceber que ensinava uma dança estrangeira atravessada por questões sociais sérias de nossa formação social brasileira, munidas de uma grande complexidade que, quando investigada, poderia ser capaz de fornecer caminhos interessantes para instrumentalizar a sensibilização do corpo.

O processo de surgimento da técnica do *Tribal Fusion* representa uma série de intersecções de fatores sociais que devem ser analisados com bastante detalhe e minúcia. A própria nomenclatura “técnica” é uma questão complexa ao se referir a

essa dança, considerando a recente formação e os diversos entendimentos dissonantes entre os profissionais que trabalham na área.

Trabalhar com essa dança, particularmente, é um grande desafio para mulheres brasileiras e latino-americanas, por nos confrontamos com dois grandes desafios principais que localizo: o primeiro é trazer o ATS e toda a sua “colcha de retalhos” cultural, realizada de uma maneira bastante problemática e contando com os problemas inerentes à própria falta de consciência de nossa cultura nacional e suas expressões regionais. O segundo é que tal estilo se baseia em um pressuposto de realizar uma fusão a partir da escolha do que se “deseja” imprimir de nossa própria personalidade. Tal questão, ao se desenvolver em uma sociabilidade agravada pelos efeitos do subdesenvolvimento – que agravam, conseqüentemente as repercussões do estranhamento – pode ser bastante complicada, também.

### 4.3 A TÉCNICA APLICADA AO CORPO BRASILEIRO

Ensinar a técnica do ATS como base para viabilizar a expressividade do *Tribal Fusion*, não se trata somente de pensar em um alicerce para que a fusão ocorra, mas, sim, ensinar uma técnica corporal que foi constituída por outras danças, que contavam com um corpo sociabilizado a partir de processos muito distintos daqueles que os sujeitos sociais brasileiros vivenciam contemporaneamente e que são particulares sob a ótica de nossa formação social heterogênea, inclusive, em nossas específicas regionalidades.

Assim, a tentativa de investigação nessa fase do trabalho é desdobrar alguns aspectos do *American Tribal Style* quando aplicado no contexto brasileiro, recuperando elementos particulares à nossa sociabilidade e distintos daqueles que originaram o estilo nos Estados Unidos da América.

#### 4.3.1 CINTURA PÉLVICA VERSUS CORPO “BLOCADO” E TENSIONADO

Os movimentos sinuosos realizados a partir da cintura pélvica no ATS são derivados da dança do ventre, como dito anteriormente. Objeto de muitos estereótipos sobre sexualidade, exotismo e erotização, a dança do ventre também incorre em muitos caminhos de equívocos até por seus admiradores e praticantes.

Há alguns trabalhos de bastante rigor sobre o estilo, escritos por brasileiras, como a dissertação de mestrado de Thais da Silva Baptista intitulada *A Dança do Ventre: Movimento e Expressão* e a tese de doutorado de Roberta da Rocha Salgueiro sob o título “*Um longo arabesco*” – *Corpo, subjetividade e transnacionalismo a partir da Dança do Ventre*. Contudo, este item não irá se ater ao estudo específico dessa dança, mas, sim, levantar algumas incongruências corriqueiras na tentativa do desenvolvimento do ensino de uma técnica que, ao utilizar-se parcialmente de uma outra cultura, equivoca-se em muitos aspectos sérios.

Partindo de equívocos<sup>16</sup> que atrelam a dança do ventre a práticas “milenares”, ritualísticas de “feminilidade” e “fertilidade”, características mistificadoras e que constroem uma ideia equivocada do estilo – exemplos de “tradição inventada” (HOBBSAWN apud SALGUEIRO, 2012) – passaram a dar o tom no modo de transpor essa dança para contextos ocidentais. Roberta Salgueiro, ao tratar dessa “tradição inventada”, no que se refere ao misticismo e poder vital da dança, descreve a seguinte situação no contexto brasileiro:

O leigo não precisa recorrer à literatura ou às artes plásticas do século XIX como referência de representação erótica da dança do ventre. O imaginário formado pelo processo colonizador europeu é tão sólido que permeia a cultura de massa brasileira. Na abertura do programa humorístico mais popular do Brasil, “Os Trapalhões”, a dança do ventre aparece em duas versões, sempre sob o signo da promessa sexual. Na primeira, mais antiga, Didi Mocó é seduzido pelo que aparenta ser um ventre em movimento dentro de uma casinha. Ao abrir a porta, o ventre revela ser, na verdade, um boi que, furioso, persegue o humorista. Na segunda imagem, o personagem Dedé Santana se junta a um faquir que encanta uma cobra com o som de sua flauta. Os acordes de Dedé fazem emergir do cesto uma dançarina do ventre semi-nua. Essa representação também aparece no segundo quadro da cena de Didi, mas pertence a uma abertura mais moderna. O vídeo de onde foram retirados a imagem eram de uma atração que mostrava os “melhores momentos” da trupe (SALGUEIRO, 2012, p. 157).

Ao considerarmos o contexto em que a dança do ventre é concebida no ocidente e, em específico, no Brasil, nos confrontamos com muitos estereótipos culturais e históricos particulares de nossa própria realidade nacional, inclusive. A “pelve oriental” não chega aqui de maneira neutra. A “pelve brasileira” também possui sua própria “história”.

Diferente da ideia que se vende sobre o Brasil como “país do samba”, a realidade corporal nem sempre condiz com os estereótipos comercialmente difundidos sobre as habilidades corporais dos brasileiros. Adiantando alguns resultados que serão trazidos no relato de experiência profissional, pude perceber que muitas alunas de dança relatam uma certa sensação de “encaixotamento” a que o corpo é submetido nos hábitos motores cotidianos: diariamente, a dinâmica de trabalho exige um corpo

---

16 Importante destacar que algumas dessas concepções são corriqueiras em salas de aula, onde o ensino da história da dança se desenvolve, via de regra, sem rigor científico por ser concebida como uma atividade física de relaxamento/entretenimento. Assim como a massiva maioria das professoras e praticantes do estilo – sucumbidas pela precarização do trabalho autônomo que pressupõe inúmeras outras funções para além do ensino (como conhecimento de marketing, administrativo etc.) – também pude compartilhar desse equívoco, por exemplo, até a escrita desse trabalho como dissertação. Contudo, avaliei a importância em corrigir o texto original, trazendo trabalhos desconhecidos por mim à época onde a árdua escrita ocorreu nas reduzidas possibilidades de tempo, por sua vez, conjugado com o trabalho autônomo.



que passou pelo transporte público lotado, se movimentou com o padrão muscular diante da pressa e que passou por posturas específicas para a prontidão ao serviço, sem amplas possibilidades cinesiológicas, por exemplo.

A cintura pélvica no cotidiano não tem a mesma conotação que possui nos estilos de dança que ressaltam seus movimentos. Os sujeitos sociais não articulam a cintura pélvica num sentido de exploração das diversas possibilidades motoras que essa região corporal pode proporcionar a nível sensível. A pelve está sempre verticalizada, sendo útil ao equilíbrio do corpo para a lida cotidiana. Os momentos em que a pelve é estimulada a fazer uma outra movimentação se dão em raras oportunidades de pessoas que podem ter um contato com práticas corporais e atividades físicas, ou então pela via sexual, que também guarda suas particularidades reificadas na sociabilidade capitalista.

A “cintura pélvica brasileira” nos enuncia pistas de um corpo “bloqueado”, que é conduzido a corresponder a funções úteis na venda da força de trabalho dos sujeitos sociais. O estímulo de movimentações e o desenvolvimento criativo da motricidade pélvica passa por uma compreensão sensível e consciente de tal parte do corpo, percebendo se há sensações sensoriais, desvios posturais, encurtamento muscular ou, até mesmo, tensões derivadas de hábitos e tradições cotidianas. Além disso, conscientizar para tais “cristalizações” envolve confrontar mecanismos que o corpo desenvolveu para sustentar um modo de vida específico, a despeito de vontade ou atitude consciente.

Ao tratar sobre a aprendizagem de uma técnica corporal, ainda que haja uma execução satisfatória, existe uma base de sustentação daquele movimento que não é meramente mecânica. Dessa forma, é fundamental frisar que aptidão para realização de um movimento não é compreendida aqui como sinônimo de consciência corporal ou consciência de realização do movimento, porque tal “repetição” pode conter estágios de desatenção, desconhecimento e ausência de carga expressiva justaposta à forma.

Junto a isso, uma advertência ainda se faz importante no que se refere à possibilidade de manter a execução e sustentação do movimento atingido: durante a execução é comum que diversas posturas cotidianas venham à tona quando o corpo se desconcentra das movimentações onde há esforço para que sejam executadas. Um exemplo para ilustrar essa situação ocorre, principalmente, nas movimentações dos membros superiores do ATS: visualmente, a moldura dos movimentos de ATS se estabelece nas regiões dos braços e coluna. Quando se requisita uma execução meramente mecânica de uma estruturação alta de braços, com projeção de cotovelos e esterno, mesmo que a aluna consiga se ajustar no desenho do movimento, é recorrente que tal postura se desfça ao longo da dança, caso a postura cotidiana – e todo o complexo psicofísico que a sustenta – colida com a forma almejada apenas do ponto de vista do esforço mecânico.



Assim, é possível perceber a complexidade que se desenvolve em executar um movimento técnico e quais as repercussões que podem ser trabalhadas em sala de aula quando atreladas a um processo de consciência e sensibilização, como busco propor na metodologia que desenvolvo. A seguir, será mencionada a problemática acerca da base postural advinda do flamenco e seus efeitos na região dos membros superiores e cintura escapular do corpo da dançarina.

#### **4.3.2 CINTURA ESCAPULAR E MEMBROS SUPERIORES VERSUS “ANESTESIAMENTOS” MOTORES**

Ao falar sobre a cintura escapular e membros superiores no ATS – braço, antebraço e mãos –, é preciso apontar que tais movimentos se originaram da influência da estética da dança flamenca, se expressando pelas características de altivez postural, tórax expandido e a movimentação de braços e mãos dotadas de uma sustentação tônica muscular bem acentuada.

Resgatando os fundamentos expressivos dessa dança e sua constituição enquanto expressão corporal é necessário explicar, brevemente, que o flamenco foi resultado de danças folclóricas com influências judaicas, ciganas, cristãs e árabes. Teve seu despontar na região de Andaluzia na Espanha e junto a cantos, sapateados e instrumentos musicais (BARBERENA, 2008, p. 16).

Como descreve Silvia Canarim, o flamenco possui uma imagem comumente conhecida por sua visceralidade atrelada à expressividade (CANARIM, 2017, p. 15). As “emoções profundas” constituem marcas estéticas bastante proeminentes nessa dança, considerando as particularidades históricas dos povos que a constituíram, tais como situações de perseguições, injustiças e desigualdades (CAMARGO, 2014, p. 2).

Contudo, a complexidade histórica do flamenco se desenvolve em diversos momentos que modificam, inclusive, seu teor estético. Há três fases bastante específicas analisadas por Érika Barberena na dissertação *A Dança Flamenca: uma experiência de ensino-aprendizagem*: a chamada “idade do ouro”, na segunda metade do século XIX, quando houve interesse da aristocracia pelas apresentações e, por isso, um estímulo ao melhoramento técnico da criação e improvisação – etapa “*Cafés de Cante*” –; a internacionalização do estilo nos cenários teatrais, arena de touros e no cinema, devido à demanda de entretenimento em face do devastador cenário de guerra do início do século XX – etapa “*Teatros e Toros*”; e no momento de abertura econômica da Espanha nos anos 50, com o surgimento de locais turísticos pequenos, com palcos diminutos e mesas rodeando – *tablaos* – que proporcionassem a popularização e o entretenimento através do estilo, transformando o aspecto da criação da dança que, nesse momento, substituiria os improvisos por coreografias ensaiadas – etapa “*Tablaos flamencos*” (BARBERENA, 2008, p. 17-20).

Contudo, ao verificar os pouco mais de 150 anos de história do estilo, Silvia Canarim analisa em sua dissertação o item *um novo flamenco para um novo tempo*,

afirmando que o flamenco também se modificou no momento contemporâneo, mas manteve elementos característicos de sua expressão. Cita Steingreiss ao compreender que as “chaves culturais” para expressar as emoções humanas, apesar de modificadas, não afetaram o flamenco como uma dança da “expressão da alma ferida do homem” (STEINGREISS apud CANARIM, 2017, p. 28).

A partir de tais reflexões e ao trazer essa técnica marcada por movimentações que expressam uma carga sentimental bastante “visceral” para o corpo contemporâneo, é recorrente haver muita dificuldade na execução. Diante de um cotidiano capaz de esgotar a disponibilidade “extra produtiva” e, ainda, que inviabiliza o aparecimento de emoções e sensibilidades para além dos limites inscritos nos parâmetros de prontidão, os sujeitos sociais acabam por se estranharem de motricidades como aquelas oferecidas numa aula de dança – em especial com as características estéticas e técnicas do flamenco. Frente a percepções muito semelhantes às elucidadas nesse parágrafo, Barberena descreve, em seu relato de experiência profissional com as aulas de flamenco, a seguinte percepção:

Dentre as dificuldades que enfrentei, destaco a luta contra fatores externos. Infelizmente, o estresse de São Paulo e a dinâmica própria da academia muitas vezes repercutiam na sala de aula. (...) O cansaço foi um fator visível no dia-a-dia. Os meus alunos trabalham o dia inteiro e percebe-se que é difícil manter uma concentração, um movimento corporal e uma exigência de minha parte por causa do cansaço acumulado durante o dia. Meu cansaço e o cansaço de meus alunos(...) (BARBERENA, 2008, p. 59).

No corpo cotidiano manifestam-se efeitos que compreendemos aqui como espécies de “anestesiamentos”, capazes de embalarem as engrenagens da eficiência de uma constituição corporal dotada de utilidade social. Como dito no capítulo anterior, ao tratar sobre a dimensão útil do corpo, é possível verificar que não há condições potencializadoras para efeitos de “purgação” de emoções como infelicidades, revoltas, incômodos ou tristezas na sociabilidade do capital – mesmo que esse modo produção da vida esteja intimamente relacionado com o surgimento de tais sentimentos. Por outro lado, vale frisar, ademais, que a dimensão sensível dos sujeitos sociais não se reduz apenas às emoções contidas e não expressadas: diante de um não desenvolvimento de aptidões para manejar sentimentos e emoções, o corpo foi se modulando a tal conjuntura – vale lembrar que tratamos o corpo, aqui, como uma unidade psicofísica.

Tais modulações tratam-se, efetivamente, de ajustes profundamente lesivos à integridade e potência psicofísica humana. Diante da necessidade de atendimento a comportamentos produtivos, úteis e eficientes, é possível que as emoções, que não se relacionam a essa demanda, acabem sendo bloqueadas recorrentemente, tendo esse “sufocamento” convertido em dores e adoecimentos. Estes, por sua vez, têm

operado como âncoras que tentam aportar o ritmo desumanizador da sociabilidade do capital.

Dessa forma, os sintomas que antecedem adoecimentos, invalidezes e a efetiva paralisação dos sujeitos acabam sendo refletidos no invólucro que sustenta todas essas contradições orgânicas: o corpo. Por diversas vezes é possível perceber o “peso da existência” do cotidiano nos ombros rebaixados, na expressão facial de cansaço e desalento, no desgaste postural, articular, na dificuldade de atingir um nível de descanso a partir de muitas dores etc.

Assim, ensinar a técnica do ATS, em sua dimensão de influência flamenca, configura-se uma árdua tarefa diante de corpos que se situam profundamente enredados nos efeitos agravados dos estranhamentos, desenvolvidos no decurso histórico e social do modo de produção capitalista. Apesar de tal dança ter se originado a partir de contradições sociais que guardam semelhanças com os dias atuais, a maneira de expressar os movimentos e lidar com as emoções no contexto do surgimento do estilo era bastante diferente. Contudo, proporcionar o contato com as influências dessa técnica possibilita, também, um oferecimento de novos arsenais motores, capazes de evocarem maneiras diferentes e até potencializadoras de manejar os aspectos expressivos inscritos no estilo.

#### **4.3.3 IMPROVISAÇÃO COORDENADA E SENHAS MOTORAS VERSUS OBJETIVIDADE COTIDIANA**

Tal aspecto destaca-se pelas dificuldades no momento do ensino, mas, também, pela potência que contém em ampliar a criatividade e memória motora. Isto porque, ao tratar sobre as codificações que possibilitam a comunicação em grupo no ATS, estas são realizadas por quem lidera a improvisação, por meio de “sinais” expressos por movimentos sutis, que são capazes de informarem acerca dos passos subsequentes.

Tais movimentos representam estimulações cognitivas bastante distintas daquelas vivenciadas cotidianamente. Ainda que existam gestuais no dia a dia, capazes de “comunicarem” informações, não há um teor estético ou artístico relacionado a eles. Há diversos exemplos que ilustram tal situação: quando balançamos as mãos para despedir de alguém, ao levantar o polegar como uma concordância ou afirmação positiva, ao levantar e descer os ombros como dúvida e, também, ao balançar a cabeça para os lados como forma de negação. Entretanto, tais gestos representam uma operacionalidade da lida diária, contendo uma diferença significativa no aspecto evocador de emoções que a dança, por sua vez, é capaz de proporcionar.

Contudo, seria incorreto afirmar que os gestuais diários não evocam emoções de nenhuma natureza. Pude perceber, a partir das experiências com o grupo de alunas que desenvolvo as aulas, que muitos sinais emitidos por movimentos cotidianos passam de maneira despercebida e sem consciência, inúmeras vezes. Existem posturas e até diferenças de tonicidade muscular que também são expressos diante de determinadas

situações que refletem o conjunto da comunicação – mesmo que não estejam sendo realizados ou compreendidos de maneira consciente. Afinar a percepção da expressão corporal é propor uma estimulação cognitiva distinta da que se engendra na sociabilidade em questão.

Além disso, o problema apontado nos hábitos cotidianos – por vezes reificados – não reside na simples manifestação de um comportamento útil, objetivo e pragmático. Entendemos que tais habituações não configuram escolhas voluntárias e prescindíveis, tendo em vista a necessidade de engendrar tais hábitos para a sobrevivência na sociabilidade do capital. Ocorre que, quando os movimentos e gestos se reduzem apenas a operacionalizações do ritmo diário, acabamos nos defrontando com uma concepção muito restritiva de capacidade expressiva corporal e, assim, perdemos a dimensão de outras potências advindas com uma estimulação psicofísica mais abrangente.

Nesse sentido, o ensino da improvisação coordenada nas aulas de dança representa uma hipótese bastante interessante de ensejar novas expressões corporais, novas capacidades evocadoras de emoções e a afinação de aspectos sutis das manifestações humanas expressas no corpo.

#### 4.3.4 ESPONTANEIDADE VERSUS CONDICIONAMENTOS

Ao ensinar a técnica de improvisação coordenada advinda do ATS, é esperado que as alunas consigam dançar sem o comando da professora e que o grupo tenha autonomia para desenvolver sua própria dança, sem coreografias. Além disso, muitas técnicas de improviso são revestidas de tal potencialidade, capaz de fornecer instrumentos para emergirem expressões e movimentos sem a necessidade de repetições nos moldes das técnicas coreográficas.

Contudo, as repetições próprias das técnicas de improvisação são fundamentais para compreendê-las como mecanismos capazes de promover uma certa “espontaneidade” ao dançar. Dessa maneira, ao tratarmos do conteúdo espontâneo inscrito na improvisação, não significa uma aleatoriedade ou um afastamento de preparos técnicos. Como afirma Cleide Martins na tese de doutorado *Improvisação Dança Cognição – Os Processos de Comunicação no Corpo*: “Improvisação é dança menos ordenada, mas altamente organizada. Configura um modo de organizar as informações com finalidade comunicativa (...)” (MARTINS, 2002, p. 54).

Além disso, o teor espontâneo contido nas técnicas de improviso não se restringe somente a esse universo ao tratar sobre dança. Um dos fatores que caracterizam os folclores, inclusive as danças que deles derivam – vale destacar que os folclores árabes influenciam diretamente os movimentos do ATS –, é o elemento da espontaneidade. Conforme afirma o folclorista Roberto Benjamin, ao descrever tal aspecto, diante da nova conceituação de “Folclore” a partir do VIII Congresso Brasileiro de Folclore em 1995:

(...) os fatos e manifestações folclóricas nascem da comunidade, não são institucionalizados, não surgem de decretos e portarias; não se aprende nas escolas através de um exercício sistemático, mas com a convivência, de forma quase inconsciente e progressiva (BENJAMIN, 2011, p. 2).

O processo de surgimento de uma dança como expressão cultural, tal como nas situações folclóricas, não se dá diante de uma folha em branco, mas sim, a partir das relações sociais e do reflexo da conjuntura histórica que as forjaram. Além disso, muitas dessas danças, ao serem convertidas em técnicas de ensino, também podem ser submetidas a processos que proporcionam mecanismos de espontaneidade como experimentações corporais, recursos de improvisação, jogos corporais e trabalhos de teatralidade para a evocação de emoções através do movimento.

Dessa forma, o ensino de mecanismos que conferem espontaneidade ao dançar configura uma aproximação possível a movimentações eivadas de muitas possibilidades criativas, ao contrário do que ocorre com o padrão de corporeidade que embala o ritmo cotidiano, permeado de cristalizações reificadoras e automatismos.

Ao perceberem os efeitos de tais cristalizações nas aulas de dança, as alunas costumam se deparar com tais aspectos operando como limitadores de possibilidades motoras. Os depoimentos narrados ao longo das aulas mencionam as tensões musculares como um dos maiores sintomas de restrição dos movimentos autênticos, pois a movimentação criativa e espontânea figura-se bastante incompatível quando tais tensionamentos geram bloqueios na motricidade. Contudo, ao instrumentalizarmos as técnicas mencionadas com recursos de consciência através do movimento e sensibilização corporal, os resultados são bastante positivos.

Defendemos a hipótese, aqui, de que seja possível restaurar uma qualidade de movimento orgânico e relativamente autêntico diante das proposições técnicas aliadas a práticas de educação somática. Dessa maneira, é importante enfatizar que acreditamos que o estudo exclusivo da técnica estilística se manifesta insuficiente para atuar de maneira efetiva no aprendizado da dança em questão, considerando os obstáculos interpostos pelos efeitos do estranhamento do corpo na sociabilidade em que as alunas estão inscritas. Os caminhos didáticos propostos pelas técnicas de educação somática, como instrumentos que auxiliam a sensibilização anatômica e criativa do corpo, permitem um horizonte de efeitos novos, propositivos e, efetivamente, humanizadores.

São muito recorrentes alguns depoimentos de alunas que procuram as aulas dizendo que querem dançar, mas que nunca irão conseguir realizar os movimentos como a professora faz porque são “duras”, “desengonçadas” e “desajeitadas”. Entretanto, acreditamos que tais concepções decorrem de um cotidiano escasso de alternativas para que elas se percebam de outra maneira. Assim, ao longo do desenvolvimento

das aulas, os caminhos pedagógicos desafiam os limites interpostos pela sociabilidade e apresentam novas possibilidades de sensibilização do corpo daquelas alunas.

Acerca dos aspectos ressaltados até o presente momento que constituem elementos fundamentais do ATS como base do estilo em questão – o *Tribal Fusion* – enfatizamos a relevância de seu aprendizado preliminar nas aulas de dança. Isto porque, além de ser o estilo que o *Tribal Fusion* se deriva, as possibilidades advindas do ATS constituem uma forma satisfatória de preparo do corpo cotidiano para a introdução a uma nova movimentação, bastante diferente dos padrões diários de movimento.

#### 4.3.5 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS EXPRESSÕES CORPORAIS ATRAVÉS DO *TRIBAL FUSION*

O *Tribal Fusion* surge a partir das bases oferecidas pelo *American Tribal Style* fusionadas com o que o dançarino queira acrescentar. Diversas estéticas surgiram a partir dessa inovação: *Cabaret Fusion*, *Tribal Brasil*, *Hip Hop Fusion*, *Dark Fusion*, *Urban Tribal*, *Improvisational Tribal Style* (ITS) etc.

Entretanto, a construção de tais fusões passa por algumas respostas preliminares diante de indagações fundamentais à dançarina, tais como “o que você deseja expressar para que sua dança seja autêntica e consiga expressar sua subjetividade?”, “Por qual tipo de técnica e estética você se interessa?”.

Diante disso, considero que o cenário do *Tribal Fusion* brasileiro ainda caminha de maneira insatisfatória nessa forma de desenvolver o estilo, refletindo uma influência muito grande de repetições de passos e estilos inspirados – acriticamente – em dançarinas internacionais. Considero o *Tribal Brasil*,<sup>17</sup> por exemplo, uma expressão bastante original, criada a partir de referências condizentes com o contexto em que vivemos. Entretanto, compreendo que tal estilo não representa a única maneira de desenvolver uma fusão adequada às heterogeneidades nacionais. Alguns brasileiros, por exemplo, nunca tiveram contato com danças regionais e populares como o coco, baião, carimbó, maracatu, forró, frevo ou samba.

Outro sintoma muito recorrente na dificuldade do desenvolvimento do *Tribal Fusion* no Brasil é a dissonância entre a dançarina e uma determinada “escolha de personagem”, presente em muitas performances, apresentações e manifestada de maneira bastante caricata, muitas vezes como recurso de “fuga” da realidade cotidiana. De fato, a linguagem estética possui a peculiaridade de proporcionar “suspensões” às formas imediatas e objetivas inscritas na cotidianidade. Entretanto, por muitas vezes, tal ação reflete uma projeção cênica de uma personalidade que se “deseja ser”, mas que na realidade material não há condições, como ocorre na representação de deusas, fadas, bruxas ou qualquer outra figura arquetípica que aproxime de um contexto de

---

17 Nomenclatura de um estilo que se utiliza, via de regra, na fusão com danças e estéticas regionais brasileiras.

fantasia, na tentativa de sobreposição da escassez de cogitarem referências criativas materiais.

Inclusive, é muito comum alunas e dançarinas profissionais relatarem o anseio em viver como no universo fantasioso das formas de representação que constroem nos palcos, onde verifico uma certa distorção da ideia de “liberdade artística” para se expressarem. Entretanto, é uma preocupação que trago nas aulas acerca da possibilidade de aproximar performances cênicas constituídas a partir de referências materiais, sem anular as possibilidades estéticas de criação. Considero que tal maneira de “construção de personagem” pode conduzir a escapismos arquetípicos que despotencializam o “retorno” à corporeidade que se constitui no cotidiano, acirrando ainda mais o estranhamento corporal.

Ao proporcionar novas maneiras de se movimentarem e expressarem seus estímulos criativos, tal amplitude de possibilidades se apresenta de forma potencializadora, aproximando-as a uma nova perspectiva de expressão e evocação de emoções capazes de conduzirem a novas maneiras de constituir subjetividades na sociabilidade do capital.

Ainda que as aulas contenham um processo que pode não atingir a totalidade de estranhamentos que as alunas trazem consigo, é possível, ainda assim, ampliar as capacidades criativas de corpos condicionados a responderem somente a uma forma específica de agir, pautada pela via da produtividade, utilidade, eficiência.

Assim, ao iniciar o ensino da possibilidade de fusões com o ATS, não priorizo o ensino de passos já desenvolvidos por dançarinas de *Tribal Fusion* – apesar de, também, ensiná-los –, pois esses movimentos refletem aspectos particulares, já construídos por dançarinas que integram outras realidades sociais e bastante distintas das especificidades brasileiras. Por outro lado, proponho, prioritariamente, investigações sobre como transformar os movimentos básicos de ATS com as referências subjetivas existentes em cada aluna, alargando de suas capacidades criativas.

#### **4.4 METODOLOGIA DE ENSINO – RELATO DE EXPERIÊNCIA**

A condução das aulas de dança, em regra, possui uma dinâmica que se repete e que consiste em iniciar com um alongamento ou aquecimento, seguido pelo direcionamento das alunas para a frente do espelho, o ensino de passos e combos de movimento para, ao final, realizar um relaxamento.

Porém, ao longo dos anos de experiência e o contato com o estudo de práticas somáticas, anatomia, teoria musical e com a própria Metodologia Angel Vianna – a qual me pós-graduei em julho de 2019 –, pude construir outras abordagens que foram constituindo uma nova maneira de ensinar dança às minhas alunas.

Ao desenvolver um planejamento metodológico, busco introduzir no espaço da sala de aula uma discussão objetiva sobre o processo de constituição corporal ante



a sociabilidade do capital, instrumentalizado por interações orais das próprias alunas de modo a refinarem a apropriação de suas sensações a partir da linguagem verbal.

As alunas de dança, tendo ou não a pretensão de desenvolverem uma profissionalização na área, não são seres alheios às repercussões políticas, econômicas, sociais e culturais da sociabilidade em que estão inseridas. Ainda que, ao entrarem em sala de aula, não verbalizem as questões que circundam os seus cotidianos, o corpo não deixa de expressá-las e se portará de modo a manifestar todo o complexo de elementos que se traduzem nos padrões corporais – posturas, tensionamentos, aptidões etc.

Dessa forma, discussões materialistas e objetivas, que tratam sobre a conjuntura social, também são trazidas para dentro da sala de aula e, de fato, auxiliam nos processos que sucedem as dinâmicas de consciência corporal, muitas vezes dando sentido à compreensão das sensações corporais tão abstratas e novas.

Caso o refinamento técnico seja a diretriz de alguns profissionais e estes optem por entender que “os problemas ficam do lado de fora da sala de aula” – como muitos costumam falar com seus alunos e alunas, na tentativa de oferecerem uma “blindagem” da vida real, buscando maior adesão de sujeitos cansados da vida cotidiana –, compreendo que irão se confrontar diversas vezes com queixas, frustrações, incapacidades de realização de movimentos. Creio que tais contradições, bastante recorrentes nas salas de aula de dança, serão minimamente dirimidas somente quando os “problemas deixados para fora da sala de aula” começarem a ser destrinchados dentro dela com os mecanismos que trabalho corporal é capaz de oferecer.

Obviamente, não há uma pretensão psicoterápica na abordagem que proponho. Todavia, considero que há recursos específicos de serem aplicados em uma aula de dança que possibilitem sensibilizações acerca do corpo como um complexo psicofísico. Acredito que, caso os profissionais permaneçam evitando esse aprofundamento nos fatores que limitam o movimento dos alunos, a resposta às dificuldades motoras por parte desses possa despotencializá-los ainda mais, tais como “dançar é um talento que não é para todo mundo”, “nem toda aluna vai conseguir dançar” etc. Sendo assim, a abordagem discursiva e os debates representam um subsídio bastante interessante como instrumentos para capacitar uma abordagem que ofereça perspectivas sensibilizadoras a partir do corpo.

Diante disso, o entendimento expresso nos parágrafos anteriores sobre o que é a dança *Tribal Fusion* representa, também, uma hipótese frutífera para a sensibilização mencionada e o desenvolvimento de expressões, emoções e subjetividades estranhadas pelos influxos societários do modo de produção capitalista.

Além de apresentar bases motoras que viabilizam habilidades desconhecidas e potencializadoras em face das condições interpostas pela sociabilidade do capital, é possível, também, apresentar ferramentas para emergir características que ultrapassam



a fragmentação reducionista expressa na dimensão útil, eficiente e produtiva que os sujeitos sociais concebem como única alternativa de existência. Há muito a se explorar e descobrir para além da utilidade e das formas de personalidade condicionadas pela demanda geradora de valor socialmente determinado.

#### **4.4.1 OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE A AULA**

As aulas contêm duas horas de duração, ocorrendo uma vez na semana devido à impossibilidade majoritária de quórum e condições de pagamento de mais aulas por semana. Em anos anteriores, as aulas eram desenvolvidas em noventa minutos. Entretanto, percebi que esse tempo não era suficiente para atingir o nível de atenção e consciência mínimos para realização do trabalho corporal, que julgo necessários para que um processo de conscientização e aprendizagem sejam desenvolvidos.

O aproveitamento do tempo precisa estar de acordo com a capacidade de assimilação das alunas, havendo cautela com a saturação pelo seu excesso como, também, com a rapidez e superficialidade em abordagens que carecem de uma maior delonga para se desenvolverem. Isso é importante pois o ritmo cotidiano das alunas já possui muitos estímulos de pressa e tensionamentos. Quanto mais tempo um corpo é submetido a um processo gradual, trazido pelo aprofundamento e aproveitamento de uma determinada dinâmica de sensibilização, mais elementos podem ser agrupados para que as alunas adquiram mecanismos de autopercepção.

Quanto ao público, as aulas são frequentadas em unanimidade por mulheres com faixa etária variando entre dezoito e sessenta anos, sendo predominante a idade de vinte a trinta anos. Além disso, não é necessária uma prévia experiência com dança.

#### **4.4.2 ETAPA 1: ENTREGA DO PESO DO CORPO NO CHÃO E À GRAVIDADE**

As aulas se iniciam com as alunas deitando no chão. Tive contato com essa prática durante as aulas na pós-graduação em MAV (Metodologia Angel Vianna), onde inúmeras proposições de conscientização do movimento são exploradas diante dessa relação entre corpo e gravidade.

Aplico esse elemento no início das aulas justamente por compreender que, ao chegar à escola de dança, cada aluna viveu uma experiência cotidiana diferente até o presente momento que antecede a aprendizagem, com seus respectivos padrões posturais e orgânicos que devem ser “arrefecidos” para a introdução ao trabalho técnico. Dessa maneira, a proposta feita às alunas de uma “entrega corporal” ao chão oferece um certo “alívio” que atua frente ao desgaste diário.

Tal atividade proporciona formas das alunas se conscientizarem acerca da atuação da força da gravidade em seus corpos diariamente. Isto porque, do momento em que despertamos do sono à hora de dormir, toda a constituição anatômica se configura para suportar, oferecer uma força de oposição e realizar esforços para manter o corpo em

pé ou sentado. Por vezes, tais esquemas corporais perduram de maneira automatizada em situações em que não há necessidade de mantê-los, como durante o sono.

Além da etapa de se deitarem no chão, também sugiro o espreguiçamento como um recurso efetivo para o desfazimento de algumas tensões acumuladas, enrijecimentos motores, regulação de posicionamentos ósseos e diversas outras possibilidades que representam ferramentas de autocuidado. Nesse momento há um atendimento às particularidades individuais, mesmo se tratando de um trabalho realizado em grupo. Ao receberem a estimulação de espreguiçamento, cada aluna a realizará de acordo com uma forma que lhe é própria, iniciando, assim, uma investigação de movimentos autênticos e particulares, sem comparações com outras alunas ou comigo enquanto professora.

É muito recorrente que em aulas de dança os alongamentos sejam uma prática inicial e o espreguiçamento, quando aplicado, ocorra ao fim das atividades como recurso de relaxamento. Entretanto, há trabalhos de fisioterapeutas que compreendem que alongar os músculos antes de práticas de esforço corporal conduz a perdas de rendimento muscular (ALMEIDA, Paulo H. F. et al., 2009, p. 341). Nesse sentido, buscando evitar uma certa “frouxidão” muscular que dificultaria a execução das propostas técnicas, opto por inverter a aplicação dos recursos, utilizando os alongamentos no fim da aula e os espreguiçamentos no início, tendo em vista os efeitos de “arrefecimento” das tensões cotidianas proporcionadas por este, sem, necessariamente, implicar na alteração do rendimento muscular.

Além disso, a recomendação do espreguiçamento ocorre devido a sua forma breve ao ser realizado, evitando desgastes musculares e operando como uma prática de preparo corporal que todas as alunas já possuem uma certa familiaridade. Todavia, na preparação do corpo para as aulas de dança, os espreguiçamentos são estimulados de formas mais criativas e elaboradas, para que surjam outras percepções capazes de atuarem frente a tensões despercebidas com os automatismos que interferem, inclusive, na maneira cotidiana de espreguiçar. Alguns exemplos que ilustram os estímulos diferenciados de espreguiçamento são as sugestões para pensarem no movimento dos ossos dentro do limite e, ao mesmo tempo, elasticidade da pele; na rotação das várias articulações existentes no corpo – que muitas desconhecem; ou até mesmo na experiência de espreguiçar testando a capacidade de extensão dos músculos em todo o corpo.

Nesse sentido, percebo que quanto mais conhecimento anatômico as alunas possuem, mais recursos encontram para se moverem. A grande maioria desconhece ou não percebe as camadas internas corporais – inclusive as que possuem formação em áreas relacionadas a saúde. É muito comum verificar nas alunas a ausência de percepção quanto às sensações e complexidades das camadas internas do próprio corpo.

Dessa maneira, após o espreguiçamento, quando as alunas já dissiparam um pouco das tensões que continham – e que são determinantes para a desatenção e dificuldades dentro da sala de aula – proponho que elas simplesmente permaneçam deitadas sem se moverem, tal como ocorre em uma das posturas do *yoga* denominada *Shavassana*. Nessa posição – oferecida como um recurso preliminar de relaxamento, para complementar o desfazimento de tensões – o corpo se coloca em decúbito dorsal, sendo também conhecida durante algum tempo como “postura do cadáver”. Conforme o entendimento de Angel Vianna, relatado em aulas que foram oferecidas na pós-graduação de sua metodologia, esse nome seria inadequado, pois, ao partimos da lógica de que se trata de uma posição relacionada à morte, a chance de um abandono dos esforços cognitivos é muito grande. Assim, a proposição se encaminha no sentido de haver uma “entrega” do peso corporal à gravidade, mas realizada de maneira consciente e executada por um corpo vivo, onde a atenção permaneça e possibilite o acesso a estágios de relaxamento consciente.

Diante desse estímulo, é muito comum que as alunas sintam um pouco de sonolência, podendo incorrer, inclusive, em adormecimentos. De acordo com depoimentos das alunas, minhas observações enquanto professora e experiências individuais que obtive enquanto aluna, pude inferir que o único momento em que as pessoas se deitam em seus cotidianos, geralmente, está diretamente relacionado ao ato de dormir. Deitar-se como mecanismo de descanso durante a rotina representa, inclusive, um grande problema para muitos sujeitos que associam a prática ao sentimento de “preguiça” ou outros conceitos que se contrapõem à produtividade. Assim, mesmo quem possui dificuldades para dormir no cotidiano, a reação de “cair no sono” é recorrente na maioria das pessoas que realizam essa dinâmica.

Dessa maneira, ao propor a realização dos espreguiçamentos que dissipam as tensões para, em seguida, conduzir a uma postura que potencializa o estado de relaxamento a partir da inércia motora, é comum que o sono seja um efeito para as alunas que fazem aulas a pouco tempo. Estabelecer uma predisposição ao relaxamento sem “abandono” de consciência demanda uma constância dessa prática até que o corpo se adapte com o novo estímulo e dissipe a associação do desligamento pelo adormecimento frente ao cansaço.

Durante o relaxamento proporcionado pela “inércia”,<sup>18</sup> são realizadas algumas estimulações auditivas para que as alunas compreendam a relação do corpo com a força da gravidade. É possível que, mesmo após o espreguiçamento, alguns grupos musculares ainda estejam tensionados, dificultando a entrega do peso do corpo no chão. Assim, quando é solicitado que as alunas se deitem, é visualmente perceptível

---

18 Vale mencionar que a expressão foi inserida entre aspas por se tratar de uma inércia de movimentos amplos. Nessa etapa, há muitas regulações tônicas que ocorrem de maneira sutil e, por vezes, imperceptível à observação visual.

uma certa “suspensão” de algumas partes corporais, como, por exemplo, os ombros, a mandíbula cerrada e a coluna lombar – regiões que grande parte das pessoas possuem dificuldade de relaxamento.

Alguns recursos metafóricos e imagens para estimular a imaginação são muito úteis para criar uma assimilação de fácil compreensão no desfazimento da referida suspensão, gerada através dos tensionamentos musculares e articulares. Um exemplo que utilizo é comparar o corpo com uma espécie de marionete, onde algumas partes corporais estariam suspensas por fios que comparo às fibras musculares. Proponho que esses “fios imaginários” sejam “cortados” a partir de mecanismos próprios que cada aluna vai aprendendo a acionar. Um dos caminhos para atingir tal “soltura” é através da expiração com o movimento de retração da caixa torácica na saída do ar.

É possível – e comum – que o desfazimento das tensões não ocorra durante as primeiras aulas. Algumas cristalizações de tensões podem demorar bastante tempo para serem percebidas e, também, desfeitas. Contudo, informo essa possibilidade durante a estimulação auditiva, buscando evitar preocupações com as dificuldades surgidas. Além disso junto, faço o anúncio de que tal atividade trata-se de uma conscientização sobre o corpo e, caso algo não consiga ser realizado, os obstáculos também são válidos para a proposta de conscientização e sensibilização da corporeidade de cada uma.

Também estimulo, nesse momento, a observação do corpo em sua totalidade, considerando os desequilíbrios e tensionamentos que possam permanecer. Adquirir consciência corporal e desenvolver mecanismos para atuar nos ajustes orgânicos são dois processos diferentes. Durante uma prática de conscientização são apresentados diversos recursos que as alunas podem aprender a utilizar, sem que, automaticamente, consigam de maneira imediata.

Compreendo, também, que é preciso um cuidado específico para evitar o excesso de informações no momento da estimulação auditiva. Verifico que a sobrecarga do sentido da audição, com muitas informações novas e estímulos em demasia da atividade sináptica, pode conduzir a caminhos contrários à potencialidade da atividade.

Assim, ao fim dessa etapa, é possível perceber uma considerável “afinação” da capacidade proprioceptiva, resultando um esquema corporal muito diferente em relação ao momento em que a aula foi iniciada. A utilização dos recursos de espreguiçamento, o relaxamento consciente pela entrega do peso do corpo no chão e a estimulação auditiva no desenvolvimento da autoimagem corporal, representam mecanismos que auxiliam substancialmente a introdução das aulas, situando o corpo no processo de aprendizado de maneira atenta, disponível e minimamente restaurado do desgaste cotidiano. Além disso, considero a importância desse momento para o oferecimento de uma outra perspectiva de restauração corporal, que desatrela o descanso apenas como uma necessidade advinda de um estado de esgotamento.

#### **4.4.3 ETAPA 2: DO RELAXAMENTO PRELIMINAR AO AQUECIMENTO**

Assim, alguns cuidados são importantes para o início da segunda etapa: requisitar movimentos após um relaxamento como o proposto se faz mediante um processo gradual onde qualquer mudança brusca de sensações pode ser incompatível e, por vezes, gerar perturbações. Não proponho que as alunas simplesmente se levantem do chão, tendo passado por uma atividade densa. É preciso que os músculos sejam ativados gradualmente, de modo a encontrarem um tônus adequado para a prática dos exercícios físicos que virão.

As estimulações auditivas continuam ocorrendo com meus comandos vocais associados a músicas. Existem diversas maneiras de iniciar um processo de movimentação ampla após o relaxamento corporal inicial, porém, considerando a pertinência da descrição, trago uma das hipóteses utilizadas para possibilitar a transferência do corpo “inerte” ao estado de aquecimento para receber a técnica.

Para iniciar o aquecimento, sugiro, novamente, a realização de um espreguiçamento com música adequada para a sutileza do momento de despertar movimentos amplos. Alerto para que seja gradual, começando pelas extremidades – como os dedos dos pés e mãos – e ativando partes colaterais às que já se encontram em movimento.

Ao longo desse segundo espreguiçamento para saída da “inércia”, oriento algumas possibilidades criativas a serem realizadas a partir da relação entre os ossos e a pele, de modo a compreender quais os limites proporcionados pela pele para a motricidade dos ossos. Sugestiono uma metáfora da pele como um “saco de ossos”, estimulando a expansão e contração a partir dos espaços internos que os ossos ocupam junto aos órgãos e músculos, além das possibilidades de contato das protuberâncias ósseas com o chão.

Diante de tais estimulações, percebo ser recorrente a ausência de percepção sobre o próprio sistema esquelético. Menciono que o esqueleto é como um alicerce de um prédio que edifica todas as camadas que vão se constituir de maneira sobreposta a ele: ligamentos, músculos, tendões, órgãos etc.

Sendo assim, proponho a estimulação do contato dos ossos com o chão, quais protuberâncias desses ossos tocam o solo, se são os ossos inteiros, se são apenas uma parte deles, como se articulam para uma mudança de posição etc. Destaco que a atenção para o trabalho com os ossos configura um traço marcante na Metodologia Angel Vianna que aplico nas aulas. Cada momento desse tipo de prática figura como uma possibilidade de contato com a própria anatomia, de conhecimento dos próprios mecanismos que compõem os espaços corporais internos etc.

A partir desse momento, os movimentos vão sendo amplificados gradualmente, possibilitando o retorno a um estágio de sustentação corporal diante da verticalidade. Na medida em que as alunas vão respondendo às estimulações motoras, proponho

que o contato dos ossos com o chão seja realizado direcionando o corpo para o nível<sup>19</sup> médio de impostação postural.

O corpo possui inúmeras camadas que podem ser estimuladas para a transição de níveis, como, por exemplo, imaginar a pele esticando e enrugando, na pele acoplado contato com o chão como um “adesivo” para atingir outros espaços na sala de aula, na capacidade de rotação das articulações para proporcionar a tridimensionalidade dos movimentos etc.

Antes da permanência no nível médio, sugiro retornos ao nível baixo, novamente, para proporcionar a assimilação da capacidade de regulação de tonicidade muscular através do ato de ceder e oferecer oposição à força da gravidade. Considero tal estímulo importante para o aprendizado da autonomia sobre a escolha do tônus diante de situações de transição. Tal proposta ocorre através de uma abordagem lúdica em conjunto com músicas com BPM<sup>20</sup> maior, de modo a estimular a resposta muscular frente a comandos de maior agilidade e tônus. Além disso, tal atividade é capaz de oferecer outras possibilidades de manejar a propulsão do corpo, para além dos mecanismos relativos a tensões advindas da pressa.

Ao finalizar os “ensaios de transição” e, finalmente, se situarem no nível médio, proponho a investigação de maneiras de realizar deslocamentos mediante o espaço da sala de aula. Nesse momento, há uma intensa ação dos membros inferiores, contando com a amplitude da estrutura óssea, possibilidades articulares, resistência e elasticidade muscular. É possível investigar, por exemplo, quais são os apoios ósseos que podem proporcionar ao corpo diferentes posicionamentos, seja apoiando sobre a fíbula, no metatarso direito enquanto o fêmur esquerdo toca o chão, seja tirando as duas pernas e apoiando sobre os ísquios etc. Nesse sentido, cada aluna vai encontrando respostas autênticas, espontâneas e particulares às suas próprias pesquisas de movimento.

Essa autenticidade, acima referida, só é possível por não haver um paradigma visual comparativo pré-estabelecido, que restrinja as práticas de sensibilização a movimentações “certas” ou “erradas”. Os estímulos auditivos das falas que ofereço, junto a música, guardam uma importância substancial por auxiliarem na evocação de suas próprias individualidades.

Assim, para além da investigação dos apoios ósseos no ato de assentar, também proponho um deslocamento a partir dessa ação pela sala de aula, de modo que as alunas possam ampliar as possibilidades espaciais. Percebo, nesse momento, uma atenção que se amplia a outros aspectos, para além da própria corporeidade: começam a observar os limites do espaço da sala e entre elas, se atentam para a interação dos

---

19 Conceito tratado por Rudolph Laban ao tratar do fator de movimento “espaço” relacionado à altura em seus aspectos alto, médio e baixo (RENGEL, Lenira. 2003, p. 19).

20 Batidas por minuto.

movimentos de todas, desenvolvem um cuidado com o espaço, com as colegas e com o próprio equilíbrio de manter o corpo em deslocamento etc.

Nessa atividade, sugiro, também, que identifiquem algum instrumento que tenham percebido com maior atenção para testar a sincronia entre os movimentos e a sonoridade. A partir das músicas propostas, ocorrem diversas oscilações de velocidades rítmicas crescentes, auxiliando substancialmente no ajuste da prontidão muscular para a condução do corpo no espaço e para prepará-las para a próxima etapa que será do corpo verticalizado.

#### **4.4.4 ETAPA 3: VERTICALIZANDO O CORPO APÓS AS ETAPAS 1 E 2**

Após explorar o espaço e possibilidades motoras diversas com estímulos criativos, novamente proponho um ensaio de transição de níveis, assim como foi do baixo para o médio. Outras maneiras de deslocar serão conhecidas, tendo em vista que a relação de resistência com a gravidade é outra, agora aproximada da que se estabelece cotidianamente, e há o elemento do deslocamento espacial conjuntamente.

Tais estimulações amplificam a gama de possibilidades motoras e, também, se traduzem em ações preventivas de lesões, por exemplo. Quando o corpo experimenta várias formas de ir ao chão, a memória motora se amplifica e insurge, de maneira reflexa, em uma situação imprevista que pode ocorrer no cotidiano. Como desaprendemos a abaixar, assentar no chão e nos deslocarmos de maneira articulada como as crianças fazem, o índice de lesões diante de alguma situação adversa de queda, acidente ou desequilíbrio é muito maior em face do que poderia ser caso a amplitude de possibilidades motoras não fosse desconhecida e esquecida com o passar dos anos e condicionamentos.

Ofereço algumas estimulações que possibilitam conhecer as dobras articulares conectoras dos ossos, para que percebam as oposições de força para resultar em um impulso de subida, que experimentem se levantar sem a necessidade de tensão na região cervical – extremamente recorrente – que utilizem outras regiões inusitadas para sair do chão, como, por exemplo, fazendo um movimento de espiral com a bacia. Após realizarem vários ensaios de transição de níveis que amplificam posturas, movimentos e vetores que impulsionam as trocas, começamos a trabalhar com a verticalidade.

Chegando no nível alto, a única base de apoio do corpo são os pés. Assim, dando continuidade ao fluxo de aquecimento, que já se encontra diante de uma dinâmica mais agitada, proponho maneiras diferentes de caminhar, como se alguma parte específica do corpo conduzisse e os pés apenas respondessem como base. Oriente outras direções como andar de costas, de lado e que não percam de vista o espaço, juntamente com a dimensão de grupo que cada uma delas integra.

Movimentos como o de caminhar de formas inusitadas e que não se sintam tão seguras inicialmente, como quando sugiro que o movimento ocorra de costas, são capazes de possibilitar uma percepção que ultrapassa a individualidade e chega



ao grupo. Como aprendi nas aulas sobre a Técnica Klauss Vianna que tive contato, sugiro que “apoie o olhar” umas nas outras, evitando direcioná-lo para o chão ou desviá-lo como reação de insegurança, por exemplo. Os apoios garantem uma estruturação motora, enquanto as articulações possibilitam a flexibilidade e a quebra do enrijecimento excessivo.

Ao fim, trago algumas dinâmicas de criatividade que finalizam o deslocamento em pé e que encerram o momento de preparação para o contato com a técnica. Um deles é a fixação de um dos pés no chão mantendo o outro suspenso para que haja um desequilíbrio que permita a compreensão das compensações a partir de oposições dos membros. Não se trata de buscar equilibrar-se nesse momento, mas, sim, permitir que o corpo transite por estágios de desequilíbrio e encontre compensações a partir de oposições não só contra o chão, mas, agora, entre os membros para a finalidade de manutenção da verticalidade.

Geralmente as alunas que desconhecem esse exercício tendem a deixar os pés caírem, verbalizam a dificuldade como forma de resistência, tensionam regiões para manter o corpo em equilíbrio etc. É bastante perceptível o desconhecimento dos recursos internos e motores pautando as disfunções e, por vezes, frustrações. A ausência de perspectiva motora e sensorial amplificada conduz a uma relação muito deficitária no sentido estratégico de saber manejar e compreender os recursos de autorregulação e manutenção da estrutura corporal. Entretanto, com as orientações auditivas que estimulam conhecer as compensações de desequilíbrio utilizando a amplitude de movimentos, as articulações em sua dimensão amplificada e os músculos para suspenderem e orientarem a troca, os resultados se transformam à medida que novas sinapses vão se formando diante dessa nova maneira de estar em pé.

O “comportamento padrão” na maioria das situações são reações pouco confortáveis com a disponibilidade para explorar as dimensões anatômicas e sensoriais, porém, que manifestam sentimentos de alegria, alento, consciência e entendimento quando ultrapassam a reatividade primária e chegam a uma capacidade de síntese e observação de si próprias sem estarem imersas nas diversas oscilações de reações que tomam a estrutura corporal como uma força externa.

#### **4.4.5 ETAPA 4: VERBALIZAÇÃO APÓS O PROCESSO DE PREPARAÇÃO CORPORAL**

A série de atividades que configuram o preparo para a técnica duram cerca de quarenta minutos contínuos e é finalizada com uma pausa para descanso junto à verbalização das sensações e experiências vivenciadas na execução das proposituras. Esse momento é de fundamental importância porque as alunas passaram por diversas estimulações sensoriais distintas das vivenciadas cotidianamente.

Quando retornam ao modo de interação usual que lhes é comum no dia a dia – através da fala – estimo a tradução das experiências vivenciadas corporalmente



como uma maneira de estimulação da capacidade expressiva frente a aprofundamentos temáticos incipientes na comunicação oral cotidiana, tais como: sentimentos, sensações corporais e emoções evocadas a partir da motricidade.

Ainda que esse trabalho se restrinja a realizar uma análise das repercussões sociais do estranhamento da dimensão corporal humana sem adentrar em questões referentes à psicologia, é indispensável considerar alguns aspectos emocionais da prática em questão se partirmos de um entendimento do corpo como unidade psicofísica humana. Podemos ilustrar tal fato de diversas maneiras. Uma delas é mediante exemplos endócrinos quando ocorre a secreção de hormônios que geram sensações de alegria e bem-estar durante a prática de exercícios físicos – como a serotonina – ou até mesma na situação dos hormônios provenientes de situações que o organismo seja submetido a *stress*, sustos ou outras respostas rápidas que ativem as glândulas suprarrenais, de modo a liberarem adrenalina e cortisol, que informam respostas orgânicas tais como a aceleração dos batimentos cardíacos, aumento do fluxo respiratório e, também, do tônus muscular.

É importante destacar que, observando objetivamente a sociabilidade do capital, são desproporcionais e mais recorrentes as condições que nos submetem a respostas orgânicas frente ao *stress* e desgastes em face de momentos geradores de bem-estar e prazer. Como mencionado anteriormente, o corpo constitui-se de maneira funcional aos postulados do capitalismo, sendo cada vez mais possível inferir que hormônios, como os das glândulas suprarrenais, possam operar com maior presença em face daqueles geradores de bem-estar e prazer como a ocitocina, serotonina e endorfina.

Dessa forma, o desenvolvimento de práticas de consciência corporal e do movimento podem afetar, sem dúvida, o campo emocional humano. Posto isso, algo que elucidado durante as aulas é o fato de as atividades não terem uma pretensão de promoverem processos psicoterápicos ou terapêuticos de modo a orientarem a compreensão das sensações ou algo relacionado, mas, sim, a sensibilização de diversas cristalizações permeadas pelo corpo.

Parte desse processo passa, também, por saber manejar as percepções individuais de cada aluna por meio das exposições orais, na tentativa de materializar a abstração das sensações. Durante essa etapa é muito presente uma dificuldade generalizada por parte de muitas alunas, seja com reações de silêncio decorrente da inabilidade de tradução do que sentiram, através da fala, ou seja, pela via da prolixidade desorganizada dificilmente compreensível às demais pessoas que estão ouvindo. Entretanto, todas as aulas possuem este momento e a cada repetição, com o decurso das semanas, há uma transformação nas formas de expressão e um refinamento na capacidade expositiva de cada aluna.

Dessa forma, é possível perceber que a falta de aptidão para manejar assuntos relacionados às sensações não pode ser simplesmente justificada por jargões como “há

sentimentos que as palavras não são capazes de expressar”. Com o desenvolvimento das formas de estranhamento para a modulação de um corpo útil e produtivo, as características alheias a esse formato de “ser” foram se ocultando perante a consciência dos sujeitos sociais sobre si próprios e, ao mesmo tempo, se reificando mediante premissas sustentadas por concepções distorcidas, que afastam o domínio do conhecimento humano de suas próprias mãos.

Assim, como Marx preleciona nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, o resultado “fenomênico” do aparecimento de uma potência humana, distinta daquelas concebidas como expectativas cotidianas, são atribuídas a outrem que não a própria pessoa, por vezes entendidos como milagres divinos, inspirações advindas de seres espirituais e outras mistificações que limam a possibilidade de vislumbrar tais ocorrências como fruto da própria dimensão subjetiva do ser social (MARX, 2010, p. 83). É bastante recorrente tais comentários em sala de aula, principalmente por parte de alunas que possuem alguma crença religiosa ou espiritualista. Percebo que, por vezes, as ações corporais inusitadas e que surpreendem pelas sensações novas são sucedidas por algum comentário como o que ocorreu através de uma aluna que teve contato pela primeira vez com a aula: “‘baixou um santo’ aqui que não era eu. Nunca havia feito isso antes, não é possível”.

Dessa forma, os conhecimentos anatômicos e histórico-sociais que busco agregar nas aulas se apresentam como vias importantes para promover compreensões decisivas acerca do processo de sensibilização. Tais descobertas apreendidas durante as atividades são aquisições de caráter potencializador frente ao processo de estranhamento constituído a partir de uma gênese histórica e social, que, ao penetrar na subjetividade humana, se instaura sobre o complexo vital do corpo, atuando na constituição das subjetividades e das personalidades.

#### 4.4.6 ETAPA 5: APLICANDO A TÉCNICA

Após a parte preparatória, seguida pela conversa a respeito das percepções de cada aluna, inicio a terceira etapa da aula que consiste em aplicar a técnica do *Tribal Fusion*. Como mencionado anteriormente, essa dança trata-se de um estilo muito recente – década de 90 – em que há diversas maneiras de concebê-lo e aplicá-lo sem uma devida sistematização metodológica como é no caso do *American Tribal Style*.

O tribal – maneira como nos referimos usualmente quando optamos por não falar o nome todo em inglês – tem como fato gerador a manifestação de uma expressão subjetiva distinta dos fundamentos que compõem uma dança em grupo. O foco nesse estilo é o desenvolvimento de uma assinatura individual onde a dançarina possa expressar suas escolhas através da realização de uma fusão com ATS.

Dessa forma, e diante das problemáticas trazidas nos itens anteriores, começo as turmas iniciantes trazendo a estruturação básica de movimentos do ATS, selecionados por mim como pertinentes para habituar as alunas com uma nova sistematização

corporal. Isto porque, seguindo a sistematização trazida por Carolena Nericcio, há passos determinados para serem ensinados em cada nível de ensino, como um regramento metodológico. Entretanto, como as aulas são de *Tribal Fusion*, opto por ensinar, primeiramente, alguns movimentos mais simples em face de outros que demandam uma consciência corporal mais refinada.

Começo trabalhando a conscientização postural e as extremidades dos membros inferiores e superiores, por serem partes corporais que as pessoas possuem mais habilidades em movimentarem diariamente: mãos, pés, braços e pernas. Em contrapartida, na sistematização do ATS e em diversas aulas de *Tribal Fusion*, os profissionais optam por ensinar, também, movimentos sinuosos, ondulações abdominais e outros passos que são realizados pelas regiões e musculaturas mais profundas – o que considero ineficaz diante das dificuldades das alunas que acabaram de começar a dançar.

Afirmo isso por já ter tentado realizar essa abordagem nos primeiros anos que ensinei o estilo. O resultado era de profundas dificuldades na realização de movimentações complexas e, também, de manter o corpo verticalizado sem desequilibrar ou canalizando tensionamentos nos membros próximos ao movimento, como forma de compensação da ausência de estruturação e novos comandos a partir do centro do corpo. Assim, fui percebendo que iniciar pelas extremidades em direção ao centro – região menos percebida cotidianamente – possibilita uma comunicação direta com a familiaridade das movimentações realizadas no dia a dia, tais como mexer as mãos, realizar movimentos com o braço, promover dinâmicas de deslocamento e equilíbrio etc. Assim, percebo uma amenização entre as habilidades que as alunas já possuem com a dificuldade ao aprenderem a técnica.

Dessa maneira, a abordagem para ensinar um novo movimento se dá através de três etapas: (1) quando elas dançam junto a mim como uma tentativa de copiar o movimento sem a utilização de espelho; (2) seguido pelo mesmo processo com a utilização do espelho, visualizando o resultado após o treino de fluência; (3) e, finalmente, a explicação dos fundamentos para a realização do movimento.

A escolha de ensinar os detalhes anatômicos e motores ao final se dá por razões que se relacionam com a instrumentalização das alunas a lidarem com a despreocupação diante do erro – primeiramente –, com a espontaneidade de terem contato com os trejeitos advindos de suas configurações corporais naquele momento e, principalmente, com a importância de se conectarem com novas sensações antes de receberem um novo sistema de movimentações que demandará atenção e foco. Como inicio dançando virada de costas, para que elas tentem “imitar” meus movimentos, as percepções relatadas são de tranquilidade e maior facilidade para realizarem a movimentação, tendo em vista que há uma experimentação inicial e não uma cobrança onde o acerto ou o perfeccionismo são os objetivos.

Ao chegarmos ao momento da utilização do espelho para que elas visualizem o que estavam fazendo, percebo que há uma dificuldade muito grande com questões de direção, lateralidade e a sensibilidade motora perde grande parte da qualidade de refinamento, tendo em vista que a primazia da visão junto à distorção trazida cotidianamente da autoimagem se potencializam – como investigou Feldenkrais (1977).

É bastante comum nas aulas de muitos estilos de dança a utilização do espelho durante todo o tempo de aula. Entretanto, percebo que a tendência à manutenção da falta de consciência sobre o corpo se fortalece quando adicionadas, também, as comparações através da imagem refletida das demais alunas e da própria professora. Isso se agrava ao refletirmos que tais comparações podem ensejar um reforço à atmosfera de disputa trazida pela sociabilidade do capital agravada pelas repercussões referentes ao conteúdo patriarcal de competitividade feminina. Além disso, ao sobrevalorizar a utilização do espelho, estimula-se a primazia do sentido da visão, distorcendo a amplitude dos demais sentidos e acirrando a lógica de fragmentação sensorial. Todavia, compreendo a utilização do espelho, durante um período curto, como um recurso válido de observação das transformações e atualização da autoimagem.

Finalmente, ao ensinar a técnica a partir de uma abordagem cinesiológica<sup>21</sup>, contando com uma prévia sensibilização anatômica realizada durante o aquecimento, as alunas vão aprendendo a aplicar na dança os instrumentos que carregam consigo em sua dimensão corporal e, assim, verifico que conseguem se apropriar ainda mais de uma parcela da consciência, até então, munida de estranhamentos.

Durante o avanço das aulas e diante da segurança em realizar os movimentos memorizados e executados de maneira consciente, a base para criação das fusões vai sendo constituída e, aos poucos, proponho maneiras de alterar criativamente os movimentos aprendidos, a partir de características individuais de cada aluna. Tal momento também é gradual, mas realizado com maior espontaneidade e autenticidade diante das várias estimulações criativas realizadas ao longo da primeira parte da aula em que há o contato com uma forma de dança livre.

O novo “sistema corporal” vai se unindo às experimentações vivenciadas durante o aprendizado da base e já aprimoradas de maneira menos enrijecidas com relação a forma em que ocorriam no início das aulas. A tendência a deitar no chão, ao chegar na sala de aula, já se torna uma ação advinda de uma vontade orgânica de espreguiçamento para auxiliar os estágios de aprendizado com grande parte das tensões dissipadas; a criatividade já alcança uma maior amplitude de formas, ângulos, velocidades e variações de tônus; a postura já estrutura a possibilidade de motricidades profundas; e o senso de coordenação motora também se aprimora.

Ao longo do avanço dos meses e anos – no contexto que ultrapassa esse estudo de campo específico e que pude verificar ao longo dos oito anos de profissão –, as

---

21 Estudo dos movimentos do corpo humano.

alunas alcançam uma individuação que reflete não somente nos estilos que cada uma projeta sobre suas danças, mas, também, em uma relação de autocuidado que se estende para seus cotidianos e um desenvolvimento de aptidões e curiosidades para descobrirem mecanismos novos em seus corpos.

Muitas repercussões se manifestam a partir do desenvolvimento da consciência sobre o próprio corpo. Dentre elas, destaco o relato de uma aluna que realizou apenas quatro aulas de uma oficina que desenvolvi, em que abordava somente a conscientização pelo movimento sem o ensino de alguma técnica estilística específica. Essa aluna trabalhava no setor de recursos humanos de uma rede de restaurantes, onde seu trabalho era administrar algumas outras lojas, pois diante da função que exercia não havia outros funcionários capacitados. Frente a isso, fazia seis anos que não tirava férias e teve somente alguns episódios de folga que não duravam mais do que dois dias. As horas extras não remuneradas eram recorrentes e seu esgotamento, também. Assim, ao iniciar a aula e responder às perguntas que realizei sobre as condições sensoriais dos cinco sentidos, sua resposta foi de que não sabia me dizer nada sobre eles, porque pela primeira vez, depois de muito tempo, ela estava lembrando que “tinha um corpo” e que, até então, nunca havia pensado em observar conscientemente seu olfato, condições da visão, sensação dos músculos, camadas sonoras percebidas ou qualquer outro elemento sobre seu próprio corpo. Ao longo das aulas que frequentou, suas reações eram manifestas sob a forma de choro, sentimentos de surpresa e relatos que refletiam *insights* após anos de cristalizações duramente constituídas.

Contudo, há situações onde as práticas de consciência corporal não são bem recebidas, também. Já ocorreram poucas situações de alunas que tiveram contato com aulas particulares e não sentiram uma compatibilidade com a abordagem de sensibilização. As justificativas relatadas eram que não se sentiam bem diante do que estavam sentindo e, percebendo como uma reação de fuga diante dos sinais do que o próprio corpo estava comunicando – o que é perfeitamente compreensível, considerando que ampliar sensações, como parte do trabalho de sensibilização e consciência corporal, diante dos desgastes predominantes na sociabilidade-, pode ser algo bastante desagradável e pesaroso.

Dessa maneira, a experiência corporal é atravessada por inúmeras reações que podem variar, inclusive, para quem permanece nas aulas. Em alguns momentos pode resultar em sensações de grande satisfação, em outros pode ser curioso, mas, também, pode ser um processo de sofrimento. Entretanto, busco sempre ressaltar que um acompanhamento psicoterápico especializado, para a busca de uma organização psíquica das novas percepções é fundamental, tendo em vista os limites da prática que realizo.

Assim, compreendo que a contribuição das práticas somáticas, para transmitir o estilo de dança *Tribal Fusion*, se alinha com os fundamentos que originaram seu

surgimento: anseios relacionados à individuação, de modo a possibilitar uma expressão corporal mais autêntica e potente através dos movimentos dançados, pautados em diversas referências culturais que demanda elementos que ultrapassam a mera aptidão para realizar movimento.

Ao longo do desenvolvimento desse trabalho, foi possível perceber que as apropriações dos recursos corporais junto às propostas de criação foram capazes de fornecer elementos de acesso a uma criação com características mais autênticas e amplas, no aspecto da construção de uma subjetivação estética que seja condizente com características pessoais das alunas.

Finalmente, ressalto que o *Tribal Fusion*, junto às abordagens de práticas somáticas, apresentou-se como um caminho que possui grandes potencialidades, capazes de permitir sensibilizações progressivas do corpo, também da possibilidade de desenvolvimento de uma das dimensões da personalidade por intermédio da expressão pelo movimento. A abordagem de transmissão de uma base que desafia os aspectos de condicionamentos corporais cotidianos, propondo outras dinâmicas de movimento, permite ampliar o esquema das condições corporais motoras e, também, a atualização da autoimagem de maneira positiva. Além disso, a criação de novas formas para modificar a base constituída mediante o ATS permite o confronto com o desafio da criatividade e da afinação de uma “assinatura individual”, cujo acesso se torna mais amplo de possibilidades quando a consciência corporal é capaz de recorrer a uma ampla gama de recursos corporais, novos padrões de movimento e construir novas formas de desenvolverem uma motricidade que traduz, ao fim, uma ampliação da personalidade engendrada pelo cotidiano.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfecho dessa análise deixa muitas questões abertas, mas, ao mesmo tempo, que figuram como muitos pontos de partida para o desenvolvimento de aprofundamentos analíticos posteriores. Considero que a exposição do tema e as conclusões adquiridas, a partir daqui, possibilitam caminhos bastante frutíferos no que concerne à produção de conhecimento acerca das subjetividades. A intenção nesse trabalho foi de transmitir elucidações que consideramos importantes a respeito de um problema que atravessa não só a vida no sentido abstrato, mas a própria materialidade imediata onde ela se processa: o corpo.

Esse “objeto” de estudo se faz muito peculiar, por sua vez, por ser vivo e dinâmico. O corpo é a condição de existência dos seres humanos, para além das estruturas e configurações sociais que podem ser modificadas, transformadas radicalmente ou até mesmo desconstituídas para surgirem outras novas. A condição corporal não se trata de uma eventualidade pretérita ou algo já superado durante o decurso histórico. Trata-se da condição material orgânica de existência dos sujeitos sociais.

Além disso, vivenciamos as repercussões analisadas na escrita e, inclusive, é possível nos afetarmos diretamente a partir dela. Escrever sobre esse tema foi uma prática extremamente desafiadora porque parto de uma observação que compartilha de maneira imediata as percepções e verificações expostas. Isto é, estudar um “objeto vivo” e, ainda, a partir de uma perspectiva que se preocupa com o debate da consciência a respeito da sensibilidade corporal é estar suscetível a diversos atravessamentos que podem submeter a análise científica a grandes desafios quanto ao seu rigor.

É preciso dizer que estar disposta à compreensão do aprofundamento sobre a esfera da sensibilidade humana, por vezes tornou o exercício de análise muito difícil, pelo excesso de atenção às determinações subjetivas que, reificadas inocentemente ou propriamente ditas, precisam operar em segundo plano para um curso minimamente razoável e sem muitos desgastes perante a cotidianidade capitalista. Quando o corpo começa a ser percebido e atendido, após recorrentes “apagamentos” de percepções que indicam conjunturas orgânicas submetidas a uma reprodução lesiva à vida humana, produzir sob o compromisso de datas, cronogramas e, ainda, com um trabalho paralelo ao da pesquisa que não obteve custeio através de bolsa, torna-se um grande desafio.

Dessa maneira, e compreendendo a possibilidade de tratar sobre aspectos decisivos na escrita desse trabalho, considero importante mencionar que esse livro foi escrito sob a forma de uma dissertação durante dois anos e meio de mestrado, paralelamente a um curso de pós-graduação em consciência corporal, sem bolsa de



financiamento de pesquisa e em meio a uma rotina de trabalho como professora autônoma – necessária às considerações trazidas nessa análise –, onde o tempo em sala de aula era manejado com o tempo de criação artística, dos planos de aula, funções orgânicas básicas e, finalmente, ao trabalho de leituras, pesquisa e escrita desse livro. O paradigma de corpo estranhado, “útil” e pouco desenvolvido no aspecto da sensibilidade também era o meu próprio corpo. Ao dissecar o estudo, fui alargando, também, a percepção sobre minha própria subjetividade, inevitavelmente. Em diversos momentos os anseios dos sentidos e das emoções atravessavam a tarefa de escrever, estar focada e concentrada.

Pude perceber, ademais, que promover a sensibilização do corpo não é algo simples nem tampouco imediato. Atravessamos um longo decurso histórico e social onde o aspecto do afastamento do desenvolvimento da personalidade foi interposto por comportamentos socialmente determinados e impressos na condição corporal cotidiana. Desse modo, percebi que a escolha teórica desse trabalho foi muito acertada diante da trajetória profissional que estava construindo em paralelo à academia, possibilitando a tentativa de realizar um tratamento rigorosamente objetivo ao tema das subjetividades – determinado, por sua vez, por muitas análises com fragilidades metodológicas e científicas.

Em outros campos da produção de conhecimento a temática da corporeidade é tratada sob uma perspectiva que, por vezes, aborda os aspectos da sensibilidade de uma forma meramente denunciativa, indicando a alienação como algo imanente e sem uma abordagem materialista e propositiva. Considero que tal perspectiva favorece o obscurecimento da compreensão das determinações desse “objeto vivo”, relegando a temática das subjetividades a irracionalismos, “subjetivismos” e mistificações que ferem substancialmente qualquer análise científica. Além disso, o relativismo em face de considerações universalistas que residem em tais campos epistemológicos é, por vezes, responsável por abstrações profundamente irrazoáveis, descoladas da realidade concreta e capazes de afastarem o debate de um mínimo necessário de contornos de sobriedade para a produção de um conhecimento efetivamente interventivo na vida humana. Como leciona Marx, o concreto é a síntese de muitas determinações (MARX, 1987, p.16) e consideramos, assim, que estas devem ser apropriadas em sua máxima possibilidade, sem desconsiderar a impossibilidade que reside em analisar a totalidade absoluta de qualquer objeto – o que colidiria diretamente com qualquer método científico.

Assim, a intenção desse trabalho foi apresentar uma base analítica materialista, com contribuições rigorosas e objetivas acerca das subjetividades, capaz de apontar condições socialmente determinadas em sua complexa dinâmica de funcionamento. Compreendemos aqui que, ao partir de um entendimento que desconsidere as repercussões objetivas que operam efetivamente na formação das subjetividades,



a tendência ao desvio das formas de interpretação dos problemas se consolida, favorecendo a naturalização de certos comportamentos humanos constituídos a partir de fenômenos históricos e sociais. Como mencionamos ao longo da escrita, a categoria do estranhamento manifesta-se de formas completamente atípicas, particulares, com traços da formação social que os sujeitos estão inseridos e extremamente heterogêneas. Entretanto, o que buscamos aqui foi ilustrar como percebemos essa categoria se manifestando nos dias de hoje na dimensão corporal.

A escolha do arcabouço teórico marxista e marxiano acerca desses fenômenos que repercutem nas subjetividades partiu de um entendimento de pertinência necessária para as contribuições sobre o tema, conferindo uma clareza sobre pontos de nebulosidade e frágeis na tradição teórica a respeito do corpo. Por outro lado, é possível dizer que no campo da teoria marxista, a discussão acerca das subjetividades é pouco desenvolvida se a comparamos com a produção, hoje predominante, da pós-modernidade. Partindo de aspectos profundamente antagônicos com relação às escolhas teóricas desse trabalho, consideramos que as teorias pós-modernas se constituem a partir de uma concepção que cinde o indivíduo e o aparta das relações sociais objetivas. Nesse sentido, incorre no erro de negligenciar as determinações sociais formativas das individuações. O marxismo, diferentemente do que muitos afirmam equivocadamente, comporta reflexões decisivas sobre a subjetividade. Compreendemos, assim, que estas permitem colocar o problema do estranhamento corporal em dimensões mais amplas e complexificadas.

O estudo da realidade é algo muito complexo. A própria palavra “realidade” é posta em exercício de relativização – e até negação – por muitos autores que se situam em áreas do conhecimento afetadas pelo irracionalismo. Dessa maneira, afirmar a realidade é, ao mesmo tempo, se esquivar de muitas críticas contundentes que atrelam essa forma de análise a reducionismos categóricos e dogmáticos. Compreendemos, tal como Lukács leciona, que analisar a realidade se efetiva através de aproximações possíveis e abstrações razoáveis, buscando realizar, de forma extremamente rigorosa, a apreensão de elementos que afetam concretamente a relação do ser humano com o mundo.

A partir disso, o que se propôs como finalidade desse trabalho, principalmente a partir da escolha da análise sobre a via da corporeidade, foi identificar um processo de afastamento do ser humano de suas grandes potências enquanto gênero, em decorrência do modo de produção e reprodução da vida, e como isso se inter-relaciona com as condições corporais socialmente engendradas, apontando a necessidade urgente para que os sujeitos se apropriem de uma consciência corporal que compreenda sua unidade psicofísica vital, de modo a fornecer condições primárias para ações efetivas – e sociais – para dar fim ao capitalismo.

O recurso de compreender a discussão dos autores que pesquisam o corpo e que foram tratados no capítulo três, pôde nos fornecer bases capazes de identificar, em tais referências, apontamentos críticos sobre a relação do ser humano com a consciência sobre o próprio corpo e caminhos interventivos como “soluções” às questões brevemente problematizadas. Todavia, não foi possível verificar um aprofundamento dos autores sobre a análise das estruturas que condicionam os problemas identificados, figurando como produções teóricas e práticas que parecem se pautar em um cunho meramente denunciativo. Além disso, ainda que propositivo no sentido prático do trabalho de conscientização, não consideramos que a simples intervenção por meio do trabalho corporal seja capaz de dirimir os problemas relativos ao corpo e a consciência, principalmente pelo aspecto histórico e social de sua gênese. Nesse sentido, esse trabalho se empenhou em preencher essa lacuna localizada nas teorias que tratam sobre o tema da corporeidade, a fim de fornecer bases para complementar a dimensão complexa de problemas facilmente identificados por quem trabalha com consciência corporal, mas não aprofundados no que toca à gênese constitutiva do estranhamento.

Acerca de práticas e ações interventivas, muito se discute no sentido de transformar as estruturas sociais e rearranjar o cenário objetivo para a modificação de comportamentos, costumes, ações. Nesse sentido, considero válido mencionar um aspecto que pude perceber em minha graduação no curso de Direito e que se relaciona diretamente com essa questão: durante o curso, pude perceber que ainda era muito incipiente a compreensão da complexidade que consiste na tentativa de “regulamentar a realidade” a partir de postulados jurídicos. Para além do que se estabelece como leis e princípios norteadores da ordem jurídica e social, há outras objetivações sociais que, junto à ordem jurídica, determinam conjuntamente a realidade. As relações sociais também estão relacionadas a tais determinações da realidade e, junto a elas, os fenômenos ideológicos que afetam as subjetividades. Dessa maneira, o apontamento de ações desatreladas da totalidade, que se constitui através de complexos de complexos, não nos parece surtir efeitos consideravelmente transformadores dos problemas em questão.

Assim, reafirmo a urgência na continuidade dos esforços da construção de conhecimento que se comprometa com uma efetiva transformação da realidade, ainda mais nas esferas públicas de produção, como é o caso do contexto em que esse livro foi escrito. Nesse sentido, a aproximação possível da realidade em sua totalidade – em suas dimensões objetivas e subjetivas – é fundamental para que se construa um “olhar nítido” do ponto em que estamos para formular o caminho emancipatório que queremos chegar.

Por fim, esse livro foi escrito, originalmente, no formato de uma dissertação de mestrado no programa de pós-graduação em Serviço Social que, com auxílio das ricas contribuições teórico-metodológicas, foi possível refletir, conhecer e elaborar acerca

do tema em questão. Tal como mencionamos no capítulo quatro, a contribuição deste trabalho para a área se direciona no sentido de apresentar bases teóricas importantes para o tratamento de questões referentes às subjetividades. Além disso, buscamos demonstrar alguns mecanismos práticos que se utilizam de recursos artísticos que, por sua vez, são bastante caros à área como forma de intervenção profissional.

A atuação que embasou o estudo de campo desse trabalho não parte da prática de uma assistente social. Entretanto, só foi possível que fosse realizada a partir das bases extraídas na especialização desse curso, onde o mapeamento de uma análise histórica-social se compromete com a máxima extração possível das determinações que constituem a sociabilidade.

Durante o confronto com as questões que se apresentavam na prática profissional de professora de dança, em diversos momentos foi possível contradizer circunstâncias naturalizadas que partem, na verdade, de uma nítida ilustração do estranhamento projetado sobre a dimensão corporal, tal como alguns argumentos que situam a aptidão para realizar movimento na esfera de “talentos naturais”, nas frustrações diante de dificuldades que são interpretadas como incapacidades impossíveis de serem transformadas em habilidades e, também, de concepções advindas de reificações cotidianas condutoras de estranhamentos que se impregnam na esfera subjetiva, limando as possibilidades de conceber as condições corporais como potência, mas sim, interpretando-as como limites.

O que concluímos é que apesar de qualquer janela que possa ser aberta para várias outras discussões, a questão da relação do ser humano com o próprio corpo é um ponto que carece urgentemente de ser observado e analisado para formulações interventivas efetivas. Me refiro aqui ao desenvolvimento de uma educação corporal que seja capaz de oferecer caminhos e instrumentalidades em que as pessoas saibam minimamente manejar a dimensão de suas próprias corporeidades, ocultada diante das dinâmicas que são socialmente engendradas. Além disso, a mera habilidade acerca da utilização do corpo não configura o anseio que buscamos exprimir nesse trabalho. Tal como Lukács lecionou ao tratar da generidade *para si*, o que acreditamos é na necessidade de sobrepor a reatividade corporal primária, que luta para sobreviver, a uma atividade de percepção consciente e sensível, que seja capaz de conduzir a escolhas cada vez mais sóbrias para possibilitar elementos necessários ao referido “salto” no autodesdobramento, iniciando a constituição da “verdadeira história da humanidade” que não pressuponha o próprio sacrifício da vida humana.

# POSFÁCIO

A revisão do presente trabalho foi realizada após quase dois anos desde a decretação de pandemia<sup>22</sup> em decorrência do contágio pelo Corona Vírus (SARS – Covid-19) no ano de 2020, quando instaurou-se uma conjuntura muito agravada das condições de reprodução da vida social e das individualidades. Aspectos que constam no texto, acerca da análise contemporânea sobre os estranhamentos e, também, quanto ao estudo de campo, refletem uma ocasião profundamente diferente da que se transcorreu desde o advento desta pandemia que, ainda, permanece em vigência.

Algumas transformações ocorridas desde a decretação de pandemia devem ser mencionadas aqui, de modo a situar o leitor em aspectos importantes do debate. O primeiro deles diz respeito à piora das condições de vida,<sup>23</sup> de impacto mundial, e, principalmente, no que se refere aos trabalhadores. Isto porque, a manutenção das posições vitais cotidianas – devidamente analisada neste trabalho, em seus problemas na sociabilidade do capital – foi acrescida de repercussões relativas ao risco do contágio por um vírus que foi capaz de subtrair a vida de milhões de pessoas.<sup>24</sup> Além disso, tal conjuntura, no caso brasileiro, vem ocorrendo junto à gestão exercida pelo governo negacionista do Presidente Jair Messias Bolsonaro, que operou diretamente<sup>25</sup> para facilitar a contaminação pelo vírus e dificultar a manutenção da vida da população brasileira a partir da estratégia ideológica de uma suposta – e falsa – dicotomia entre economia e saúde pública.

- 
- 22 Decretada no dia 11 de março de 2020. Ver em: Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: fev. 2022.
- 23 Nesse sentido, publiquei uma análise intitulada *Estranhamento corporal e seu agravamento na reprodução social com a pandemia de covid-19*, nos anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo – “O futuro exterminado? Crise ecológica e reação anticapitalista”, realizado em formato online em agosto de 2021 pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ver em: Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2021. Disponível em: [https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2021/Anais\\_MM2021/MC19\\_2.pdf](https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2021/Anais_MM2021/MC19_2.pdf). Acesso em: fev. 2022.
- 24 Em específico, no Brasil foram 642 mil óbitos até o presente momento. Ver em: Painei Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: fev. 2022.
- 25 A respeito dessa afirmação, sugiro a leitura da pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (Cepedisa) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, conjuntamente com a Conectas Direitos Humanos, onde foi avaliado, em formato de linha do tempo, um acervo com mais de 3 mil normas relativas à pandemia emitidas pelo Governo Federal em que verificou-se uma conduta negacionista. Ver: PESQUISA identifica estratégia do Executivo federal em atrapalhar combate à pandemia. 22 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/pesquisa-identifica-estrategia-do-executivo-federal-em-atrapalhar-combate-a-pandemia/>. Acesso em: fev. 2022.

Em segundo lugar, nesse ínterim, houve uma significativa profusão de eventos *on-line* – alternativa de manutenção dos contatos frente ao isolamento físico – de diversas áreas, contribuindo para a possibilidade de criação de muitas redes nacionais e internacionais na produção de conhecimento. Nesse sentido, o campo de discussões teóricas relativas à técnica que descrevo no capítulo quatro se ampliou, ocorrendo muitas iniciativas determinantes para a realização de divulgações científicas, ensino à pesquisa acadêmica e discussões a respeito do tema que, até então, contava com uma insuficiente – porém existente – produção teórica. Destaco, como relevante acontecimento para o campo, o primeiro simpósio da área – e, também, primeiro evento nacional exclusivamente teórico –, coordenado por mim e coorganizado por Alice Ruffo, Ana Terra de Leon (UFSC), Guilherme Baraúna e Luciana Vale Canavez (UFSJ). Trata-se do *Praksis – Simpósio Brasileiro de Fusões Tribais*,<sup>26</sup> ocorrido entre os dias 27 a 31 de julho de 2020. Ocorreram nove palestrantes<sup>27</sup> de profissionais consolidadas na área e pesquisadoras acadêmicas do tema, além de ter contado com inscrições de quinze estados brasileiros, cinco regiões e quatro países. A ênfase do simpósio foi discutir aspectos culturais da dança de forma crítica, a responsabilidade do ensino e suas contradições frente à realidade brasileira. Ao final, todas as palestrantes – também dançarinas do estilo – performaram fusões com músicas brasileiras. Além disso, houve a segunda edição entre os dias 01 e 03 de fevereiro de 2021 com o tema “Discussões na cena tribal em 2020”. Nessa oportunidade, foram convidadas produtoras de eventos teóricos<sup>28</sup> que ocorreram no ano de 2020 e profissionais<sup>29</sup> determinantes na consolidação do estilo no Brasil, que foram entrevistadas e puderam debater sobre as transformações em curso na área.

Dessa maneira, efetuar a revisão atualizada para esta publicação – originalmente escrita entre os anos de 2017 e 2019 –, seguindo o rigor da manutenção da integridade do texto, implicou em conservar aspectos que, atualmente, foram transformados por profundas determinações advindas com os destaques mencionados.

Nesse sentido, considerei a pertinência da escrita desse posfácio para acrescentar informações capazes de aprimorar o entendimento do trabalho desenvolvido, de modo a demonstrar que uma produção teórica é reflexo das condições objetivas

---

26 Disponível em: <https://www.instagram.com/simposiopraksis/>. Acesso em: fev. 2022.

27 Ana Clara Oliveira, Ana Terra de Leon, Lailah Garbero, Luciana Canavez, Mari Garavelo, Natália Espinosa, Paula Braz, Raissa Medeiros e Thaisa Martins.

28 Os eventos em destaque foram: o curso sobre História da Dança realizado pelo Coletivo Hunna (composto pelas historiadoras Ana Terra de Leon - que também compôs a organização do Praksis -, Jéssica Prestes, Naiara Rotta Assunção e Nina Paschoal); o Fórum Tribal (dirigido por Thaisa Martins); os debates através de *live* sobre “Ética na Dança” (realizado por Cibelle Souza, diretora da Cia Shaman); a Convenção Carioca de Dança Tribal e Fusões (organizado por Jessie Ra'idah);, além do próprio Simpósio Praksis (representado por mim, como coordenadora, e pelas coorganizadoras Ana Terra de Leon e Luciana Vale Canavez.

29 Aline Muhana (RJ), Bia Vasconcelos (BA) e Rebeca Piñeiro (SP).

e maturidade intelectual do autor no momento de sua escrita, sendo passível de atualizações importantes ao exercício científico, tal como objetivei demonstrar nesse livro.

*Lailah Garbero de Aragão*

# REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Gerda. *Eutonia: um caminho para a percepção corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ANTUNHA, Elsa Lima Gonçalves. *Propriocepção: um conceito de vanguarda na área diagnóstica e terapêutica*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v28n2/v28n2a15.pdf>. Acesso em: mai. 2019.

ASGARD, Aerith. *ATS vs. Tribal Fusion*. Disponível em: <http://aerithtribalfusion.blogspot.com/2013/07/ats-vtribal-fusion.html>. Acesso em: mai. 2019.

BAPTISTA, Thaís da Silva. *A dança do ventre: movimento e expressão*. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BENJAMIN, Roberto. *Conceito de Folclore*. Projeto Encontro com o Folclore. Unicamp, 2011. Disponível em: [https://www.unicamp.br/folclore/material/extra\\_conceito.pdf](https://www.unicamp.br/folclore/material/extra_conceito.pdf). Acesso em: fev. 2022.

CAMARGO, Maria Isabel Saczuk. *Vivência – O corpo na dança flamenca*. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). *Anais. 19º Congresso Brasileiro e 3ª Conveção Brasil-Latinomérica de Psicoterapias Corporais*. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014.

CAMPOS, Álvaro de. *Arquivo Pessoa*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/521>. Acesso em: set. 2019.

CANARIN, Silvia de Rezende. *Israel Galván: Poética Em Metamorfose*. 134f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DA CONCEIÇÃO, Débora Guimarães. *O serviço social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social*. *Serviço Social em revista*, v. 12, n. 2, p. 50-67, 2010.

DE ALMEIDA, Paulo Henrique Foppa et al. *A alongamento muscular: suas implicações na performance e na prevenção de lesões*. *Fisioterapia em Movimento (Physical Therapy in Movement)*, v. 22, n. 3, 2009.

ESPINOSA, Natália. *Jamila e o legado Salimpour*. Disponível em: <https://congresso-tribal.com/2018/01/29/jamila-e-o-legado-salimpour/>. Acesso em: mai. 2019.

ESTEVES, Bibiana Andrade. *Dança flamenca: corpo, técnica e estética*. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FELDENKRAIS, Moshe. *Consciência pelo Movimento*. São Paulo: Summus, 1977.

FERREIRA, Tamiris Aline et al. *Dança Tribal–Corpo, movimento e aprendizado: trajetórias e narrativas de bailarinas de Florianópolis/SC*. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

FERRY, Luc; RENAULT, Alain. *Pensamento 68*. São Paulo: Ensaio, 1988.

GROSSI, Patrícia Krieger; DE ALMEIDA, Eliane Moreira. *Serviço Social e arte: possibilidades e desafios da intervenção profissional*. *Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social*, v. 1, n. 1, 2019.

HERNÁNDEZ BARBERENA, Erika Leticia. *A dança flamenca: uma experiência de ensino-aprendizagem*. 139f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

IDANÇA. *Idança.Doc com Angel Vianna*. Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0KnBfbeGfvY&t=97s>. Acesso em: mar. 2018.

IMBASSAÍ, Maria Helena. *Consciência Corporal: Sensibilidade e consciência no mundo contemporâneo*. In: CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; e GOMES, S. *Dança, Educação e Movimento*. São Paulo: Cortez, 2008.

JOHNSON, Don. *Corpo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LABAN, Rudolph. *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

LABAN, Rudolph. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus. 1978.

LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LUKÁCS, György. *Para uma Ontologia do Ser Social*. Vol.2. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTINS, Cleide. *Improvisação dança cognição: os processos de comunicação no corpo*. 129f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.



MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MILLER, Jussara. *A escuta do corpo: Sistematização da Técnica Klauss Vianna*. São Paulo: Summus, 2016.

OLIVEIRA, Priscilla Rodrigues de. *A Instrumentalidade do Serviço Social - A arte como Intervenção Social Emancipatória e Instrumento Inovador para o Trabalho da(o) Assistente Social*. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PIÑEIRO, Rebeca. *História do tribal parte 1*. Disponível em: <http://blogcampodastribos.blogspot.com/2013/07/historia-do-tribal-parte-1.html>. Acesso em: mai. 2019.

PIÑEIRO, Rebeca. *História do tribal parte 2*. Disponível em: <http://blogcampodastribos.blogspot.com/2013/11/historia-do-tribal-parte-3.html>. Acesso em: mai. 2019.

PIÑEIRO, Rebeca. *História do tribal parte 3*. Disponível em: <http://blogcampodastribos.blogspot.com/2013/11/historia-do-tribal-parte-3.html>. Acesso em: mai. 2019.

RAMOS, Enamar. *Angel Vianna: A pedagoga do corpo*. São Paulo: Summus, 2007.

RENGEL, Lenira. *Dicionário Laban*. São Paulo: Annablume, 2003.

SALGUEIRO, Roberta da Rocha. *“Um longo arabesco”*: corpo, subjetividade e transnacionalismo a partir da dança do ventre. 191f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

TEIXEIRA, Leticia. Consciência do Movimento. In: CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; e GOMES, S. *Dança, Educação e Movimento*. São Paulo: Cortez, 2008.

VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

# **SOBRE A AUTORA**

Lailah Garbero de Aragão é Graduada em Direito pela Faculdade Metodista Granbery, instituição que atua, atualmente, como docente do curso de Direito. Mestre e doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pós-Graduada em Metodologia Angel Vianna (MAV)- Conscientização do Movimento e Jogos Corporais pela Faculdade Angel Vianna- Rio de Janeiro.